

Maria Angelica Toledo Groth

A DRAMÁTICA DO SOFRIMENTO HUMANO
UMA LEITURA DA CRISTOLOGIA RECENTE DE EDWARD
SCHILLEBEECKX

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Luiz De Mori

Apoio Capes

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Belo Horizonte

2014

Maria Angelica Toledo Groth

A DRAMÁTICA DO SOFRIMENTO HUMANO
UMA LEITURA DA CRISTOLOGIA RECENTE DE EDWARD
SCHILLEBEECKX

Dissertação apresentada ao departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisição parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Luiz De Mori

Apoio Capes

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Belo Horizonte

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Groth, Maria Angelica Toledo

G881d A dramática do sofrimento humano: uma leitura da cristologia recente de Edward Schillebeeckx / Maria Angelica Toledo Groth. - Belo Horizonte, 2014.

136 p.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Luiz De Mori

Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.

1. Cristologia. 2. Sofrimento. 3. Schillebeeckx, Edward. I. De Mori, Geraldo Luiz. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título

CDU 232

Ao Deus trino, redentor e libertador, por se deixar fazer presença salvífica e amorosa ao longo do meu caminho de vida: feliz e sofrida.

À minha família, por sempre aceitar minhas escolhas de vida. Especialmente a meus irmãos e irmã que acolheram, ternamente e cuidadosamente, o meu sim missionário. A meu pai Jorge (in memoriam), que fomentou a fé cristã em mim, e a minha mãe Marlene, que me ensinou a lutar pela vida e nunca recuar perante os obstáculos.

Ao meu esposo Jandir, pelo companheirismo, cumplicidade e partilha de vida, sendo ele, o suporte necessário para atingir meus objetivos.

Ao Pe. Cláudio Paul, por ter-me sustentado com afeto paternal nos momentos mais sombrios de minha vida.

Ao meu orientador Prof. Dr. Geraldo De Mori, pela paciência cristã diante minhas dificuldades e limitações, e pelos ensinamentos com os quais me guiou na vida acadêmica e neste projeto.

Ao Instituto de Missionários Leigos, por ter-me inserido nas veredas teológicas e pelo apoio financeiro.

À CAPES, que financiou parte de meus estudos.

Aos funcionários da FAJE, em especial os membros da Biblioteca Pe. Vaz pelo sorriso e apoio às pesquisas, e aos professores por contribuírem na minha caminhada acadêmica.

A comunhão de vida do Pai e do Filho se estende até a comunhão mútua dos crentes [...] A distinção do cristianismo tem seu fundamento último no amor mútuo dos cristãos, que é reflexo do amor mútuo entre o Pai e o Filho e participação no mesmo; porque Jesus se entregou até a morte, os cristãos foram acolhidos nesse amor [...] o amor fraterno e a unidade eclesial se apoiam em uma união vital com Deus em Cristo [...] também os cristãos participam da glória que Jesus recebeu de Deus.
(Edward Schillebeeckx, *Cristo y los cristianos*)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo o estudo do ser humano enquanto sofre, e que no sofrimento se relaciona com Deus. A questão do sofrimento é uma grande incógnita para a humanidade. Ela busca, por meio de diferentes instrumentos, alcançar respostas adequadas. Compreender a existência do mal e do sofrimento por ele provocado tem se demonstrado uma tarefa árdua. As ciências intentaram várias respostas e nenhuma delas se revelou adequada. Teístas buscam em Deus um aporte para a questão do sofrimento humano. No intuito de compreender a relação ser humano-Deus, no que se refere à dramática do sofrimento, faremos uma leitura da obra cristológica recente de Edward Schillebeeckx no que tange ao sofrimento de Jesus de Nazaré, visto por muitos como relato de Deus. O sofrimento daqueles com os quais conviveu e para os quais foi terapêutica e cura. Por fim, chegamos à questão do sofrimento hodierno. Bem como a experiência feita pelos cristãos da contínua ação salvífica de Jesus Cristo em suas vidas e na vida das comunidades. Deus esteve vinculado com a humanidade no passado. Para ela enviou seu Filho. Deus mantém este vínculo e ainda é um caminho terapêutico. Ele o faz na história por meio de Cristo, do Espírito Santo e da Graça, que transformam a história do sofrimento em real possibilidade de libertação e cura.

Palavras-chave: sofrimento, solidariedade, salvação, redenção, libertação, cristologia, Edward Schillebeeckx

ABSTRACT

This paper aims to study the human being while suffering, and in the suffering moments relates to God. The suffering subject is a big unknown to mankind. It seeks, through different ways to achieve adequate answers. Understanding the existence of evil and suffering caused by it, has been an hard task. Science tried several answers and none of them proved suitable. Theists seek in God a contribution to the question of human suffering. In order to understand the relationship between human being and God, regarding the dramatic suffering, we will make a Christological reading of the recent work of Edward Schillebeeckx concerning the suffering of Jesus of Nazareth, seen by many as God narrative. The suffering of those with whom He lived and for which it was therapeutic and healing. Finally, we come to the question of today's suffering, as well as the experience made by the Christians of the continued saving action of Jesus Christ in their lives and in the life of the communities. God was linked with humanity in the past. For her, He sent his Son. God keeps this bond and is still a therapeutic way. He does it in history through Christ, the Holy Spirit and Grace, which transform the history of suffering in a real possibility of deliverance and healing.

Keywords: suffering, solidarity, salvation, redemption, deliverance, Christology, Edward Schillebeeckx

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
------------------------	-----------

CAPÍTULO I

O ANÚNCIO DO REINO DE DEUS COMO BOA NOTÍCIA DA CURA TERAPÊUTICA SEGUNDO

SCHILLEBEECK.....	17
--------------------------	-----------

1 Prelúdio à formação do Reino de Deus e a vinda de Jesus como sua realização.....	18
---	----

2 Jesus que se compadece do sofrimento humano.....	22
---	----

2.1 Jesus relato de Deus.....	23
-------------------------------	----

2.2 Ser humano: sinal da ação salvífica de Deus.....	32
--	----

3 Jesus solidário com os que sofrem.....	41
--	----

3.1 Deus que se comove com o sofrimento humano.....	42
---	----

3.2 A vida de Jesus marcada pela relação com o próximo.....	46
---	----

CAPÍTULO II

O MISTÉRIO PASCAL DE CRISTO NA

CRISTOLOGIA DE SCHILLEBEECKX.....	56
--	-----------

1 Preâmbulo: o evento Jesus como <i>locus</i> da cristologia.....	57
---	----

2 Jesus que sofre.....	59
2.1 Jesus que padece e o Deus que se com-padece.....	60
2.2 A experiência humano-existencial de Jesus perante sua morte.....	65
3 A perspectiva da cruz.....	71
3.1 A obra de Jesus consumada na cruz.....	72
3.2 A leitura cristã dos efeitos salvíficos e terapêuticos da cruz e morte de Jesus.....	78
4 Deus que responde ao sofrimento humano.....	81
4.1 Jesus, a resposta de Deus para o sofrimento humano.....	82
4.2 O ser humano que se deixa afetar pelo amor redentor de Deus e percebe na sua revelação o suporte para o sofrimento.....	85

CAPÍTULO III

INTERPRETAÇÃO DAS COMUNIDADES NEO-TESTAMENTÁRIAS

DA AÇÃO SALVÍFICA DE CRISTO E A LEITURA DE

SCHILLEBEECKX DA *EKKLESIA* DE DEUS.....90

1 A fé em Jesus Cristo e na salvação por ele ofertada como fundamento para a formação das primeiras comunidades.....	91
2 A leitura das comunidades paulinas do evento Jesus e da graça ofertada por Deus.....	96
3 A releitura da ação de Jesus – o sofrimento do justo em favor dos demais.....	103
3.1 A primeira carta de Pedro.....	104
3.2 A inseparável relação entre Graça, Cristo e Espírito.....	107
4 O sofrimento humano e a revelação de Deus.....	110

4.1 A história humana em direção à libertação.....	111
4.2 Igreja como espaço de relação e terapêutica por meio da revelação Salvífica de Deus.....	120
5 O drama do sofrimento hodierno.....	122
5.1 A busca incessante de interpretações para a questão do sofrimento e do mal.....	123
5.2 A memória comunitária de Jesus como “ <i>Cristoterapia</i> ” para superar o sofrimento e suas causas.....	125
CONCLUSÃO.....	129
BIBLIOGRAFIA.....	134

INTRODUÇÃO

Deus disse: “Façamos o homem e a mulher à nossa imagem e semelhança [...] Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou. [...] Deus os abençoou [...] Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom (Gn 1,27-31a).

A presente pesquisa é fruto de uma inquietação pessoal: o pressuposto bíblico de que o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus. Foi criado, bom... muito bom. Isso é instigante e se torna mais ainda com os posteriores relatos neo-testamentários, onde se vê o início de uma nova afirmação sobre o ser de Deus, que adquire concretude textual em 1Jo 4,8: “aquele que não ama não conheceu a Deus porque Deus é amor”. Ao fazermos um entrelaçamento entre o relato do Antigo Testamento que afirma a criação do ser humano à imagem e semelhança de Deus, e o texto de São João, concluímos que o ser humano é essencialmente bom, de uma bondade amorosa. O que nos intriga nesta questão é justamente o ponto contrário a esta conclusão. Nosso foco de interesse é a questão do mal. Não nos interessa buscar compreender o mal em si, mas o mal naquilo que de mais cruel produz no ser humano: o sofrimento.

O título de nosso trabalho *A dramática do sofrimento humano* demonstra exatamente esse interesse. O sofrimento humano se desdobra na história e se insere no horizonte do sem-sentido, do drama. O sofrimento oprime e escraviza homens e mulheres ao longo do tempo. Estes sempre se mostraram inquietos com todo o mistério que ronda a temática do sofrimento. A humanidade busca continuamente por respostas que possam satisfazer o desejo de entender de onde surgem tanto mal e sofrimento. Para os teístas esta questão se agudiza, visto que cremos na intrínseca bondade de Deus criador, não podendo, então, lhe ser imputada qualquer tipo de responsabilidade. Assim, não sendo Deus a razão para a existência do mal, este só pode estar relacionado com a condição humana, pelo uso incorreto da liberdade. Uma liberdade que não é a liberdade libertada querida por Deus, mas

um liberdade que promove exclusão, opressão, alienação... pontos que produzem muito sofrimento.

Não é somente o sofrimento humano de modo geral que nos motivou a desenvolver esta pesquisa. Nossa história pessoal de sofrimento foi o ponto culminante para iniciar uma jornada em busca de compreensão. Primeiramente tentamos encontrar essa resposta no universo da Psicologia, que muito respondeu, mas não totalmente, à angústia existencial, à dor do sofrimento do não-sentido, que desembocou no sofrimento físico. A insatisfação da resposta levou a buscar na Filosofia uma solução. Esta, mesmo com os diversos tratados sobre a questão do mal, da existência humana, da metafísica, não colocou um ponto final na questão. Descobrimos na Teologia um ensaio de resposta para boa parte das questões que nos inquietavam. E sobretudo, na compreensão do sofrimento humano de Jesus de Nazaré. Sua dor existencial e a agonia no Horto, muito nos revelou. A vida de Jesus torna-se paradigma para todos aqueles que encontram em Deus a cura para os diferentes tipos de sofrimento.

Edward Schillebeeckx entra, neste cenário, a partir das aulas de Cristologia e o contato com sua obra *Jesus: a história de um vivente*. Seu texto nos revelou a história de um homem que tem a firme convicção de realizar o bem na terra, de fazer valer o direito e a justiça onde eles se encontravam subjugados por um sistema social excludente. Este homem, bom, justo, que realiza o bem em sua história, sofre. O pensamento de Schillebeeckx, apesar de não constituir-se como teologia dramática, está em franco diálogo com a história. Em sua obra cristológica recente ele elabora uma cristologia narrativa partindo dos textos neotestamentários, lidos com as questões da atualidade. Deste modo, ele tornou-se um excelente interlocutor para pensar a questão do sofrimento, não só na vida de Jesus de Nazaré, o Cristo, mas também em nossos dias.

Em uma rápida leitura de alguns exemplares da obra cristológica do teólogo belga nos deparamos com uma afirmação muito contundente a respeito do sofrimento: “o sofrimento é uma realidade brutal, um escândalo teoricamente inexplicável” (1982, p. 738). Mas esta realidade atroz pode ser causa motora para ações futuras de salvação. O ponto de partida é sempre a liberdade divina para a salvação. Essa liberdade ganha forma na pessoa de Jesus. Ele, com seu modo peculiar de agir, de curar e de conviver com o outro humano, demonstrou, por sua práxis de sempre fazer o bem, que a salvação pode ser antecipada por uma vida libertada. Uma vez que as experiências de falta de sentido, de absurdo e sofrimento

geram movimentos, possuem força provocadora que produzem ações e reações em busca de salvação e felicidade (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 776).

Segundo o pensamento de Schillebeeckx, a história do sofrimento humano provoca questões a respeito do sentido e do sem-sentido da vida humana. Muitos buscam na existência livre a forma de expressão do sentido. O cristianismo abre espaço para este tipo de argumentação. Para a fé oriunda do Mistério Pascal de Cristo é preciso falar de liberdade dentro de um processo de libertação na história concreta dos homens. É somente na concretude do existir humano que pode acontecer o processo de libertação e de salvação. Nesse processo há uma particularidade e uma universalidade imbricadas de modo singular, visto que a libertação de uma pessoa implica simultaneamente a possibilidade de libertação de todo o gênero humano.

Estando clara a opção pelo autor, propomos, então, trabalhar sua cristologia recente. Esta foi relida de modo sistemático, a partir de três momentos de sua constituição: o anúncio da Boa Nova na pessoa de Jesus Cristo, o abandono e sofrimento do Nazareno, e a “cristoterapia” oferecida em Cristo aos sofredores, tendo como lugar propício para ação a sua Igreja. Antes de abordarmos os passos a serem desenvolvidos, faremos uma breve apresentação do autor e de alguns pontos de sua obra cristológica.

Edward Cornelis Florentius Alfons Schillebeeckx nasceu em 1914, na Antuérpia, Bélgica. Foi frade dominicano e teólogo. Morreu em 2009. A vida intelectual de Schillebeeckx foi muito movimentada, de estudante a professor e escritor. O ponto que nos interessa é o seu ser escritor. O pensamento teológico de Schillebeeckx pode ser descrito em dois períodos distintos. O primeiro engloba os vinte anos iniciais de sua carreira (1946-1966). Essa fase, chamada pelos estudiosos da biografia de Schillebeeckx de neotomista é marcada pela valorização da antropologia e pelo resgate de importantes aspectos a ela relacionados: a corporeidade, a intersubjetividade e a transcendência. Para o dominicano, o ser humano só se realiza dentro da sua realidade mundana e na transcendente busca de Deus. Este é o ponto que julgamos relevante neste período intelectual de Schillebeeckx (porque percebemos a influência desta temática em seus escritos posteriores). Não nos deteremos nele porque é o segundo período de seu pensamento que nos interessa.

O segundo período foi chamado de hermenêutico-cristológico. A primeira fase, a hermenêutica, se caracteriza por uma volta aos valores primordiais da vida humana. De acordo com Gibellini, a hermenêutica proposta por Schillebeeckx é existencial e permite a

existência humana autêntica dentro do contexto de fé (1994, p. 379). No contexto de fé é preciso mantê-la viva e não fechada dentro do dogma pelo dogma. Para a conservação de uma fé viva e atuante não se pode apegar aos textos em seu contexto passado, mas lê-los à luz do pensamento contemporâneo, onde o significado dos dogmas são interpretados dentro do contexto histórico no qual cada um se encontra inserido. E mais, eles devem falar algo significativo àqueles que os professam, de modo a existir uma *hermenêutica existencial* que desemboca na *hermenêutica da práxis* (cf. VASCONCELOS, 2009, p. 28). A hermenêutica valoriza, assim, a Revelação e a salvação em sua atualização das experiências de fé.

Para o teólogo belga, a mensagem dos textos sagrados e a interpretação de seus conteúdos que geram o dogma se dá por uma experiência imediata-mediada. A partir dos textos, os cristãos experimentam a salvação vinda de Deus. Da parte de Deus é sempre uma ação imediata, mas recebida de modo mediato no mundo humano, nas experiências humanas (cf. GIBELLINI, 1994, p. 391). Em seguida ao pensamento hermenêutico vem o cristológico. Nesta área da Teologia ele acentua o modelo prático e pastoral. Schillebeeckx mantém em seu horizonte de estudo a vertente antropológica, e em sua cristologia parte do ser humano Jesus de Nazaré. Acredita que o conhecimento da história da pessoa de Jesus abre novas perspectivas para a vida humana.

Para nosso autor, as vertentes dogmáticas e soteriológicas, a proclamação de fé que Jesus é o Cristo, só têm sentido vistas à luz do Jesus histórico, que com sua vida preencheu de sentido a história humana. É centrado na pessoa humana de Jesus e nos homens que com ele interagem, direta ou indiretamente, que se realiza a cristologia. Ela é narrativa. O teólogo antuerpiano parte do dado Jesus para depois chegar à tradição dogmática. Ele faz uma leitura a partir do fenômeno histórico Jesus, passa pelas primeiras proclamações de fé, pelas primeiras comunidades cristãs, e chega ao cristianismo hodierno (cf. GIBELLINI, 1994, p. 385). Somente tendo em vista todo o desenvolvimento do querigma pode-se compreender a Igreja.

O que nos interessa no escopo da obra cristológica de Schillebeeckx é o que foi denominado como sua cristologia recente. Especificamente o conjunto formado pela trilogia cristológica, as obras *Jesus: a história de um vivente* (1974), *Cristo y los cristianos: gracia y liberación* (1977) e *História humana: revelação de Deus* (1989). Os três tomos são os textos que perpassam nosso estudo. Não usaremos outras fontes além destas, visto não termos encontrado bibliografia significativa que desenvolva o tema do drama que é o sofrimento

humano na obra de Schillebeeckx. Essas três obras nos chamaram a atenção porque contêm o cerne do pensamento cristológico de nosso autor e conjuntamente abordam todos os pontos de nossa pesquisa. Em *Jesus*, Schillebeeckx desenvolve uma nova busca pelo Jesus histórico, relata todo o sofrimento (seu próprio sofrimento e o sofrimento em solidariedade com a humanidade) do Galileu e suas relações com outros homens e com Deus. Este é o ponto de partida para a proclamação eclesial de que Jesus, morto por crucifixão, ressuscitou dentre os mortos, está vivo em meio à comunidade. Esta é a temática do segundo tomo da trilogia cristológica proposta por Schillebeeckx. Intenta-se uma forma de “biografia” do cristianismo, o encontro do crente com o Jesus pós-pascal – o cristão e o Cristo ressuscitado e exaltado. O livro ressalta a participação dos cristãos na redenção, libertação e graça ofertada a eles por Deus. Perpassa as experiências de fé e cura dos primeiros cristãos e dos fieis de hoje. Já a terceira obra evidencia a importância da vida eclesial como lugar de encontro com o amor de Deus pelo seu povo e sinal da solidariedade entre as pessoas. Demonstra que o mundo é por excelência onde se realiza a salvação para homens e através de homens.

Para desenvolvermos a questão da *Dramática do sofrimento humano* esboçaremos em três capítulos a relação de Jesus com o sofredores, com o seu próprio sofrimento e a leitura que a Igreja faz desse evento e de seu efeito soteriológico. Começaremos abordando a temática do Reino de Deus, cujo desenvolvimento histórico inicia-se com o anúncio de Jesus de Nazaré, da Boa Nova de Deus. O Reino de Deus é lugar de cura e salvação para os homens oprimidos, escravizados, sofredores. Deus volta sua face para o sofrimento humano e aos homens dirige sua salvação. No humaníssimo Jesus, ele demonstra o seu compadecimento pela criatura decaída pelo pecado. É na história de vida de Jesus, na sua relação com o próximo que o Nazareno se apresenta como o relato de Deus. Jesus é aquele que faz da sua vida o ponto revelador de um Deus que é Pai. Ele não se curva perante as imposições de uma sociedade classicista. Afirma que o Reino de Deus é para todos, incluindo os pecadores e marginalizados em um projeto de libertação e terapêutica. Jesus convive com os socialmente excluídos, come com eles, festeja com eles. É o ser de Jesus que visibiliza, para as pessoas, o modo como Deus se preocupa com a obra da criação.

Já no segundo capítulo, o foco de nossa atenção é o Mistério Pascal de Cristo na visão de Schillebeeckx. Buscamos compreender o desenvolvimento desse tema à luz da vida de Jesus. Para nosso autor, ela é a chave de leitura de todo o evento salvífico. Visto que é a vida de Jesus que leva à morte de cruz e somente após um evento traumático como a cruz a ressurreição ganha sentido e significado para a vida dos “com Jesus” e para a vida dos cristãos

de hoje. Buscamos entender os três pontos do Mistério Pascal de Cristo, a vida, a morte e a ressurreição na perspectiva do sofrimento. Não queremos dizer com isso que a ressurreição é sofrimento. Ao contrário disto, ela é resposta ao sofrimento imerecido de um justo que padece. Mas para chegarmos à ressurreição, passamos primeiro pelo sofrimento de Jesus. Ele, diante das estruturas de uma sociedade deturpada por uma aparente vida dentro da Lei, foi marginalizado. Mediante a recusa das autoridades judaicas, Jesus padeceu. Ele viveu momentos de extrema angústia perante a proximidade do fim trágico de sua vida. No entanto, o jovem da Galileia não retrocedeu, seguiu o seu caminho de vida, em obediência a Deus e em solidariedade à humanidade. A consequência de suas opções de vida o levaram à condenação de morte na cruz. A cruz de Jesus vista, em um primeiro momento, como escândalo e fracasso, não ficou sem resposta. Deus ressuscita Jesus dos mortos e abre a perspectiva da salvação universal para todos, não só os contemporâneos de Jesus, mas para toda a humanidade de todos os tempos. Em Jesus os homens encontram um liame que lhes permite ressignificar seus sofrimentos. Jesus é percebido como a resposta de Deus para o sofrimento de todo aquele que se deixa afetar por sua história de vida, felicidade, sofrimento e morte. Mas também, vida renovada, que revela Deus como suporte para todo sofrimento.

No último capítulo, temos como interesse as comunidades eclesiais que atestam Jesus como a salvação definitiva de Deus para toda a humanidade. Após o evento Jesus de Nazaré, com a proclamação de que o crucificado é o ressuscitado, vimos o surgimento e o fortalecimento de um movimento em torno a *memória Iesu*. Esse movimento tomou corpo com o passar do tempo e, então, veremos o surgimento das primeiras comunidades cristãs. Para este trabalho, priorizamos as comunidades paulinas e petrinas como modelos de percepção de toda graça ofertada por Deus em Cristo e da oferta salvífica pelo sofrimento do justo. Ainda neste capítulo, estudamos como a Igreja pode ser espaço de cura, a partir do momento em que abre espaço para o encontro entre duas histórias, a história de cada pessoa com a história de Jesus Cristo, que se nos manifesta como Graça vinda de Deus por meio do Espírito Santo.

Enfim, continuando o terceiro capítulo, apontamos que no drama vivido por milhões de pessoas nos dias de hoje, que buscam incansavelmente respostas para o mal e suas consequências, Jesus ainda fala. E sua fala é libertadora, redentora. Mesmo em um mundo globalizado, marcado pela tecnologia e pelos avanços científicos, o mal persiste em mostrar suas diversas facetas. E todo aparato técnico-científico não consegue pôr fim a esta realidade. Muitos são os que se sentem angustiados, solitários, excluídos, oprimidos... Para todos esses a

vida de Jesus ainda é paradigma de sentido mediante o sem-sentido histórico. Assim, percebemos que nesses dois últimos milênios a rememoração da vida de Jesus é fonte de alívio de todo padecer. Ou seja, a *memória Iesu* (o que engloba: vida, morte e ressurreição de Jesus e as primeiras proclamações do Senhorio de Jesus pelas primeiras comunidades que nos deram os textos neo-testamentários) é terapêutica e nos ajuda a superar toda a dinâmica do mal que gera sofrimento.

CAPÍTULO I

O ANÚNCIO DO REINO DE DEUS COMO BOA NOTÍCIA DA CURA TERAPÊUTICA SEGUNDO SCHILLEBEECKX

O anúncio da proximidade do Reino de Deus é o tema central da pregação de Jesus¹. As parábolas do Reino contidas nos evangelhos sinóticos demonstram como ele vai acontecendo progressivamente na história. No Reino de Deus não há espaço para o sofrimento, ele é lugar de cura e felicidade. Nele há uma igualdade essencial entre as criaturas, o único soberano é Deus. Para Schillebeeckx “soberania de Deus e reino de Deus são, pois, dois aspectos da mesma realidade” (2008, p. 135). A soberania de Deus acontece muito cedo na história humana, muito antes de Jesus. Porém, com Jesus surge a relação entre Deus e seu Reino como lugar de cura e terapêutica onde “Reino de Deus indica mais um estado definitivo de felicidade, visado pela ação salvífica de Deus [...] Deus é o Senhor da história, e ele, com plenos poderes, outorgou salvação aos seres humanos” (*ibid.*, p. 135). A salvação já está presente na realidade concreta das pessoas como cura dos males que acometem os seres humanos.

Dentro do contexto da dinâmica salvífica do Reino de Deus, o anúncio de Jesus revela os desígnios de Deus para a humanidade. Na tentativa de demonstrar como aparece na cristologia de Schillebeeckx o anúncio do Reino como a Boa Notícia que promove cura e salvação expor-se-á em dois pontos a atividade terapêutica de Jesus em seu ministério. Como abertura a estes pontos apresenta-se um preâmbulo da formação do Povo de Deus que precedeu a vinda de Jesus e como esta é o ponto central para o surgimento de um novo povo. Nos pontos seguintes procura-se demonstrar como se deu, efetivamente, a terapêutica por meio de Jesus. Como este homem singular se compadece com o ser humano sofrido e por ele

¹ Na obra *Por uma Igreja mais humana*, Schillebeeckx afirma que “para Jesus, o reino, encontra-se onde a vida humana se torna ‘realizada’, onde se cumpre a ‘salvação’ dos homens e das mulheres, onde a justiça e o amor começam a prevalecer e as condições escravagistas terminam” (p. 31).

age como salvação vinda de Deus. O vir de Deus manifesta Jesus como o relato do Pai. No entanto, Jesus não se fechou no seu caráter divino. Ele se fez solidário para com o sofrimento humano, deixou-se afetar pelo outro e com ele se relacionou. A cristologia desenvolvida por Schillebeeckx tem um matiz antropológico e demonstra que o ser humano é sinal da ação salvífica de Deus. É na humanidade de Jesus que a revelação de Deus se concretiza. A ação terapêutica de Jesus se dá em sua práxis de vida que possibilita a realização do Reino de Deus.

1 Prelúdio à formação do Reino de Deus e à vinda de Jesus como sua realização

A temática do Reino de Deus aparece de modo evidente na pregação de Jesus e Schillebeeckx a explicita em sua trilogia cristológica. Percebe-se, no entanto, a partir dos textos da Sagrada Escritura, que o reinar de Deus na história da humanidade tem seu início muito antes da vinda de Jesus. Os autores bíblicos percebem já na criação do céu e da terra e, sobretudo, na criação do ser humano o desejo de Deus pela realização de seu reino. Mesmo não utilizando o termo Reino de Deus, os livros do Antigo Testamento insistem na relação entre Deus e homens na perspectiva do Senhorio de Deus sobre todo universo. Este Deus se faz presente na história humana, de um modo mais próximo, a partir da formação de um povo, o Povo de Israel. Ao Patriarca deste povo foi prometida a bênção de Iahweh, terra e grande descendência, mas para isto é preciso que abandone tudo para seguir somente a Deus.

Iahweh disse a Abrão: “Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. Eu farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engrandecerei teu nome; sê uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem, amaldiçoarei os que te amaldiçoarem. Por ti serão benditos todos os clãs da terra. (Gn 12,1-2)

Schillebeeckx demonstra que esta ordem de deixar pai e terra se insere em um processo de conversão. Tal processo implica a ruptura com os vínculos antigos e uma adesão ao Deus que se revela (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 216). Com o povo, formado a partir

da descendência de Abraão², foi firmada uma Aliança na qual Deus se faz o único Deus e o povo se compromete na obediência, na adoração ao Senhor e no respeito mútuo. Todos os que aderem à fé em Deus são irmãos, descendentes do mesmo Patriarca, que abandonou pai e mãe na obediência irrestrita a Deus. Eles receberam os mesmos mandamentos e a mesma Lei. Contudo, este povo perverteu a Lei colocando em risco a manutenção da Aliança entre Deus e Israel. Nos livros bíblicos se encontra relatos de diversas intervenções divinas para o resgate de seu povo, para trazê-lo de volta à Aliança, que motiva a vida na justiça e na igualdade.

Mas, de geração em geração, a opressão persistia. Cada vez mais era visível a desigualdade entre as pessoas. A opressão e a marginalização dos sofridos e humilhados eram gritantes. Pobres, doentes, deficientes eram afastados do convívio social e da vida cultural. Os pobres não conseguiam prestar as oferendas e pagar os impostos exigidos pelas autoridades quer políticas quer religiosas. Os doentes e os deficientes sequer podiam entrar no Templo. Estas pessoas eram desconsideradas, somente lembradas para receber esmolas, uma prática de caridade comum entre os judeus.

Foi em tal cenário que se viu a aparição de Jesus de Nazaré. Um homem simples da Galileia e também, pobre. Um homem comum, com pouco mais de trinta anos, solteiro, um judeu entre os judeus. No entanto, Jesus, imbuído de uma certeza vital da presença de Deus no mundo, veio anunciar a chegada do Reino de Deus para todas as pessoas. “Jesus está entregue a poder do reino de Deus, fascinado por ele, de sorte que toda a sua vida foi de um lado uma celebração desse reinado, e do outro lado um exemplo de como se deve viver neste reino de Deus” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 136). No Reino de Deus todas as desigualdades são rompidas. Não há mais espaço para sofrimento, dor e humilhação. Jesus viveu intensamente este ideal de vida libertada. De acordo com os evangelhos, no batismo de Jesus acontece sua unção para a missão de realizar o Reino de Deus.

Após seu batismo, por João Batista, Jesus se dedica integralmente ao anúncio do Reino de Deus como salvação para os homens que se converterem a Ele. O Reino torna-se o lugar fundamental onde a justiça e o amor prevalecem. Não é só no anúncio que Jesus revela o Reino de seu Pai, mas também, na sua práxis. É na vida, nas ações de Jesus e na comunhão, na partilha da mesa com marginalizados e discriminados que doentes são curados e humilhados são resgatados à dignidade de pessoas. Jesus provoca uma ressignificação dos

² Abrão recebe de Deus um novo nome. A partir do momento que ele se tornará pai de uma grande nação sua função na história da salvação muda e junto a esta mudança vem o novo nome: Abraão (cf. Gn 17,5s).

valores e do ideal de vida em relação ao que era prescrito pelas autoridades de seu tempo. Os pobres, os deficientes, os oprimidos são redimidos e libertados pela ação de Jesus de Nazaré.

Surge na vida do povo um clamor ético, que deve ser assumido na vida de fé, vida esta que se torna expressão visível do Reino de Deus. A mensagem da pregação de Jesus revela Deus, como afirma Schillebeeckx:

“Reino de Deus”, a palavra-chave da mensagem de Jesus, é a expressão bíblica para designar o ser de Deus: amor incondicional e libertador, na medida que ele se faz valer na vida dos homens que fazem a vontade de Deus, e nela se revela. [...] Reino de Deus é assim o espaço inteiro do mundo: a ecumene ou mundo habitado pelos homens, onde o “reinar de Deus”, criador deste universo, significa paz, justiça e amor (1994, p. 150).

O conteúdo do Reino de Deus se encontra na vida concreta de Jesus, em todas as instâncias de seu agir. Tal conteúdo está presente nas curas que realiza, em sua práxis, nas atitudes corriqueiras e, sobretudo, em seu posicionamento perante a Lei (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 137), muitas vezes, utilizada pelas autoridades para promover opressão. Todo este conjunto de ações leva à percepção de que Deus está plenamente presente na vida de Jesus. O Deus que Jesus revela é um Deus puramente misericordioso, amoroso e consolador do seu povo. De encontro com a pregação evangélica nosso autor afirma a misericórdia, a clemência de Deus para com a criatura. Deus é bom para a humanidade e por ela faz justiça (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 154). O autor cita, a título de exemplo, o texto de Lucas: “E Deus não faria justiça a seus eleitos que clamam por ele dia e noite” (Lc 18,7). Jesus quer mostrar que a causa que Deus assume é a causa do ser humano (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 136). O Reino de Deus designa o ser de Deus que nele demonstra seu amor incondicional e libertador. Deus espera dos homens a fidelidade e aos que vivem a fé se revela como paz, justiça e amor.

No Reino de Deus torna-se visível a fidelidade de Deus para consigo e para com o ser humano, a fidelidade é dupla: Deus é fiel a si mesmo e ao ser humano. O que Deus deseja para a humanidade é um sentido pleno de vida, um futuro esperançoso, fruto da confiança radical em Deus e da certeza que este se dedica ao ser humano com a mais perfeita afeição. De acordo com o teólogo dominicano, este é o cerne da mensagem de Jesus. O cuidado de Deus para com a criatura coloca em movimento a história da salvação e possibilita que o ser humano alcance um horizonte, palpável, de sentido e a partir dele consiga ressignificar sua história dando-lhe plenitude e felicidade (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 136).

No Reino de Deus, pregado por Jesus de Nazaré, o mal e o sofrimento não mais farão parte da realidade, da vida do ser humano. O Reino de Deus que Jesus anuncia é possibilidade concreta de salvação no hoje da história de cada uma das pessoas que acolhem este anúncio e se dispõem a vivê-lo cotidianamente. No Reino de Deus a vida destes seres humanos torna-se uma vida festiva, já que são libertos das amarras da escravidão e da opressão. Falar do Reino de Deus implica falar da soberania de Deus, onde diferentes aspectos fazem parte de uma mesma realidade. A soberania de Deus não pode ser confundida com autoritarismo e arbitrariedade. Ao contrário disto, ela é benevolência para com o gênero humano. A soberania de Deus é dinâmica e integrativa para toda criatura visada pela ação salvífica de Deus, já que

soberania de Deus e reino de Deus são, pois, dois aspectos da mesma realidade. Soberania de Deus lembra o caráter dinâmico, referente ao hoje, do reinar divino. Reino de Deus indica mais o estado definitivo de felicidade, visado pela ação salvífica de Deus. O hoje e o futuro estão assim essencialmente ligados entre si [...] Jesus interpreta essa majestade de Deus como benevolência incondicional para com os humanos, como supremo amor pelo ser humano. [...] O reinado de Deus é o divino ser de Deus, e o nosso *reconhecimento* disso produz a humanidade e a felicidade do ser humano (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 135).

Esta felicidade é real porque o Reino de Deus é um lugar de cura, é terapêutico. No Reino não há mais lugar para o sofrimento eterno e sim para a paz, humanização e felicidade. Por esse motivo, Jesus se aproxima dos excluídos, daqueles que não podiam fazer parte da sociedade judaica pois eram pecadores ou deficientes. Nesta convivência, Jesus demonstra que o banquete preparado por Deus é para todos. O Deus de Jesus é o Deus de todos e assim o sendo deseja a abolição definitiva do domínio de um ser humano sobre outro, da opressão e da escravidão imposta por um sistema injusto. O verdadeiro Reino querido por Deus é fraterno e universal. É o lugar onde o ser humano pode encontrar-se consigo e com o outro, onde não importa o passado pecaminoso da pessoa. Justamente, para os pecadores, é possibilidade de conversão, de futuro regido pela soberania universal de Deus que é justiça, fidelidade e misericórdia (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 138-139).

Jesus, com sua vida, pregação, morte e ressurreição, insere a humanidade na esteira da existência do povo de Deus, não mais o antigo Israel, mas o novo povo reunido em

comunidade, em torno do Mistério Pascal de Cristo³. O Reino de Deus é para todos que sonham e esperam de Deus a salvação definitiva. O Evangelho significa Boa Notícia porque é salvação divina que se manifesta na pessoa de Jesus Cristo. Por onde andou ele anunciou o Reino, entrou em contato com os mais sofridos da sociedade e por eles sentia compaixão. O nazareno demonstra a proximidade do Reino de Deus e com ela o voltar de Deus para a história humana. O Reino de Deus é o lugar da cura terapêutica de todos os males da existência humana.

2 Jesus que se compadece do sofrimento humano

Schillebeeckx, em sua trilogia cristológica, demonstra que Deus é solidário para com a humanidade. A divindade não permanece alheia às dores da criatura. Deus se compadece do ser humano sofrido e envia o Filho, para que por meio dele a humanidade pudesse fazer a experiência de um Deus próximo e que se ocupa com aqueles que lhe são caros. Para Deus, a humanidade possui uma grandiosidade em si mesma, visto que o próprio ser humano é sinal da salvação de Deus para o mundo caído pelo pecado. A história da criação está inserida na história da salvação. Esta última encontra seu ápice na pessoa de Jesus, que é o revelador do Deus compadecido com o humano.

Em sua vida concreta, Jesus está sempre atento ao que acontece ao seu redor. O sofrimento humano não lhe é indiferente. Pode-se afirmar que a vida de Jesus é uma luta contínua contra o mal e, ao mesmo tempo, promessa de sentido e esperança de vida renovada. As dores e as angústias, tipicamente comuns ao gênero humano, provocam em Jesus o desejo de mudança. Esta se faz necessária em todas as dimensões da vida pessoal e social. Jesus tem esta percepção porque ele está aberto à existência do outro. Ele se sente cativado pelo existir e compadecido da dor e do sofrimento existentes na vida dos homens (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 80). Com eles Jesus se relaciona, interage e se aproxima como salvação.

O teólogo belga cita o texto dos Atos dos Apóstolos que afirma não existir salvação fora de Jesus, a salvação é ofertada somente no nome de Jesus (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 11). O próprio Jesus se denomina como “o Caminho, a Verdade e a Vida, ninguém vem ao Pai a não ser por mim” (Jo 14,6). Jesus é o revelador de Deus e o

³A leitura de Schillebeeckx do Mistério Pascal de Cristo será abordada no Capítulo II. Já o Capítulo III tratará da temática das comunidades cristãs que são formadas em torno da lembrança da ação salvífica de Jesus Cristo.

caminho que conduz os homens à graça do Pai. Pelos lugares que Jesus passa, a vida é transformada em uma expectativa benfazeja de paz e justiça. Tristeza e sofrimento não caminham com Jesus. Onde Jesus está a vida é renovada e transformada. No lugar no qual havia dor, opressão, sofrimento, passa a haver alegria, festa, vida nova. A realidade humana é a realidade de Jesus que é paz, transformação, felicidade. Junto a Jesus os sofridos e oprimidos ganham uma nova perspectiva de vida. Esperam encontrar uma vida plena, sem distinções de classe, sem marginalização, sem opressões que geram sofrimento, quer físico, quer psíquico e, assim, chegar ao Pai, visto que “é na praxe da vida de Jesus que se concretiza sua mensagem sobre o reino de Deus. Nisso podemos ver uma relação entre a própria pessoa de Jesus e sua praxe” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 250)

Jesus se compadece dos sofredores. O sofrimento humano é também o sofrimento de Jesus. Ele sente as dores e mazelas que acometem a vida humana e se compadece. A vida de Jesus está voltada para os pequenos do reino, o sentimento dos homens é o seu sentimento. Em vários momentos de sua história terrena Jesus afirma sentir compaixão das multidões, que em sua maioria se encontra perdida, sem alguém que as conduza e delas cuide (cf. Mc 6,34; Mt 9,36). Esta relação de cuidado que Jesus assume para com o próximo gera um vínculo entre ambos e entre eles e Deus, visto ser Jesus o relato de Deus. Para Schillebeeckx é em Jesus que o Deus invisível se faz visível. Deus se manifesta em Jesus como um Deus dos homens e para os homens (cf. 2008, p. 674). Jesus de Nazaré demonstra o compadecimento de Deus para com o sofrimento humano.

Schillebeeckx, comentando a carta aos Hebreus, relata haver uma ligação tão forte entre Jesus e o ser humano, que o sofrimento deste último é uma participação no sofrimento do próprio Jesus. A teia se desenvolve tão mesclada que pelo mistério pascal de Jesus, onde ele venceu todo sofrimento, inclusive a morte, o ser humano, como antecipação, também participa desta vitória (cf. 1982, p. 270). No Evangelho segundo São João, Jesus afirma categoricamente “quem escuta minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna” (Jo 5,24b). Crer em Deus, viver na felicidade, alcançar a vida eterna passam pelo caminho de Jesus de Nazaré, percebido, pelos cristãos, como o revelador de Deus.

2.1 Jesus relato de Deus

Desde muito cedo, nos primórdios da era cristã as perguntas elementares acerca de Jesus são “Quem é este Jesus de Nazaré? Qual a sua origem? De onde vem sua autoridade?”,

Jesus é o rosto autêntico de Deus. Schillebeeckx afirma que Jesus manifesta o bem salvífico de Deus, sendo Cristo a sua visibilidade (cf. 1982, p. 175). Mas, como compreender esta realidade a partir de baixo, a partir do humano? Como compreender a dramática do sofrimento e, imbuído dela, o verdadeiro rosto de Deus? O autor belga afirma que Deus entra de maneira totalmente peculiar e incomparável na definição de quem é Jesus, de tal forma que o ser de Jesus está unido ao ser de Deus (cf. 1982, p. 436). Jesus está pessoalmente relacionado com o Criador, o Deus vivo (cf. 2008, p. 25). Mas, quem é realmente Jesus para o ser humano? Até que ponto a vida deste homem pode ser entendida como alento para tamanha dor e sofrimento?

Questões relativas à origem de Jesus, como ele pode demonstrar em sua humanidade o preocupar-se de Deus para com a criatura perpassam a mente cristã e para compreendê-las faz-se necessário, em primeiro lugar, apreender o sentido pleno da afirmação de que Jesus é o relato de Deus e como Jesus se compreendia na relação com Deus. Os textos bíblicos, em diversos momentos, demonstram a relação entre Jesus e Deus de modo muito íntimo. Nosso autor diz existir uma forma peculiar de ligação entre Jesus e Deus onde

Jesus é uma parábola viva de Deus: é assim que Deus se preocupa com o ser humano. Em cada narrativa sobre Jesus, narra-se o que Deus é. Sim, é o próprio Deus quem, mediante a narrativa da vida de Jesus, abre para nós um mundo novo, uma outra experiência da realidade, outra praxe de vida (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 153).

Em Jesus Deus se revela ao ser humano. Deus, com Jesus, refaz a história dos homens e lhes abre a possibilidade de futuro e vida nova. Jesus se compreende repleto de Deus, ele é a expressão da preocupação de Deus com os homens. Jesus percebe de forma inabalável a presença de Deus em sua vida e sua vocação para anunciar e aos poucos revelar o mistério de Deus, visto que “o mistério, desde séculos escondido em Deus, foi revelado na carne do homem Jesus” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 538). A encarnação do Filho é sinal do amor de Deus, que cuida da humanidade sofrida. Em sua história humana, Jesus faz a experiência de Filho. Ela se torna evidente aos cristãos no episódio do seu batismo, como nos narra a tradição marcana:

Aconteceu, naqueles dias, que Jesus veio de Nazaré da Galileia e foi batizado por João no rio Jordão. E, logo ao subir da água, ele viu os céus se

rasgando e o Espírito, como uma pomba, descer até ele, e uma voz veio dos céus: “Tu és meu Filho amado, em ti me comprazo” (Mc 1,9-11).

A partir deste momento Jesus toma uma nova direção em sua vida. Jesus é o enviado de Deus, tudo o que ele faz o faz em nome de quem o enviou. Jesus é a alegria de Deus, é o ungido que foi destinado a realizar com sua vida a vontade de Deus. No batismo Deus dá seu aval a Jesus, confirma sua missão de levar a boa notícia do Reino a todos. Sua praxe de vida demonstra a especial relação que mantém com Deus. “Jesus chamava Deus de ‘Abba’, e sobretudo que essa sua convivência com Deus, como seu Pai, era a fonte e a inspiração de sua mensagem e da praxe de sua vida” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 553). As experiências de Jesus que os evangelistas narram demonstram certo saber, por parte de Jesus, de ser Deus a origem de sua ação, “porque o Pai ama o Filho e lhe mostra tudo o que faz” (Jo 5,20a). Deus é assim, a fonte originária da mensagem, da práxis, ou seja, de toda a atuação de Jesus de Nazaré. Ele traz ao mundo a felicidade de Deus porque ele é Filho e está repleto do Espírito⁴.

Jesus é o relato vivo de Deus, é onde se explicita a solidariedade de Deus para como o ser humano. Jesus afirma que aquele que o viu, viu também ao Pai (cf. Jo 12,45; 14,9). Deus é o “*Abba*” de Jesus. Ao nomear Deus desta forma, Jesus demonstra a relação filial que o une ao criador. Há uma total dependência do agir do Filho em relação ao desejo do Pai. Já que, “a sua experiência com seu Pai se revelou como a *fonte* da própria natureza de sua mensagem e praxe” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 259). Deste modo, percebe-se que Jesus oferece um modo significativo para que o ser humano conheça Deus. Não mais um Deus legalista, castigador e temor, mas um Deus que é pura misericórdia e gratuidade. Um Deus que é realmente Pai, que deseja se fazer presente na vida humana em ação contrária ao mal. Na história do sofrimento humano, Jesus revela seu ser em Deus e o ser mesmo de Deus. Assim afirma Schillebeeckx:

a vida religiosa de Jesus consiste no seu excepcional contato com Deus como seu *abba*, e tornou-se evidente para nós que sua esperança, ao anunciar a vinda já próxima do reino de Deus para a humanidade, deve ter tido a sua base na experiência do contraste: *de um lado*, a incorrigível história do sofrimento humano, de calamidades, conflitos e injustiças, e de uma

⁴ “Se observais meus mandamentos permaneceréis no meu amor, como guardei os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor. Eu vos digo isso para que a minha alegria esteja em vós e vossa alegria seja plena” (Jo 15,10s). O amor de Jesus é modelo e fundamento para os demais. Permanecer no amor é permanecer na caridade e assim vivendo encontra-se a alegria, a felicidade da vida nova.

escravização que ofende; *de outro lado*, a excepcional experiência de Jesus com Deus, seu Pai, e seu contato com Deus, que em sua benevolência cuidadosa é contrário ao mal, não quer reconhecer a supremacia do mal e se recusa a lhe dar o braço a torcer (2008, p. 260).

O Deus que se revela ao ser humano, revela quem realmente ele é: força oposta a todo mal. Esta revelação de Deus acontece plenamente na pessoa de Jesus de Nazaré, o Cristo. Para os cristãos, “Jesus é a figura que pessoalmente revela Deus” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 27). Jesus vive de modo singular as experiências humanas e ao mesmo tempo em que as vive demonstra, com seus gestos e palavras, um pouco da experiência divina. Assim, pode-se afirmar que em Jesus há um entrelaçamento entre criador e criatura. Aquele homem específico, que viveu em um concreto período histórico, em determinada sociedade, marcou profundamente a vida dos seus companheiros, este ser humano Jesus de Nazaré é um com o Criador. Ele, juntamente com o Pai liberta e dá sentido para a existência humana (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 25).

Jesus está em relação direta com Deus. Entre eles não há nenhum intermediário. Não é mais através de um anjo, de uma experiência mística, como acontecia com os antigos, que Deus se mostra. É Deus quem é encontrado em Jesus. Este se torna o lugar do encontro do ser humano com Deus. Jesus é a presença de Deus na vida cotidiana dos homens, sua pessoa revela Deus. Os evangelhos anunciam que o Filho é o único revelador do Pai. Ao mesmo tempo em que revela o Pai revela, também, o plano da salvação. Jesus só o pode fazer porque está no Pai, está atento tanto à vontade de Deus quanto às necessidades das pessoas. Com a vinda de Jesus o ser humano não precisa de um lugar de encontro com Deus, é na pessoa de Jesus que Ele é encontrado. Nas palavras do dominicano: “o próprio Jesus é o lugar do encontro com Deus”. (2008, p. 237).

No ser presença de Deus junto à humanidade percebe-se que a salvação anunciada por Jesus não é de sua própria autoria, mas ela vem da parte de Deus Pai. Ao comentar o episódio da purificação do templo, Schillebeeckx traz em seu texto a questão sobre a autoridade utilizada por Jesus. Esta questão é levantada pelas autoridades judaicas e no contexto marcano se liga à autoridade profética. Jesus, ao realizar tal ação, pretendeu provocar arrependimento e conversão do povo de Israel. Com a falta de fé deste povo, ele abre espaço para outros. Em Jesus se faz presente o novo povo de Deus (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 235-236). Os evangelhos relatam outros momentos onde Jesus

é interrogado a respeito da autoridade que utiliza para realizar curas, expulsar demônios⁵. Em alguns momentos Jesus não responde, outras vezes afirma categoricamente que esta autoridade lhe é dada por Deus⁶. Mas quem está fechado à revelação de Deus em Jesus não consegue compreender que em Jesus “o culto judaico seria abolido em prol do universalismo escatológico” (*ibid.*, p. 236). Para os homens que Jesus convidou a integrarem o Reino de Deus ele se apresentou não só como revelação, mas, também, como dom de Deus⁷. Jesus está indissociavelmente unido ao Pai e assim o mostra para os homens, visto que “Jesus Cristo se torna agora a presença de Deus entre nós” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 237).

Jesus, como o lugar de encontro com Deus, demonstra que a ação do Pai na história é uma ação salvífica. Ele é, em diferentes formas de compreensão, a aparição histórica da ação salvadora definitiva de Deus. É por meio da pessoa de Jesus de Nazaré que Deus é revelado na sua plenitude interna da Trindade, na relação entre Pai, Filho e Espírito Santo. “Isso significa que na pessoa do homem Jesus, e por ele, Deus nos aparece como relação interpessoal entre o Pai, Jesus Cristo e o Espírito Santo” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 665). Assim, é na história de Jesus “na sua mediação que tanto vela quanto revela, é que a proximidade intermediada da misericórdia de Deus se condensa mais do que em qualquer outro lugar”. (*ibid.*, p. 665). Toda a vida de Jesus é revelação de Deus. No entanto, para Schillebeeckx, esta afirmação cristológica não é tão simples. Ela se explicita na vivência de fé do cristão, mas não é evidente para a natureza daqueles que não aderiram à fé na revelação de Deus em Jesus.

O cristão, aquele que deu o salto de fé, reconhece na história de Jesus a história de Deus. Essa história de Jesus que vela e revela a misericórdia de Deus para com a humanidade é uma história concreta. Para o cristão, Jesus Cristo é a visibilidade de Deus, a definitiva revelação de Deus. Jesus, em sua extrema humanidade, mostra-se, para as pessoas de fé, como o verdadeiro rosto de Deus. Schillebeeckx cita Schoonenberg e com ele afirma que em Jesus “a sua santificação é ‘ser homem’ em altitude e profundidade [...] nele a plenitude do ‘ser

⁵ Cf. Mc 2,6s;3,22; 11,28; 21,23b; Lc 20,2.

⁶ Cf. Mc 2,10; 14,62; Mt 26,64b; Jo18,37.

⁷ “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutores e as revelastes aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai, e ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelar” (Mt 11,25-27). Jesus claramente se autodenomina Filho e nesta relação de entrega Jesus se torna dom absoluto do Pai à humanidade fiel. Ele é o mediador da revelação dos grandes mistérios de Deus e do Reino anunciado. Nas palavras do teólogo belga: “O Filho é aqui o mediador da revelação dos mistérios escatológicos de Deus aos ‘pequenos’, isto é, aos membros da comunidade” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 416).

homem' se realiza exatamente porque nele habita a plenitude da divindade" (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 604). A plenitude humana de Jesus que revela a divindade revela também a autêntica imagem do ser humano, criado muito bom por Deus. Contudo, esta imagem genuinamente moldada pelo gesto criador de Deus, se deteriorou em meio ao mal e ao sofrimento causados pelo próprio ser humano.

Deus age na história resgatando o que é seu, por intermédio de diferentes pessoas e agora, por meio de Jesus de Nazaré. No seu caminho de vida, Jesus porta o agir de Deus em direção à humanidade. Jesus compreende que seu modo de agir é o modo de Deus agir na história. Jesus, ao curar os doentes e endemoniados, ao contar parábolas, ao compartilhar da vida cotidiana das pessoas, acredita que é o próprio Deus que se faz presente em meio ao seu povo, por sua mediação o Reino de Deus chega até os seus. Em momento algum de sua história Jesus assume o lugar de Deus, mas Deus aponta, por meio de Jesus Cristo, na presença do Espírito, a si mesmo como Criador e Redentor de toda a criatura. Deus, por meio de Jesus, deseja resgatar toda a dignidade humana perdida com o pecado. Schillebeeckx afirma:

para os cristãos, Jesus é (a) a revelação decisiva e definitiva de Deus, e ele nos manifesta (b) justamente por isso também em última instância o que e como nós, homens, podemos, devemos e se nos permite ser. Assim o homem Jesus tem a ver com o ser de Deus na definição do que ele é. Em Jesus Deus revela seu próprio ser, querendo ser nele salvação de homens e para homens [...]. No homem Jesus coincidem plenamente na mesma pessoa revelação do divino e a manifestação do ser-homem autêntico [...] Deus cria livremente o homem para a salvação e felicidade dos próprios homens [...]. Quer ser ele mesmo o sentido mais profundo e a mais alta salvação e felicidade da vida dos homens (1994, p. 163).

Assim, os cristãos, encontram em Jesus não só o rosto de Deus mas também a possibilidade de felicidade e retorno ao plano primeiro da criação, livre de qualquer tipo de sofrimento historicamente provocado. É na vida concreta de Jesus e na historicidade das pessoas que se dá a salvação e a felicidade que Deus oferece. Não há outro lugar para a ação divina, visto que "nossa história profana é o lugar original onde Deus realiza salvação em e através de homens numa história de não-salvação" (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 89).

Em Jesus, em sua humanidade, Deus se revela e salva homens de todos os tempos. É no entrelaçamento da história humana com a história da salvação que Deus se apresenta como o Deus humano e para o ser humano. Na realidade humana Deus surge como fonte de

salvação. Jesus, como Filho, está repleto do Espírito de Deus e ele é o único revelador do Pai. No Filho, Deus se manifesta de uma vez por todas. Schillebeeckx afirma que em Jesus se faz visível todo o ser de Deus. É no Filho que Deus se revela de uma vez por todas. “Jesus é a manifestação visível de Deus, que se revela na fidelidade a Deus” (1982, p. 241). A vida de Jesus é em todos os sentidos a revelação de Deus como Pai. Esta visibilidade que Jesus dá a Deus manifesta paralelamente o ser mesmo de Deus e sua ação triunfante. A ação de um Deus que é pura misericórdia e triunfa na expressão histórica de seu Filho como salvação a todos os povos. Schillebeeckx desenvolve um comentário à carta aos Hebreus. Neste comentário demonstra que este texto divide a história em dois períodos fundamentais: o mundo criado, material e passageiro em contraposição com o mundo celeste, suprassensível, imperecível. Este mundo ainda se encontra no porvir, é um mundo futuro. Em Cristo há uma intercessão entre estas duas realidades dominadas por Deus. Jesus é o mediador entre o mundo terrestre e o celeste. Ele comunica aos homens a salvação e o poder de Deus (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 232-253). Assim afirma a carta aos Hebreus:

Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos Pais pelos profetas; agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e pelo qual fez os séculos. É ele é o esplendor de sua glória e a expressão de sua substância; sustenta o universo com o poder de sua palavra (Hb 1,1-3a).

A vida de Jesus Cristo é expressão da glória de Deus, é revelação de Deus. E junto a Deus “‘o Filho’, Cristo, ocupa um posto de domínio sobre todas as coisas” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 235). Na relação de domínio exercida tanto pelo Pai quanto pelo Filho o Mistério de Deus se revela na carne do ser humano Jesus de Nazaré. Jesus trouxe, aos homens de todos os tempos e de uma vez por todas, a salvação da parte de Deus. O ser de Jesus de Nazaré está unido ao ser de Deus de um modo tal que se torna impossível falar da pessoa de Jesus sem referir-se simultaneamente a Deus Pai. Jesus é um dom do Pai, o seu ser está unido ao ser de Deus.

Como dom de Deus, Schillebeeckx, seguindo São João e São Paulo⁸, afirma que em Jesus habita a plenitude de Deus. Em Jesus se revela para o ser humano o rosto de Deus e

⁸ Em Jo 14,9b.10a lê-se: “Quem me vê, vê o Pai. Não crês que estou no Pai e o Pai está em mim?” e em Cl 1,19: “pois nele aprovou a Deus fazer habitar toda a sua Plenitude”. Ao utilizar estas citações Schillebeeckx procura demonstrar a realidade de Jesus como relato de Deus. E neste relato pode-se ler que Jesus e o Pai são um, o ser de um se faz presente no ser do outro. E o ser de Jesus, onde habita a

este rosto está voltado para a humanidade, de modo muito especial para aqueles que sofrem. Utilizando os termos de Schillebeeckx, em *Cristo y los cristianos*, a face de Deus está direcionada para os mais desvalidos, para os crucificados de todos os tempos. Com a vinda de Jesus o próprio Deus vem para muito perto dos homens, visto que, Jesus vem como oferta de salvação todas as pessoas. Muitas destas pessoas perceberam na vida de Jesus de Nazaré a decisiva salvação vinda de Deus. Onde o revelar-se na vida de Jesus, permite que Deus só possa ser definido a partir do caminho, da práxis assumida por Jesus de Nazaré, na sua carne, em sua humanidade (cf. SCHILLEBECKX, 1994, p. 162). Outras pessoas, no entanto, não reconheceram Jesus como o Filho e nem reconheceram o Pai. Não perceberam que Deus manifestou sua face no homem Jesus.

Ao viver a plenitude do amor universal de Deus para com o ser humano Jesus se expõe como o revelador do Pai. Como afirmado antes, Jesus é o caminho que leva ao Pai. Passando por Jesus, Deus se mostra como o redentor de todos os homens. Um redentor que é liberdade e a deseja para os seus. É na liberdade da ação de Jesus que se pode decifrar a imagem de Deus. O Deus libertador se permite identificar no caminho de vida de Jesus de Nazaré. Jesus é a definição mesma de Deus, na aparência histórica e cultural do nazareno.

Sendo Jesus de Nazaré um ser histórico, contextualizado no tempo e no espaço sócio-econômico-cultural, a revelação de Deus em Jesus acontece de forma muito singular. Há um entrelaçamento de particularidade e universalidade. O Necessário faz-se presente no contingente. A revelação de Deus em Jesus é histórica, por isso limitada, mas não há precedentes similares. A pessoa de Jesus de Nazaré reflete, o máximo que sua historicidade permite, a face de Deus. Assim, de acordo com Schillebeeckx

Jesus não só *revela* Deus, mas também o *esconde*, uma vez que surge em humanidade criada e não-divina, e assim, como homem, ele é um ser histórico, contingente e limitado, o que não pode absolutamente representar toda a riqueza de Deus (1994, p. 26).

A face humana de Jesus não só revela a face divina em contornos muito marcantes, mas também ao mesmo tempo vela essa face (uma vez que é revelação do Deus inefável através da manifestação de Jesus verdadeiramente humana, histórica e em decorrência contingente e limitada) (1994, p. 135).

plenitude de Deus, é um ser voltado para a defesa da causa do ser humano e esta é, também, a causa de Deus (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 623).

Jesus de Nazaré, no revelar e velar o ser mesmo de Deus, é visto pelos “com Jesus” como relato do Deus inefável para o ser humano. Ele vela o Absoluto mistério divino, enquanto revela a essência do ser de Deus como pura liberdade, gratuidade e amor. Não foi o humano que produziu a imagem de Deus em Jesus. Apenas a decifrou a partir do que Deus deu a conhecer. A revelação de Deus na pessoa de Jesus não se dá de uma só vez. Há uma série de acontecimentos, experiências e interpretações. Para os “com Jesus” ele é a revelação definitiva de Deus, foi assim que eles o perceberam e esta foi a mensagem que transmitiram às gerações futuras, demonstrando que

O ser de Deus é absoluta liberdade, absoluta iniciativa, desde toda a eternidade [...]. Também os cristãos não identificamos a Deus. Trata-se de iniciativa livre do Deus vivo para conosco [...]. Mas em Jesus, o Cristo, não se trata de projeto ou produto humano. Trata-se nele de imagem de Deus que não fomos nós a produzi-la. Apenas deciframos a imagem de Deus que nos é dada [...]. Deus é que, se permite identificar em e mediante o caminho de vida de Jesus de Nazaré (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 231).

Como os discípulos, os cristãos de hoje, afirmam que Jesus é, em todos os sentidos, a suprema automanifestação de Deus. Experimentam em Jesus a salvação vinda de Deus. Deus revela, desta maneira, sua própria essência porque ele quer ser a salvação dos homens e para os homens, vinda na plenitude dos tempos na pessoa de Jesus de Nazaré. Contudo, a experiência de que Deus habita em Jesus não é simplesmente fruto da experiência ou intuição humana. Esta revelação se dá absolutamente na experiência humana mas não é fruto dela. É Deus mesmo quem se auto revela. Ele se comunica de forma indubitável e demonstra a verdade de seu ser por meio da humanidade de Jesus.

Para Schillebeeckx, a fé em Jesus de Nazaré, no Jesus terreno/histórico, não tem sentido se for desligada da fé que este ser historicamente concreto tem relação direta com o Deus vivo. Jesus é, no pleno sentido da palavra, o Deus encarnado, aquele que vem do Criador do céu e da terra, aquele que desde sempre esteve e está no Criador (cf. 2008, p. 25-26). O movimento que surgiu após o Mistério Pascal de Cristo (que será objeto de estudo do terceiro capítulo) afirma que “Jesus é a figura, que pessoalmente, revela Deus” (*ibid.*, p. 27). A experiência fundamental que estes cristãos fizeram com o Jesus terreno une-o indissolúvelmente a Deus Pai. Nesta relação acontece algo inédito. Assim, percebe-se que os primeiros cristãos encontraram em Jesus Cristo a salvação vinda de Deus. Jesus revela Deus e

“revelação é uma ação salvífica de Deus como experienciada e verbalizada” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 50).

Para Schillebeeckx, como já afirmado anteriormente, Jesus é a expressão do preocupar-se de Deus com os homens. Na humanidade de Jesus mostra-se, para o ser humano, o verdadeiro rosto de Deus. Deus está presente em Jesus e através dele, na humanidade. Há uma relação profunda entre Jesus, o Pai e o ser humano, já que, para Jesus é preciso compreender “que eu estou em meu Pai e vós em mim e eu em vós”. (Jo 14,20). Esta relação viabiliza a causa de Deus como causa do ser humano, já que o Pai, na pessoa do Filho está presente na humanidade. Jesus é a revelação decisiva e definitiva de Deus. É no ser humano Jesus, em sua vida histórica, que Deus se revela. É na história humana, profana, terrena, limitada de cada criatura que Deus se dá a conhecer. Jesus de Nazaré revela Deus aos seres humanos e estes a si mesmos como figuras que desde a criação são sinais dos desígnios salvíficos de Deus.

2.2 Ser humano: sinal da ação salvífica de Deus

O Reino de Deus anunciado por Jesus como o espaço para a realização plena da vida humana só é factível dentro do contexto histórico-social daqueles que o realizam. O Deus que Jesus revela é o Deus dos humanos. Este possui a majestade sobre tudo e todos mas “Jesus interpreta essa majestade de Deus como benevolência incondicional para com os humanos, como supremo amor pelo ser humano” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 135). O amor de Deus para com o gênero humano é infinito. No amor de Deus, o ser humano é visto como o lugar concreto da ação criadora e salvadora de Deus. Assim, o ser humano, com sua história ambivalente: de sentido e sem-sentido, de felicidade e sofrimento; é sinal da ação salvífica de Deus. É na vida dos homens que a salvação acontece e se torna visível a todos. O ser humano é o lugar da ação de Deus contra todo mal. O autor belga afirma que

Deus é amor, amor criador pelo ser humano; por isso desde já o pobre, o faminto, o triste podem erguer-se “apesar disso”. Rir, não chorar, é o sentido mais profundo do que Deus quer para a humanidade. Isso quer dizer também: Deus *não quer* de maneira alguma o sofrimento. Jesus não quer, de maneira nenhuma, atribuir a Deus o sofrimento, o mal. A essência de Deus é contra o mal; é querer o bem. (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 171)

O sofrimento e o mal são realidades palpáveis na história humana. A questão de onde vem tanto sofrimento, de onde vem o mal, sempre perpassa a vida das pessoas. Jesus demonstra que o mal não vem de Deus. O Pai é puro amor criador e quer a salvação de todos (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 171). O ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, percebe que sua vida está estreitamente relacionada à ação da divindade. Teístas acreditam que não há possibilidade de existência digna sem a presença de Deus a pautar suas vidas. A afirmação de que o ser humano é sinal da ação salvífica de Deus pode ser perigosa. Mas se levar em consideração a não necessidade da criação, o ser Absoluto de Deus que na sua suprema existência cria, a afirmação recebe amplo horizonte de sentido. Principalmente se incluir o ato criador na esteira da História da Salvação. Então, o ser humano é sinal da ação salvífica de Deus, porque foi desejado por Ele e inserido em uma história que não é de ausência de sentido, mas de sentido pleno no amor e na misericórdia infinitos de Deus. Schillebeeckx afirma que “o fundamento, origem e sentido da humanidade é o Deus vivo, Senhor da história, a qual, apesar de tudo, gira sempre em torno à salvação, ao bem estar e à felicidade do gênero humano” (1982, p. 765).

Para o ser humano, Deus é a fonte de toda possibilidade de bem e felicidade. Seu amor se expressa visivelmente como amor criador pelo ser humano. No reconhecimento deste amor de Deus pelo humano vê-se que a criatura é, em sua plenitude, a simples e maravilhosa, manifestação deste amor. Ela é parte integrante da história de Deus. O teólogo dominicano afirma, em sua obra *Cristo y los cristianos*, que toda proposição sobre o Deus que se revela é uma proposição sobre o próprio ser humano e o mundo que o cerca. Deus age na história por sua absoluta iniciativa amorosa e sua ação é salvífica e se expressa na realidade de vida concreta do ser humano, de modo que uma afirmação teológica implica ao mesmo tempo uma afirmação antropológica (cf. p. 49). É no reconhecimento do amor mútuo entre criador e criatura e na esperança de uma vida plena que o ser humano experimenta a ação misericordiosa de Deus. É na relação que fica entre eles estabelecida, que ambos se revelam. O autor belga demonstra

o objetivo de Jesus: mostrar que Deus é “Deus dos humanos” [...] Jesus fala sobre Deus como a felicidade do ser humano. Seu Deus é um Deus que olha os humanos. Por isso, o Reino de Deus, que inspira a vida de Jesus e que ele anuncia, diz alguma coisa sobre Deus na sua relação com a humanidade, e ao mesmo tempo fala sobre a nossa relação com Deus [...] para isso ele viveu, para isso ele morreu: pela causa de Deus como causa do ser humano (2008, p. 136).

O Reino de Deus é o lugar do encontro de Deus com a criatura e onde a oferta de salvação se faz concreta. Jesus surge no horizonte do Reino de Deus como elo entre Deus e o ser humano. Jesus realiza em sua vida o máximo da humanidade e demonstra com ela que é na história humana que a salvação se realiza. Deus se une ao ser humano e à sua causa em busca de cura e libertação. Schillebeeckx diz, ainda, que “‘a causa do homem’ é de fato a ‘causa de Deus’ [...] reconhecer a divindade de Deus é reconhecer a inesperada humanidade do homem” (1982, p. 798). O assumir de Deus da causa do homem é expressado de modo contundente na pessoa de Jesus de Nazaré.

Jesus, em sua práxis (nas curas, pregação e relações interpessoais) quer dizer algo sobre o ser humano e sua salvação. Jesus vivia a proximidade do Deus criador e demonstra o desejo deste pelo bem da criatura (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 262-263). O ser humano é esta criatura, aquela que porta em si um ínfimo da divindade⁹. Com a devida precaução, Schillebeeckx afirma que o ser humano existe em Deus e por Deus. O teólogo esclarece que o humano existe em Deus mas não se confunde com o divino. Na existência humana em Deus e por Deus o que há é uma interação, onde o ser humano se reconhece em todas as suas dimensões e reconhece Deus, distinto dele (cf. *ibid.*, p. 658). É a partir de Deus que o ser humano assume, no pleno sentido do termo, a humanidade. Ele é continuamente convidado a ser co-criador e responsável por sua humanidade e pela dos demais, a ser sinal visível da presença de Deus no mundo criado. O homem percebe tanto em si como no próximo os vestígios da presença do Deus criador, o Absoluto e transcendente. É na imanência do ser humano que a transcendência soberana de Deus se faz presente. De acordo com o escritor belga

nossa perspectiva sobre o Deus transcendente é limitada, porque o percebemos através da sua imanência e seus vestígios neste mundo, na história e no ser humano, nosso próximo. De fato, é apenas um “ver as costas de Deus”. (2008, p. 639).

Torna-se evidente que o ser humano, enquanto criado à imagem e semelhança de Deus, é, segundo Schillebeeckx, uma criatura que no seu existir espelha o existir de Deus. Ser

⁹ A presença do divino no humano remonta às origens, aos relatos primordiais da formação da vida. As Sagradas Escrituras expõem que o ser humano recebeu de Deus o sopro vital: “Então Iahweh Deus modelou o homem com argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente” (Gn 2,7). Toda a humanidade vive em referência a Deus como viventes e para Schillebeeckx o vivente por excelência é Jesus.

humano e Deus vivem em mútua relação. No entanto, o próprio pecado, afasta o ser humano desta relação com Deus, ele gera sofrimento e perda de dignidade. É neste contexto, que Jesus, com a doação de sua vida humana, restaura efetivamente a proximidade de Deus e aponta para uma nova dimensão do existir dos homens.

O que nos interpela em Jesus é sua humanidade: ela abre nossas possibilidades mais profundas, e nela se expressa Deus. A revelação divina levada a cabo em Jesus nos remete ao mistério do homem. Por este motivo é impossível e inútil pretender que os homens aceitem a revelação cristã antes que tenham aprendido a experimentá-la como a definição de sua própria vida (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 69).

Jesus traz Deus para perto dos homens e os remete aos mistérios que envolvem o próprio existir, cita-se como exemplos: a finitude, o sofrimento e o mal. O confronto com tais mistérios gera inquietações de diferentes magnitudes. Apesar da dinâmica do mal, o que realmente sobressai, no decorrer da história, é o existir humano voltado ao existir divino e um definindo o outro. Jesus revela Deus e revela que o ser humano é o lugar onde essa revelação de Deus acontece. É na humanidade que o Reino de Deus, como proposta de cura para as tragédias provocadas pelo mal, se concretiza. E assim, através do ser humano Jesus de Nazaré, Deus põe em ação seus desígnios e coloca em movimento sua grande obra da salvação.

O ser humano enquanto se reconhece como criatura de Deus vive, também, uma dimensão religiosa. É na vida de fé que os homens respondem ao apelo salvador do criador. No momento mesmo da criação tem início o processo de libertação. Deus cria o ser humano na liberdade, mesmo que inserido em um mundo imanente e finito. É na liberdade que os homens dizem sim a Deus e se percebem como dádiva de Deus, como dom (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 660), como seres abertos à cura terapêutica ofertada pelo Pai. Mais ainda, como seres que realizam o Reino de Deus no presente de suas histórias. Na experiência do Reino o ser humano finito vive na esperança da transcendência, visto que

quem crê em Deus fala sobre o ser humano em termos de “ser criado” por Deus [...] Seu existir e viver tem seu “fundamento” em Deus, toda sua vida é carregada pela inexaurível liberdade de Deus que, de maneira transcendente, entrega literalmente o ser humano a si mesmo [...] A base da distinção real entre Deus e o ser humano está na finitude do ser humano (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 635).

Deus cria o homem como princípio de seu próprio agir humano, princípio, portanto, que projetará como solidariedade humana, o mundo e o seu futuro, que deverá realizar no seio de situações contingentes e limites dados e, sendo assim, no respeito para com a natureza animada e inanimada [...] Deus cria o homem com vontade humana livre como configurador de seu próprio futuro humano que se deve realizar em condições contingentes, casuais e também determinadas (*id.*, 1994, p. 294-295).

O ser humano finito, contingente, imperfeito reflete a grandeza do Deus criador. É sinal da Sua presença entre os viventes deste mundo. E Jesus de Nazaré espelha a criação como um ato feliz, mesmo na condição de sofrimento. A beleza do ato divino é que Deus entrega o ser humano a si mesmo para viver na liberdade. Deus cria “homens com vontade livre e finita própria” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 123), mas o ser humano, muitas vezes faz mal uso de sua liberdade e esbarra em limites inquebráveis, e “‘este limite’ não é limite de Deus, mas nosso limite: limite de nossa finitude e sobretudo limite de nossa pecaminosidade livre” (*ibid.*, p. 123). O ser humano criado livremente é a expressão máxima da obra da criação. Ele é livre e responsável por fazer e cuidar de sua própria humanidade e da humanidade do outro. No entanto, o mundo criado bom, o ser humano muito bom, corrompeu-se e o pecado impregna todas as dimensões da existência humana. Há dor, sofrimento, angústia, marginalização, escravidão. Para Schillebeeckx “este império do mal parece, ademais, ser universal e inerradicável em nossa história” (*ibid.*, 1994, p. 123).

Na situação de degradação e pecaminosidade em que a humanidade se encontra há uma prevalência do mal sobre o bem. Muitos buscam na religiosidade um meio de compreensão para tanto mal, tanto sofrimento. Alguns encontram o Deus libertador, que se preocupa com a humanidade em todas as dimensões de sua vida, de sua história. Quem tem fé em Deus percebe que há uma profunda relação entre o Pai, o Filho amado e a humanidade. Mesmo que esta permaneça no pecado, e “o pecado magoa Deus somente em suas criaturas” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 13). Deus sofre porque o pecado atinge o íntimo do ser humano. O pecado aprisiona e o que Deus quer é a liberdade de todos. Deus promove a libertação e para o fiel Ele não o faz sozinho, visto que “pessoas crentes confessam então que Deus trouxe salvação em e através de homens” (*id.*, 2008, p. 24). É na criatura e por meio dela que Deus age na história, resgatando aquele que é seu desde os primórdios da vida humana. Deus quer erradicar o pecado e seus frutos da vida das pessoas. É na história humana que Deus realiza a salvação e a libertação.

Percebe-se, em contraposição ao desígnio libertador de Deus, uma crescente opressão e perda da dignidade humana. O ser humano perverteu sua condição de criatura que

reflete a imagem Deus. Mas ainda assim carrega uma centelha fundamentalmente divina. Os homens pecam e pelo pecado ferem a si e aos outros, manchando sua essência boa e livre. O que prevalece na sua história é sua condição humana finita, não necessária. É, justamente, na humanidade e por ela que Deus age salvificamente, reintroduzindo-a no mistério da divindade. Deus carrega o humano para um horizonte onde todo sofrimento é inserido no sentido da história. Assim, a vinda definitiva do Reino de Deus é graça, que opera na e pela ação do ser humano. A graça de Deus se faz realidade no humano, onde Deus se revela e se doa como dom e amor, devolvendo à humanidade o sentido de sua história. Schillebeeckx afirma que

Deus se revela revelando o homem a si mesmo [...] A revelação é uma experiência expressa com palavras; é a ação salvífica de Deus enquanto experimentada e expressa pelo homem [...] As experiências fundamentais de falta de sentido, como o sofrimento originado pelo mal e a injustiça, o sofrimento provocado pela dor e as deficiências e o sofrimento nascido do amor, são elaboradas como elementos não suscetíveis de racionalização e solução e que nenhuma ação humana de tipo projetiva e produtiva logrará jamais eliminar. (1982, p. 38-40).

Para Schillebeeckx, o ser humano por si só não é capaz de eliminar toda a realidade de ausência de sentido vivenciada. Faz-se necessária a intervenção divina de modo ativo e operante. É na revelação de Deus que a criatura experimenta o verdadeiro sentido da vida. A revelação é ao mesmo tempo salvação. Elas acontecem simultaneamente. Deus revela-se salvando e salva revelando-se. Sua ação é ação libertadora do homem, que acontece junto à vida cotidiana, não como imposição, mas como encontro entre duas liberdades dentro da história humana. Assim, percebe-se que é na história de cada ser humano que a revelação divina aparece no horizonte como ação libertadora. A “salvação-vinda-de-Deus realiza-se em primeiro lugar na realidade mundana da história” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 30). É na vida dos homens que acontece a ação salvadora de Deus. Ação que se torna palpável na carne de Jesus de Nazaré.

Jesus se identifica com o sofrimento do homem e por ele sente compaixão. A partir desta identificação e da certeza de pertença ao Pai ele anuncia a chegada iminente do Reino de Deus. Neste Reino não há lugar para sofrimento, dor, angústia, marginalização. O Reino de Deus é boa notícia, onde está Jesus o sofrimento acaba, com Jesus a dor é ressignificada e transformada em alegria e esperança. A ação de Jesus de Nazaré é sinal de

salvação. O ser humano é sinal da ação salvífica de Deus. É no humano que a salvação acontece, é na história que ela se dá. Não há uma via paralela à via histórica do ser humano. “Só é possível falar significativamente de Deus com base em experiências humanas” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 120). A ação salvífica de Deus acontece definitivamente na história humana. O ser humano, que é símbolo do Deus vivo, no Reino de Deus, readquire seu rosto, que pelo sofrimento foi esfacelado, desfigurado. O autor antuerpiano diz que

se o símbolo fundamental de Deus é o homem vivo (*imago Dei*), então o lugar em que o homem é menosprezado, violado e oprimido, tanto em seu coração como na sociedade que o oprime, é também o lugar privilegiado em que a *experiência religiosa* torna possível através de uma práxis encaminhada a configurar este símbolo, a restaurá-lo e libertá-lo, para que logre sua identidade (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 819).

Ao readquirir a identidade de filho amado de Deus, o ser humano compreende que só o amor de Deus pode trazer redenção. Na relação com o amor de Deus, o homem é convidado a amar e amando não permanece mais indiferente ao sofrimento do próximo. No amor cada um se torna responsável pela existência digna dos outros. O amor implica, assim, transformação do mundo, das estruturas sociais que geram sofrimento e marginalização. A compaixão e o amor redentor tornam possível uma relação entre a história do sofrimento humano e o Reino de Deus, como um lugar onde preponderantemente o mal e o sofrimento são superados. Deste modo, compreende-se “que há um liame positivo entre ‘reino de Deus’ e ‘reino da liberdade humana’” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 120). A irrupção do Reino de Deus na história deve, então, provocar mudança nas estruturas sociais, visto que no Reino onde havia opressão e alienação passa a haver liberdade e compreensão.

Paralelamente às transformações da sociedade deve acontecer um profundo processo de conversão pessoal, visto que o homem livre e responsável por seu destino deixou-se corromper pelo pecado, pelo mal. Muitas vezes fecha-se ao encontro com Deus e com o próximo, já não mais vê o sofrimento do outro. Por isto necessita converter-se a Deus, voltar-se para si e para o outro. É neste processo de conversão que o ser humano encontra Deus muito próximo de si visto que “‘o divino’ não se mostra e encontra expressão ao lado e acima do humano, mas precisamente ‘no humano’ [...] o pecado contra Deus aliena o homem também de si próprio” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 124). Assim, busca-se libertação de todas as amarras que geram escravidão, libertação do pecado contra Deus e contra o próximo.

O ser humano, social e pessoalmente liberto, anseia por encontrar o sentido fundamental para sua vida.

Todas as estruturas, quer sociais, quer pessoais, devem adquirir um novo sentido, uma nova dinâmica, que permita uma existência plena e favorável a todas as pessoas, não somente a uns poucos privilegiados, mas a todos, inclusive aos excluídos. O banquete do amor, da pertença a Deus, é para todos e acontece no hoje da história. O banquete do amor e da fraternidade é mais que perdão de pecados, é reconciliação universal e manifestação da graça de Deus. A vida humana torna visível o amor redentor de Deus e o renova a todo momento, criando e recriando vida. Nas palavras de Schillebeeckx, vê-se que

O amor verdadeiramente redentor só é possível, por um lado, em forma de amor transformante do mundo e do homem e, por outro, em forma de perdão e reconciliação. Quando amamos aos demais, se realiza um fragmento de salvação. Portanto a salvação, a integridade humana, tem que ser plena e universal [...] A salvação universal e perfeita pode vir somente do amor de Deus, um amor criativo e disposto ao perdão. Baseado neste amor absoluto o amor humano se converte no *sacramento* do amor redentor de Deus [...] A redenção consiste em sermos aceitos por Deus e, tendo em conta nossa vida concreta, ser aceitos por Deus no perdão. (1982, p. 817).

O amor é um vínculo fundamental que une a humanidade à divindade. O ápice deste amor se encontra no sacrifício de Jesus em favor da humanidade (esta questão será abordada no capítulo II). O amor está presente no momento da criação, já Deus cria por amor e “cria livremente o homem para salvação e felicidade dos próprios homens” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 163)¹⁰. A realidade última do ser Deus é ser amor que é gratuito e libertador. Cristãos afirmam que a liberdade vem por meio de Jesus Cristo e que o evangelho que ele prega não é boa notícia sobre si e suas obras, mas é um anúncio sobre o seu Deus. Assim, a liberdade do Pai se dá na liberdade do Filho, que está a serviço de todos os homens. O fundamento da ação libertadora de Jesus é sua missão redentora e é “somente na experiência histórica do homem e em sua praxe que a revelação aparece como ação de Deus” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 41). Jesus é a revelação de Deus e surge na história como sinal

¹⁰ Torres Queiruga em alguns momentos de sua obra *Repensar a cristologia* demonstra que para Schillebeeckx a humanidade de Jesus, em todos os seus aspectos, vida e morte, apontam para o mistério da divindade. A entrega da vida de Jesus na cruz revela seu infinito amor para com os homens. Ele traz salvação para a humanidade através do sacrifício cruento do justo. Por meio do sacrifício de Jesus, a humanidade encontra não só a redenção como também readquire o fundamento para o qual foi criada, a saber, a felicidade

da libertação vinda de Deus. É em sua humanidade que a graça se manifesta aos homens (cf. *ibid.*, 1982, p. 347). É no encontro entre pessoas que a liberdade surge como um projeto a se realizar. Jesus demonstra que Deus quer a liberdade do ser humano e por isso liberta a humanidade, escrava dos poderes do mal, para viver uma vida verdadeiramente humana, feliz e redimida.

Nesta singularidade de vida o ser humano se encontra como ser amado por Deus e descobre em Jesus Cristo o verdadeiro sinal da presença de Deus no mundo, já que “pela redenção de Jesus, os cristãos fazem a experiência da liberdade de aceitar que, apesar do pecado e da culpa, somos aceitos por Deus” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 174). Não há, no entanto, uma erradicação do pecado no mundo. Mas o ser humano, mesmo pecador, é querido e amado por Deus, a aceitação é plena. Deus não ama o pecado, mas ama e acolhe o pecador como filho. Deus perdoa, redime, salva a cada um e a todos, simultânea e continuamente. A revelação de Deus não é mero fruto da razão humana, mas experiência de salvação a partir da pessoa de Jesus, que no ser filial transcende toda e qualquer experiência humana. Contudo, nenhuma revelação e salvação, como já foi dito, acontecem à parte da história humana, é no humano que se concretiza a revelação de Deus. Assim, nota-se em cada ser humano o sinal da ação salvífica de Deus.

Deus se faz presente, continuamente, na obra da criação. Com o anúncio de seu Reino e com a ação de Jesus, Deus deseja promover o bem e assim, extirpar o mal que gera injustiça e sofrimento da realidade humana. Ao mesmo tempo o ser humano, também, é convidado a ser agente, a abandonar a passividade e buscar o bem e a justiça em todas as esferas da vida. Jesus demonstrou brilhantemente a verdadeira ação que frutifica a paz, a justiça e desfaz as amarras do mal e do sofrimento. É para isso que ele veio ao mundo, que ele se esvaziou de sua divindade, se fez carne, se fez conhecer no aspecto humano (cf. Fl 2,6-7). Ao tornar-se semelhante à criatura Jesus demonstra sua solidariedade com os desvalidos, sofredores e humilhados, ou seja, daqueles que eram postos à margem da sociedade. Jesus veio para que os homens “tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Para que a vida abundante aconteça na realidade humana, Deus se faz solidário na dor e no sofrimento dos homens. A solidariedade de Deus se manifesta na história da humanidade sofredora na pessoa de Jesus de Nazaré, o Filho.

3 Jesus solidário com os que sofrem

Os cristãos de hoje conhecem Jesus por meio do testemunho que o Novo Testamento oferece a seu respeito. Nos relatos sobre a vida de Jesus fica explícita sua preocupação com a dor e as misérias do ser humano. O Reino de Deus por ele anunciado é, sobretudo, para os mais pobres, os desvalidos e excluídos do mundo. A praxe de vida de Jesus é em favor da humanidade pobre e pecadora (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 456). Todos aqueles que sofrem qualquer tipo de padecimento serão felizes no Reino dos Céus. Neste Reino os sofredores poderão se alegrar, pois não haverá mais diferenças entre os filhos de Deus (cf. Mt 5,12). A prédica de Jesus é voltada para a inclusão e salvação das pessoas porque a exclusão, a marginalização e o sofrimento não fazem parte da realidade do Reino. Cada ser humano é convidado a se converter, a demonstrar sua fé no Deus da vida e ajudar na realização de um novo tempo.

Para Schillebeeckx, Jesus se solidariza com os sofredores ao trazer para a vida concreta dos seres humanos o amor de Deus. A solidariedade de Jesus para com estas pessoas deve levar também à solidariedade de uns com os outros. É no amor solidário que as pessoas humanizam sua história e a libertam da opressão. O escritor belga afirma que

para os crentes e sobretudo para os cristãos, a fé em Deus torna o homem, num só e mesmo movimento, livre para o amor a Deus e para o amor aos companheiros de humanidade, [...] de modo especial para o amor preferencial aos pobres e marginalizados (1994, p. 130).

Por isso, a fé leva ao amor mútuo e à solidariedade com os sofredores. A estes é anunciada a salvação. No seu agir Jesus promove a comunhão social onde ocorria a excomunhão e a rejeição (cf. SCHILLEBEECKX, 1994, p. 156). É no ser de Jesus que se percebe sua solidariedade com os sofredores e a comoção que o sofrimento humano gera em Deus. O Reino de Deus é salvação dos seres humanos, principalmente dos perdidos, excluídos, vulneráveis – dos sofredores. O mesmo Jesus que é o homem-Deus, que é um com o Pai, é o mesmo que se comove com tanto sofrimento no mundo. Por seu intermédio, Deus age, novamente, na história humana promovendo salvação e libertação. É pela vida de Jesus, marcada por sua fidelidade a Deus e pela solidariedade com os homens que sofrem, que chega para a humanidade a salvação e a libertação de toda opressão.

3.1 Deus que se comove com o sofrimento humano

O Deus anunciado por Jesus de Nazaré é um Deus de amor, perdão, misericórdia e acolhimento de toda criatura, sobretudo dos pobres, dos marginalizados, dos pecadores, ou seja, de todo ser humano que sofre. Mesmo na absoluta soberania, Deus deixa-se afetar pelas misérias que os homens padecem. O Antigo Testamento já demonstra este preocupar-se de Deus em diversos textos em que há uma relação entre sofrimento, sobretudo do justo, e a ação salvadora de Deus. Schillebeeckx aborda esta temática e afirma que, de acordo com

um dogma da piedade judaica: os justos e piedosos *têm de sofrer*, mas Deus os há de exaltar! Assim, o “sofrimento do justo” desemboca num padrão de esperança e certeza de salvação: o justo acusado, sofrido e destinado a perecer será, no fim, reabilitado por Deus. Deus conhece o ser humano e tudo que o oprime (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 281).

Na situação citada, os homens esperam de Deus a libertação tão desejada e aguardam de Deus a resposta salvífica. Alguns “piedosos pediram a Deus que os libertasse do sofrimento e fracasso” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 281-282). Eles sentem, no sofrimento, que Deus os abandona e clamam por uma intervenção divina. Deus se comove com o sofrer de seu povo e responde ao seu apelo. Ao longo do texto bíblico vê-se continuamente a intervenção de Deus na história sempre no intuito de salvar, resgatar o seu povo. Profetas são vocacionados para denunciarem as situações de injustiça. Por meio deles Deus quer devolver a igualdade fundamental do povo. No entanto, o sofrimento provocado pelo mal persiste e comove Deus em seu íntimo. Novamente Deus age na história, agora por meio de seu Filho amado, que vem para resgatar definitivamente o ser humano

Em Jesus Deus se faz próximo da humanidade. O Reino já está presente, coxos andam, demônios são expulsos (cf. Lc 7,22s). Jesus demonstra que o Reino de Deus é libertação, saúde, bondade e felicidade e se faz realidade em sua pessoa. Deus não permite que o clamor fique sem resposta. Quando Jesus realiza milagres e curas, não os faz em seu nome mas, em nome do Pai. Deus é o autor, melhor, a origem dos portentos realizados por Jesus. Ele é, em sua pessoa, a mediação da ação do Pai, visto que, a origem última de sua atuação é Deus. Jesus é aquele que realiza a revelação e a salvação de Deus. Os milagres realizados por Jesus demonstram que Deus se preocupa com o ser humano. “Em Jesus ‘felicidade e futuro eram prometidos a quem já não tinha futuro’” (SCHILLEBEECKX, 2008,

p. 262). O Evangelho de Jesus Cristo é a Boa Nova de um mundo melhor, onde os sofridos e excluídos são incluídos no plano da Salvação definitiva.

Deus tem o poder de resgatar o perdido. Ele quer trazer para si todos aqueles que se desviaram do caminho reto e todos aqueles que sofrem. Deus está para além da nossa compreensão. Mesmo para aqueles que são considerados indignos Deus tem uma resposta de amor e comoção. A onipotência de Deus é indiscutível, contudo, ele se faz vulnerável pela vulnerabilidade da criatura. Há um entrelaçamento do criador com sua criatura. Um ocupar-se mútuo. O ser Absoluto e Supremo age na história contingente resgatando e salvando o humano, que por sua limitação não consegue livrar-se de todo o mal que existe em sua história. É

em virtude do ser-Deus de Deus, somos no mais fundo de nosso ser criaturas, que Deus quer levar à salvação, tão inefáveis como Deus – com e em virtude da inefabilidade do próprio Deus. [...] Somos limitados, mas Deus não é. [...] se pode reconhecer o ser ou a natureza de Deus como amor aos homens com preferência partidária e desinteressada pelos pobres, oprimidos, desclassificados e marginalizados (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 107-108).

Por meio da História da Salvação deduz-se uma história de sofrimento. É por causa da injustiça, do pecado, da dor que a História da Salvação é colocada em andamento. A humanidade sofredora espera de Deus a misericórdia e o fim para a desgraça e o sofrimento que sobre ela se abate. A partir desta esperança da intervenção divina na história o homem sofrido aguarda a libertação. Visto que Deus sempre se faz presente na obra da criação. Deus é aquele que promove o bem e combate o mal, a injustiça, a discriminação e todo tipo de sofrimento. O Deus que se deixa afetar pela dor do ser humano convida-o também a combater o mal e o sofrimento em todas as esferas da vida cotidiana.

O mal e o sofrimento não são realidades que façam parte do Reino de Deus. Jesus, o Filho, transforma a vida de dor e sofrimento em vida libertada. O Reino de Deus é felicidade para os seres humanos. A certeza que Jesus demonstra da iminente vinda do Reino de Deus e a libertação que este trará para todos os oprimidos e sofredores está pautada na sua relação com Deus, na sua certeza que Deus é Pai. Jesus percebe o grande contraste entre a realidade humana de sofrimento, injustiça, e a realidade do Reino que é esperança e vida nova. Deus é aquele que vem ao encontro da humanidade (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 260). A Boa Notícia pregada por Jesus é a benevolência de Deus para com toda criatura. Deus

cuida dos seus, Ele ama e liberta o ser humano das amarras da opressão. No Reino de Deus haverá a erradicação do mal. Schillebeeckx afirma que

Jesus se identificava com a causa de Deus como a causa da humanidade (o reino de Deus, que os humanos devem procurar primeiro, antes de mais nada), e com a causa da humanidade como causa de Deus (o reino de Deus como o reino de paz e felicidade entre os seres humanos). Era disso que Jesus vivia, disso ele estava repleto, sobre isso ele falava: os humanos são “seres com quem Deus se preocupa” (2008, p. 261-262).

Para as pessoas de fé, Deus não é indiferente ou alheio ao sofrimento humano. No intuito de resgatar o valor primordial da condição humana envia ao mundo seu Filho amado, não um Deus disfarçado de humano, mas um Deus que assume completamente a condição carnal do humano, um humano-divino. A história que Deus realiza no homem Jesus se converte na história da própria humanidade, principalmente pela prática e pela solidariedade de Deus, já que este está totalmente voltado para o ser humano. Percebe-se que a condição humana de Jesus não é temporária, não se esgota após sua pregação. Esta condição chega à consumação da morte na cruz em favor de toda a humanidade. Na cruz morre o humano e revela o divino (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 408.625).

O preocupar de Deus para com a humanidade é um fato demonstrado com a vinda de Jesus de Nazaré, sua vida e morte,¹¹ e o anúncio da Boa Notícia, que em si traz cura e salvação. Onde está Jesus o sofrimento é transformado em alegria. A chegada do Reino de Deus é, para os sofredores, lugar de alívio e de cura. Jesus é o Messias esperado que vem libertar seu povo da opressão. Ao ser interrogado pelos discípulos de João, Jesus responde “Ide contar a João o que ouvis e vedes: *os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados*” (Mt 11,4s). A resposta de Jesus demonstra que a era messiânica chegou e que no Reino de Deus não há lugar para o mal e o sofrimento porque Deus é bem e alegria. A pregação de Jesus desfaz as crenças dos judeus de que todo tipo de sofrimento é provocado pelo pecado, e que o pecador realmente deve ser excluído do convívio social. O Nazareno afirma que o pecado realmente provoca sofrimento, mas o justo também sofre. E Jesus veio curar a todos os sofridos sobremaneira os pecadores. As curas que Jesus realiza são

¹¹ No Novo Testamento Jesus é visto como a salvação vinda de Deus. Ele é a encarnação do cuidar de Deus para com a criatura. Para esta não há necessidade de preocupação, pois tudo lhe será dado por Deus (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 511).

demonstração do cuidado de Deus para com o sofredor. Onde está Jesus está a salvação vinda de Deus (cf. SCHILLEBEECKX, p. 676-677.779).

Jesus é o caminho que conduz a humanidade ao Reino de Deus. Ele revela o ser mesmo de Deus e ao mesmo tempo revela a plena humanidade do ser humano. Demonstra que no ser de Deus, que é amor e bem, os homens encontram alívio para suas angústias, visto que “o Deus de Jesus, porém, é o Deus que partilha da história da luta contra todas as forças e potências opressivas. [...] Deus participa do sofrimento, o Deus que padece sofrimento junto com os pobres e oprimidos” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 119). O Deus de Jesus Cristo é um Deus Absoluto, Soberano, mas não é um Deus fechado na sua onipotência. O sofrimento daqueles que são contingentes e impotentes afeta diretamente o interior da divindade. O Deus onipotente é um Deus libertador. O amor e a compaixão da Trindade para com os seres humanos e principalmente para com aqueles que sofrem, não tem limites. Deus se faz vulnerável perante os males que assolam a criatura, compartilha a dor e o sofrimento humano. Schillebeeckx sustenta que a afirmação da onipotência divina deve também considerar que ela se faz vulnerável perante a condição humana, onde

experiências humanas de indefensabilidade e vulnerabilidade levam crentes a entender que Deus está presente junto de seres humanos indefesos e vulneráveis e que neles e junto deles Deus se manifesta como vulnerável [...]. Quando se trata de Deus, trata-se também de salvação e felicidade para os homens. Quem, pois, se questiona acerca da onipotência ou impotência de Deus, sem se perguntar pela salvação humana, já se coloca em posição errada e discute pseudoproblemas. (1994, p. 118).

A condição humana de sofrimento é muito real. O sofredor necessita de salvação no presente de sua história. Na vida de fé, o sofrimento recebe uma ressignificação e ao lado de sua história vê-se a salvação vinda de Deus. Ele mantém relação com o ser humano e esta é pautada pela misericórdia. Desde os primórdios da criação e de modo explícito a partir da eleição de um povo. Deus doou terra, libertou os cativos do Egito, alimentou-os na travessia do deserto, fez Aliança e cuidou dos exilados. A ação salvífica de Deus torna-se plena com a vinda de Jesus de Nazaré, que garante aos necessitados e sofredores que Deus age na história humana e age salvando. Schillebeeckx afirma que “em Jesus foi revelada a maneira como Deus cuida do ser humano” (2008, p. 195). Deus se revela em Jesus como um Deus que se preocupa e se comove com o sofrimento humano e na pessoa do seu Filho faz visível a sua misericórdia para com os homens.

3.2 A vida de Jesus marcada pela relação com o próximo

Em sua vida Jesus esteve sempre atento ao próximo. Percebe suas aflições, dificuldades e sofrimento. Para os sofredores e excluídos Jesus era a cura e a inclusão. Para o Nazareno não importava se era sábado, momento de jejum ou qualquer outro legalismo, a cura sempre acontecia no momento de dor, de sofrimento, visto que Jesus se solidariza com o sofrimento do outro e perante este sofrimento não se cala. Jesus age de tal forma em favor do próximo que estes percebem nele, claramente, a proximidade salvadora de Deus. A vida de Jesus torna-se parábola/narrativa que abre possibilidade de vida nova, já que Jesus passava pelos lugares fazendo o bem, levando salvação e alegria. Com a vinda de Jesus algo de excepcional acontece na história concreta de cada um com o qual encontra. Somente em Jesus a salvação vem até o humano.

A pergunta fundamental “Quem é Jesus de Nazaré?” só pode ser respondida levando em consideração, em primeiro lugar, que Jesus é uma pessoa histórica, que reagiu aos acontecimentos sócio-culturais de seu tempo. Em segundo lugar, que Jesus estava em relação direta com as pessoas de seu tempo, é um ser humano e como tal é relacional, ou seja, troca experiências com seus contemporâneos. Em último lugar, é preciso considerar que Jesus exerceu grande influência nas pessoas de seu tempo e com isto possibilitou a futura profissão de fé. Deste modo percebe-se que Jesus de Nazaré é uma pessoa que se deixou marcar pelo próximo ao mesmo tempo em que exerceu grande fascínio sobre eles (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 37).

Jesus veio instaurar o Reino de Deus na terra, anunciando a Boa Nova, a salvação vinda de Deus para todos os homens. É aquele que em sua atividade atraiu para si os mais diferentes tipos de pessoas, desde os mais humildes até homens ricos. Despertou, também, as mais diversas reações, como uma fé incondicional por parte de alguns judeus que reconheceram nele o Cristo, e, também, a repulsa e a incredulidade de outros, que o viam como um revolucionário que colocava em xeque todo o sistema jurídico e religioso.¹² Jesus estava a favor dos marginalizados, dos excluídos da sociedade. Em sua vida vê-se a misericórdia infinita de Deus para com os oprimidos, com os sofredores. Jesus é solidário

¹² Schillebeeckx afirma que para Q “diante desse Jesus, uma atitude neutra não é possível” (2008, p.415). De acordo com texto bíblico, Jesus afirma categoricamente: “Quem não está a meu favor, está contra mim, e quem não ajunta comigo, dispersa” (Mt 12,30 e ||Lc 11,23).

com o próximo e isso se mostra na sua vida, nas parábolas que conta, nas curas que realiza, enfim, na comunhão de vida.

Jesus se compreendia como o enviado de Deus para instaurar a igualdade e a fraternidade entre aqueles que Deus escolheu como seu povo. Sua missão é evidenciada através de sua prédica. As parábolas que conta trazem sempre uma mensagem de amor, compaixão e misericórdia afirmando a proximidade de Deus. Jesus se fez próximo não só daqueles que se dispuseram a segui-lo, os seus discípulos. Ele se fez próximo de todos os excluídos, visto que, segundo Schillebeeckx, o “Reino de Deus, sua exigência de ser seguido por discípulos, sua atitude diante dos ‘excluídos’ social e religiosamente, suas parábolas colocam os judeus diante de uma decisão” (2008, p. 47). Uma decisão definitiva de vida, todos precisam de conversão, uma conversão definitiva a Deus, para fazer realizar seu Reino. “A autocompreensão de Jesus, na sua relação com Deus e com os outros, de fato é de importância capital” (*ibid.*, p. 47). É a partir dela que se atinge a compreensão da unidade singular da vida dentro dos parâmetros do Reino.

Aos sofredores Deus demonstra um amor especial. Jesus apresenta que Deus age livremente na história, partilhando seus dons e seus favores. As parábolas que Jesus conta revelam o Reino de Deus como lugar de alegria, de busca pelo que foi desviado/perdido, de misericórdia, perdão e amor. Todos devem confiar em Deus. O Deus de Jesus é o Deus que cuida dos seus. Neste sentido, a esperança perdida é restaurada (cf. SCHILLEBEECKX, 1994, p. 154-156). As parábolas demonstram a solidariedade de Deus para com os homens e o seu Reino acontecendo na história, no mundo que se vive, na realidade em que se está inserido, uma vez que as

parábolas não apontam para outro mundo acima deste, mas para outra possibilidade dentro deste nosso mundo, para uma possibilidade real de vermos e vivermos a vida e o mundo de maneira bem diferente do que se costuma fazer. [...] O novo mundo que a parábola nos abre é apontado como possibilidade concreta desta vida, também para quem agora escuta a parábola (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 151).

A vida que a parábola aponta é marcada por um excesso de misericórdia (demonstrada na parábola do bom samaritano). O mundo que as parábolas revelam tem um teor particularmente diferente da realidade vivida. Este mundo é o Reino de Deus e nele a decisão última é sempre pela vida, dentro de nova perspectiva: a da graça (a leitura cristã da graça será desenvolvida no Capítulo III) e da misericórdia (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p.

151). As parábolas que Jesus conta abrem novo horizonte de sentido e compreensão do mundo marcado pela “graça e o amor, mundo que submete à crítica e quer mudar a nossa história humana sofrida” (*ibid.*, p. 152).

As parábolas que Jesus conta provocam choque nos ouvintes. Elas desinstalam a pessoa do lugar comum, como afirma Schillebeeckx: “Parábolas nos forçam a pensar mais um pouco. Acontecimentos costumeiros são colocados em contexto não costumeiro, e assim o lugar comum torna-se provocação estimulante” (2008, p. 150). Elas inserem novo sentido à realidade, promovem um suspense que inquieta seus ouvintes, coloca-os diante de escolhas de vida. O objetivo de Jesus é sempre demonstrar os desígnios de Deus para o reto agir entre seus filhos. A vida que as parábolas narram é sempre resgatada, encontrada. Todas as parábolas contadas por Jesus visam atingir a ação concreta dos seus ouvintes, visto que ela é provocadora e diante delas é impossível uma atitude neutra, é preciso se posicionar, fazer escolhas. O que Jesus apresenta é uma nova atitude perante a vida, uma abertura para a proximidade salvífica de Deus, que acontece progressivamente na história (cf. SCHILLEECKX, 2008, p. 152). A nova posição que se toma tem que passar pelo próximo, pela solidariedade, pela realização da vida. O que implica posicionar-se contra as estruturas que geram sofrimento e dor e tomar partido da causa de Deus como causa dos mais desvalidos, os sofredores da história.

Jesus, em sua vida pública, conta várias parábolas. A tradição sinótica tem um vasto repertório. Parábolas que falam do perdido que foi encontrado, daquele que se faz próximo do seu irmão, de pessoas que se posicionam contra a misericórdia de Deus, de pessoas que perdoam sem limite e de outras que se recusam a perdoar. O que há em comum entre todas as parábolas é a revelação do Reino de Deus, da vida ética que

concretiza-se, no seu último elemento, como dedicação misericordiosa ao próximo, pois se o reinado de Deus é a dedicação universal da misericórdia divina ao ser humano, então a metanóia exigida pelo reinado de Deus é concretizada na compaixão e dedicação ao próximo (SCHILLEECKX, 2008, p. 159).

Não é só Jesus de Nazaré que se ocupa com os sofredores, ele vive de modo a demonstrar que Deus Pai também se interessa pela humanidade sofredora. Para Jesus há um entrelaçamento entre Deus e os sofredores. Pois “a imagem que Jesus tem de Deus está determinada pelos que têm sede, pelos estrangeiros e prisioneiros, pelos doentes e

marginalizados. Vê neles o seu Deus” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 158). O Deus de Jesus é visto, também, naqueles que agem com retidão, amor e misericórdia. Jesus afirma que todas as pessoas misericordiosas serão felizes (cf. Mt 5,7). O autor belga demonstra que a misericórdia é uma constante no Reino de Deus. Ela é demonstrada pelas ações de Jesus, que come com pecadores, oferece salvação a todos, sem distinção. Jesus conta parábolas e é ao mesmo tempo a parábola de Deus para a humanidade pecadora e sofredora (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 160). Para ela, Jesus é salvação e vida, é resposta de Deus a todos os sofrimentos.

Deus está voltado para a promoção da humanidade em plenitude. Jesus é o instrumento de Deus para fazer acontecer o bem e a Boa Nova como cura para todas as enfermidades. Ao realizar milagres, em diferentes momentos, Jesus demonstra que a dignidade da vida é maior que qualquer Lei. Aponta para a necessidade de compreender a Lei no sentido de resgatar o perdido, curar o doente, libertar o oprimido. O ser humano deve ser cuidado. Jesus é aquele que faz o bem, inclusive em dia de sábado. Não importa que a *Lei de Moisés* mande guardar o sábado, se for preciso realizar alguma atividade para salvar o humano, esta deve ser feita, não importa quando isto acontece, deve-se sempre fazer o bem, salvar (cf. Mc 3,4). Esta atitude de Jesus para com a Lei desperta os mais variados sentimentos e atitudes para com a sua pessoa e para Schillebeeckx, seguindo o Evangelho segundo São Marcos, é o ápice do “choque”, da crise entre Jesus e as autoridades judaicas. Estas, a partir do momento que Jesus realiza uma cura no dia de sábado, decidem matá-lo (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 152).

Este modo de viver, voltado mais para o processo de humanização dos homens do que para a lei, o tipo de relações humanas desejada por Jesus e a sua própria pessoa foram compreendidas, ao longo da história, de diferentes maneiras. Jesus foi visto como um revolucionário, um essênio, um zelota, ou mesmo o messias esperado. Mas o que é comum em todas as diversas formas de compreender sua figura é o seu ser relacionalidade, sua profunda ligação com o outro. Jesus é o promotor da libertação humana. A Tradição oferece a imagem de um Jesus totalmente voltado para o próximo, uma figura cativante. Jesus não foi um simples líder carismático, mas um líder carismático que agia, que fazia acontecer no aqui da história a libertação dos sofrimentos (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 64).

Para demonstrar a proximidade do Reino de Deus Jesus realizava prodígios que libertavam os oprimidos dos males que lhes tolham a liberdade e a dignidade de seres humanos. Seguindo o relato bíblico (de acordo com a fonte Q), Schillebeeckx afirma que

Jesus não necessita realizar milagres para sua autoafirmação. Todos os milagres que Jesus realiza é para o bem do outro. Para curar o doente, para libertar o oprimido, ou seja, para sanar o mal que aflige o ser humano. Neste sentido, Jesus se recusa a realizar milagres inúteis, que não demonstram a vinda do Reino de Deus. Para o teólogo dominicano, “Jesus, segundo essa tradição, se recusa a fazer milagres de ‘legitimação’, sem utilidade e salvação para os outros” (2008, p.181). Os milagres realizados por ele são para a salvação dos sofredos, não para proveito próprio. Eles demonstram uma boa notícia para os pobres (cf. *ibid.*, p.181). Jesus cura cegos e coxos, liberta os oprimidos, alivia o sofrimento. As pessoas recorrem a ele como refrigério para os mais diversos sofrimentos. “Jesus faz milagres e exorcismos quando outros, em suas necessidades, lhe pedem; não para legitimar a sua própria missão. Isso implica: provação, sofrimento, até o martírio” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 506)¹³.

Schillebeeckx afirma que Jesus realiza: a cura física, a libertação de pecados e possessões, somente para demonstrar que suas obras vêm de Deus¹⁴. Isso acontece claramente nos relatos sobre as tentações, no deserto¹⁵ e na cruz¹⁶, onde Jesus é questionado por Satanás, pelos fariseus, até mesmo pelos que com ele foram crucificados. Em todos os momentos de tentação “Jesus não quer fazer milagres em seu próprio proveito, nem mesmo para legitimar o

¹³ Para realizar a liberdade, a cura e a salvação do outro, Jesus não invade o espaço vital do humano. Ele permite que as pessoas se aproximem dele, as multidões o seguiam. Ao ouvirem falar dele e ao constatar sua presença, as pessoas acorriam a ele implorando por libertação. Gritam por seu nome e reconhecem que Jesus é da estirpe do rei Davi, que ele é o Messias esperado. Jesus é aquele que age movido pela misericórdia e realiza portentos, de acordo com a fé demonstrada (cf. Mc 10,46-52). Mas que tipo de libertação as pessoas precisavam? Jesus não impõe sua vontade, ele permite que a pessoa peça o que ela quer que seja realizado: “Então Jesus lhe disse: ‘Que queres que eu te faça?’ *‘Rabbuni! Que eu possa ver novamente!’*” (v.51). É deste modo que Jesus age, não oprime, não impõe o seu querer, não usa seu poder de forma autoritária. Para Schillebeeckx, Jesus é o profeta escatológico que realiza prodígios para o bem das pessoas, libertando-as de todo mal (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 181).

¹⁴ O aval de Deus para as ações de Jesus se dá somente com a futura ressurreição dos mortos. A ressurreição de Jesus é, para Schillebeeckx, a afirmação, a legitimação de que Jesus age em nome de Deus, é o *locus* onde Deus dá razão à missão de Jesus (cf. 2008, p. 506).

¹⁵ Então, aproximando-se o tentador disse-lhe. ‘Se és Filho de Deus [...] Respondeu-lhe Jesus: “Também está escrito: “Não tentarás ao Senhor teu Deus.”’ (Mt 4,1-7; || Lc 1,13).

¹⁶ Schillebeeckx afirma que o profeta escatológico, mesmo no sofrimento, não precisa legitimar-se. Assim, Jesus não se deixou levar pelas provocações e ultrajes que sofre na cruz. Nosso autor fala do texto da tradição marcana como exemplo de que Jesus nada faz para seu proveito (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 506). Assim relata Marcos: “os transeuntes injuriavam-no, meneando a cabeça e dizendo: ‘Ah! tu, que destróis o Templo e em três dias o reedificas, salva-te a ti mesmo, descendo da cruz!’ Do mesmo modo, também os chefes dos sacerdotes, caçoando dele entre si e com os escribas, diziam: ‘A outros salvou, a si mesmo não pode salvar! O Messias, o Rei de Israel... que desça agora da cruz, para que vejamos e creiamos!’ E até os que haviam sido crucificados com ele o ultrajavam” (Mc 15,29-32). Nesta situação, Jesus não se deixa abalar, permanece na confiança da ação de Deus em favor do justo e da humanidade.

fato de que o ‘seu espírito’ é o Pneuma de Deus” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 506). Os sinais que realiza demonstram a vinda iminente do Reino de Deus como transformação radical das estruturas corrompidas, marginalizantes e opressoras.

Assim, fica evidente o objetivo de Jesus ao realizar sinais, milagres e prodígios. Jesus é aquele que faz o bem, suas obras estão direcionadas a tornar a vida do próximo plena. Os milagres que ele realiza são para a salvação do outro, eles demonstram a chegada, no hoje da história, do Reino de Deus e com ele a salvação, a libertação e a redenção definitivas de todas as criaturas. O Reino de Deus é a boa notícia pregada aos sofredores de todos os tempos, é o lugar onde se realiza a cura. Jesus torna o Reino evidente não só nas parábolas que conta, mas também na sua praxe cotidiana, junto com Jesus andam a paz e a felicidade do reinar de Deus sobre toda criatura.

Pelos seus milagres, ele traz uma boa notícia para os pobres, não apenas verbalmente, mas de fato. Ele é o profeta escatológico que traz a alegre mensagem: “Deus vai reinar” (Is 52,7; cf. 61,1). Que surdos ouvem e cegos veem [...] ser cego é estar longe de Deus; ver é ter acesso à salvação, e o “profeta escatológico” e a “luz do mundo” (Is 42,6-7). Jesus é *luminoso* e *libertador* para quem dele se aproxima” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 181).

Jesus cuida da humanidade sofrida e oprimida. Ele se deixa comover pelas suas angústias e por todo o mal que a aflige¹⁷. Jesus percebe a dificuldade que algumas pessoas sentem de ver Deus, de estar junto a Deus. Para esses, Jesus se manifesta como parábola que demonstra a realização dos planos divinos. Para os doentes, Jesus traz cura, e para os excluídos e marginalizados, ele é esperança de vida libertada. Por isso, os milagres que Jesus realiza durante sua vida pública são sempre no sentido de resgatar e ajudar todos os necessitados e alienados da história. Jesus resgata o ser humano de todas as configurações marcadas pelo mal. Segundo o teólogo antuerpiano:

Jesus não se legitima. Ele mesmo não se preocupa com a própria identidade; ele é ele mesmo em tudo que faz; a sua identidade consiste em identificar-se com pessoas necessitadas e angustiadas, a fim de libertá-las dessa auto-

¹⁷ Neste contexto temos como exemplo o relato de Marcos, que demonstra como Jesus se deixa afetar pela humanidade perdida: “Assim que ele desembarcou, viu uma grande multidão e ficou tomado de compaixão por eles, pois estavam como ovelhas sem pastor” (6,34). Os textos de Mc 8,2;9,22;10,47 demonstram também a compaixão que Jesus sente para com o gênero humano e como a humanidade implora por sua misericórdia. Para Schillebeeckx, é assim que Jesus demonstra quem ele é (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 185).

alienação, devolvendo-as a si mesmas, para assim, serem novamente livres para os outros e para Deus (2008, p. 185).

Jesus deseja a liberdade e a vida na dignidade de filhos para todos. Ele não exclui, ele cuida das pessoas sofredoras e oprimidas, sem distinção, ele cuida de homens e mulheres; pobres e ricos. Jesus identifica-se com os necessitados de misericórdia, liberta-os, devolve-os a si mesmos. Ele é aquele que veio para aliviar o fardo pesado, carregado pelos pequenos e subjugados. O sofrimento do ser humano lhe inspira a necessidade de realizar algo a favor do sofredor. Jesus torna-se taumaturgo e libertador. Ele não permite que as mazelas do povo permaneçam, e que a indiferença das autoridades continue a ser lugar comum. Jesus cura, liberta e reconcilia os homens. O nazareno, em sua práxis, demonstra que ele é o Ungido, aquele que veio salvar e dar cumprimento ao que foi dito pelos profetas:

Ao entardecer, trouxeram-lhe muitos endemoninhados e ele, com uma palavra, expulsou os espíritos e curou todos os que estavam enfermos, a fim de se cumprir o que foi dito pelo profeta Isaías: *Tomou nossas enfermidades e carregou nossas doenças* (Mt 8,16s).

Jesus carregou em si todo o sofrimento da humanidade (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 184). Ele cura e liberta, movido por uma grande compaixão e misericórdia. Seu agir devolve aos filhos de Deus a dignidade da imagem e semelhança perdidas por causa do mal, do pecado e da violência da sociedade. Jesus resgata os pobres e cura as enfermidades. Assim, seu agir é terapêutico, no sentido em que cura os males e devolve ao ser humano a si mesmo, com responsabilidade e cuidado de um para com o outro. Jesus é aquele que carrega as dores do mundo. Jesus permanece fiel à missão que lhe foi concedida pelo Pai, mesmo que no seu percurso experimente provações, injúrias e sofrimento. O Nazareno vive voltado para o próximo, para a dor do outro, não para a sua. Ele manifesta em si o amor que Deus dedica à humanidade. É para ela que o Filho veio ao mundo, que se manifestou na carne, fazendo de sua divindade uma igualdade para com a humanidade. Só nesta relação de semelhança, o divino, pode pôr em ação todo seu amor em favor da humanidade.

Jesus mostrou-se, então, como *ser humano com liberdade*, homem livre, cuja soberana liberdade nunca agia para seu próprio proveito, mas sempre em benefício dos outros, como manifestação da livre e amorosa dedicação de Deus ao ser humano (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 198).

Em todo seu contexto vital, Jesus demonstra, livremente, qual é o verdadeiro modo de agir daqueles que têm sua vida voltada para Deus. A vida de Jesus é o símbolo que demonstra como cada um deve atuar no mundo, de modo a torná-lo um lugar melhor, onde possa prevalecer a justiça, a fraternidade, o direito, a igualdade, entre outros. O texto exemplar de como deve ser a conduta humana perante o Reino de Deus é o chamado de “As Bem-Aventuranças” ou o sermão da montanha de Mateus e da planície de Lucas. Nas bem-aventuranças, os pobres, os humildes, os aflitos, os famintos, ou seja, aqueles que no presente momento da história sofrem, são bem-aventurados porque receberão as bênçãos de Deus. Assim, serão felizes e se dedicando à causa de Jesus como causa de Deus, poderão regozijar e receber, diretamente do Pai, a recompensa (cf. Mt 3,12; Lc 6,20-23).

Para essas pessoas, a realidade já está se transformando. É o próprio Deus quem inverte a situação de sofrimento em felicidade. Os injustiçados, os sofridos e oprimidos têm em Deus a certeza da salvação. No Reino, as relações humanas ganham novo sentido, visto que ele já começa a acontecer com a atuação de Jesus de Nazaré. Há uma relação do já e ainda não: “o reino de Deus se verifica desde já, mas o reino de Deus acabado ainda vai acontecer; no entanto, o futuro já começou” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 166). Jesus é o profeta escatológico que vem realizar na história a salvação, a felicidade e o sim da parte de Deus. O sim à vida, igualdade e justiça. O Filho porta a notícia, a mensagem salvífica para os pobres que choram e esperam em Deus (cf. *id.*, 1994, p. 188). Todos podem esperar de Deus a felicidade e a vida eterna. Mas, estas já se encontram presentes em Jesus, o profeta escatológico, que proclama a alegre notícia do Reino de Deus (o futuro e o presente) ao declarar bem aventurado todo aquele padece algum tipo de sofrimento, assim

a bem-aventurança formulada por Jesus quer dizer: é agora que isso vai acontecer. Agora vai se cumprir esse desejo dos que estão esperando o auxílio de Deus; agora está próxima a realização de promessas e expectativas. É por Jesus que o reino de Deus chega para eles. É Jesus quem tem compaixão desses pobres. É incompreensível a história do sofrimento humano, que pelo próprio humano não pode ser remediado; mas agora o próprio Deus vai agir. Em primeiro lugar, é assim que Jesus traz “da parte de Deus” a mensagem do *não radical* de Deus contra toda história do sofrimento humano. O verdadeiro sentido da história, embora apareça apenas escatologicamente, é paz, alegria, satisfação; é salvação e felicidade (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 170).

Jesus anuncia, dentro dos moldes de sua época, que Deus age na história. A ação de Deus é negação do mal, da miséria e da morte; é afirmação da vida, da salvação e

felicidade. O Deus que Jesus anuncia é “o Deus que demonstra amor especial para com aleijados, incapacitados, coxos, oprimidos, marginalizados e inclusive os pecadores” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 155). Estes são o foco da história da salvação e da atuação de Jesus na história humana. É para eles que Deus se manifestou como salvação e libertação, como um Deus dos humanos, cuja existência está voltada.

Percebe-se, ao fim do que foi relatado, que o Nazareno é presença libertadora tanto na sua convivência com os pecadores como com os enfermos, endemoninhados. Ele não só liberta os sofredores, mas também, acolhe-os, como o mais profundo do humano. Ele intervém junto a Deus em favor destes, visto que “sempre vê o ser humano em sua situação totalmente concreta. Por isso, sabia ser profundamente e tão surpreendentemente humano para os seus semelhantes” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 196). Jesus é o humano que espelha o divino, revelando-o como o Deus dos sofredores, o Deus amor que alimenta, cura e liberta.

Jesus é aquele que passou fazendo o bem. Sua vida é o relato de Deus. Nela se entrelaçam o humano e o divino, visto que assumiu a humanidade, a carne, e com ela todas as suas mazelas, seu sofrimento, ao mesmo tempo em que permanece seu estado divino. Jesus é o Filho de Deus muito amado. Em todos os sentidos demonstrou que sua mensagem é sobre Deus e da parte de Deus aos homens. O Deus que se importa com a situação em que vive sua criatura e devido à injustiça que provoca sofrimento envia-nos seu Filho. Jesus compadeceu-se da multidão faminta e perdida. Assim, realizou diversos sinais, milagres que em tudo demonstram a vinda definitiva do Reino de Deus. Ele afirma: “Mas se é pelo Espírito de Deus que eu expulso demônios, então o Reino de Deus já chegou a vós” (Mt 12,28). O reino de Deus que chegou até nós tem sua realização concreta na pessoa de Jesus: “o conteúdo concreto se esclarece por toda atuação dele, suas parábolas e praxe de vida” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 137).

Os atos de Jesus querem provocar nas pessoas uma resposta de fé. Uma fé incondicional que gera comunhão com o próprio Deus e com o próximo. “A intenção dos prodígios de Jesus é oferecer aos outros a salvadora comunhão com Deus” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 188). A comunhão só existe onde há encontro de duas liberdades na fé e no respeito. Jesus demonstra em alguns dos milagres que realiza, que é a fé que salva e cura a pessoa do sofrimento. Visto que “é somente na fé que o reinado de Deus se comunica aos seres humanos” (*ibid.*, p. 189). Como o milagre só surge no encontro das liberdades, Jesus não invade a pessoa do próximo e submete-o aos seus desejos. Nas narrativas de milagres nos textos canonizados relatam a busca incessante do humano pela

cura. As pessoas procuram Jesus e encontram nele a salvação vinda de Deus. Neste encontro ser humano e divindade vivem em comunhão e aquele recebe por parte desta todo auxílio necessário para a vida digna e liberta da dor. Jesus é a Paz que vem de Deus e faz acontecer a paz na terra. Ele é o enviado de Deus para fazer realizar seu Reino (cf. *ibid.*, p. 188-192).

Contudo, Jesus, o justo, o líder carismático, aquele que foi proclamado o Cristo de Deus, também sentiu aquilo que era o mais particular da existência humana. Jesus sofreu as piores humilhações às quais uma pessoa podia ser submetida. Viveu a noite escura, sentiu a angústia existencial. Foi abandonado, humilhado, desprezado. Como muitos outros, também, ele foi colocado à margem da sociedade. Grande ironia, aquele que reinseriu socialmente os excluídos é agora marginalizado. Sofreu a dor não só do próximo, mas a sua própria dor. Foi martirizado e crucificado. Schillebeeckx afirma que

O evangelho cristão vive da memória crítica da história humana de sofrimento; ele recorda a mensagem e a prática de vida de Jesus, que se preocupou com pobres e oprimidos e, por isso, também conheceu ele próprio sofrimento e martírio. [...] Decisiva é a práxis do Reino de Deus em solidariedade com todos os homens (1994, p. 52).

Neste sentido há um elo profundo entre a dor dos que procuravam e se encontravam com Jesus e o próprio sofrimento do homem Jesus de Nazaré, o humano que também é Deus, que morreu abandonado e crucificado. Toda a existência de Jesus “proclama que se pode realizar salvação também no meio do sofrimento e na execução injusta” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 168). O próximo capítulo tratará desta temática especificamente, o sofrimento de Jesus quer existencial, quer físico. Tal sofrimento marcou de modo singular aqueles que o acompanharam e se encontra relatado em diversos textos, sobremaneira naqueles que foram canonizados como a Escritura Sagrada.

CAPÍTULO II

O MISTÉRIO PASCAL DE CRISTO NA CRISTOLOGIA DE SCHILLEBEECKX

O Mistério Pascal de Cristo é a expressão máxima da ação salvífica de Deus para toda a humanidade. Dentro da cristologia de Schillebeeckx o tema toma forma a partir da vida de Jesus de Nazaré, que andou pela Galileia, passou fazendo o bem, curando, expulsando demônios, promovendo cura e libertação. A vida de Jesus foi marcada pelas relações interpessoais, sobretudo, com os mais sofridos e rejeitados da sociedade (como relatado no capítulo I) e também pelo seu próprio sofrimento e rejeição. Assim, a cristologia desenvolvida por Schillebeeckx tem caracteres antropológicos, visto que ele parte do ser humano Jesus para chegar à proclamação de fé que afirma que este homem é o Cristo.

No sofrimento, tanto o de Jesus quanto o dos homens de todos os tempos, não há abandono. Mesmo na dura realidade do sem-sentido, Deus se faz presente. Ele se compadece de tanto sofrer. O sofrimento não é a realidade do Reino de Deus, é marca indelével do mal, que gera incompreensão, rejeição, morte. Jesus sofreu na sua carne todos os frutos que o mal pode produzir. Ele padeceu a dor da exclusão e do repúdio público, por parte das autoridades de sua época, por causa de sua mensagem. No seu caminho de vida, muito cedo se deparou com a possibilidade de morte violenta. Sua práxis culmina na cruz.

A cruz é a consumação da obra de Jesus. Todo seu caminho de vida é um caminhar para cruz. É justamente no momento mais sombrio de sua vida que muitos encontram o ponto de reconciliação com sua história de sofrimento, com os outros e com Deus. Jesus é visto como a resposta de Deus para o clamor humano perante o sofrimento. O Mistério Pascal de Cristo tem como centro a proclamação do crucificado-ressuscitado. Nesta proclamação toda a dor e o sofrimento da cruz adquirem novo significado. A cruz de Jesus,

com todo absurdo e brutalidade que poderia representar, é para os cristãos, também, lugar de cura e salvação.

1. Preâmbulo: o evento Jesus como *locus* da cristologia

Para Schillebeeckx, toda cristologia deve partir da história humana de Jesus de Nazaré. Foi este homem concreto que, a partir de sua vida – morte – ressurreição, foi proclamado o santo de Deus. Toda a proclamação pós-pascal está pautada na vida deste Galileu que marcou definitivamente aqueles com os quais conviveu. “A partir da identificação de Jesus de Nazaré como o profeta escatológico, torna-se compreensível, o início da cristologia do Novo Testamento” (2008, p. 486). A cristologia não tem como ponto de partida um simples gênero literário, mas uma pessoa concreta.

De Jesus, porém, nasceu o movimento cristão! Aí está uma diferença essencial. E a esse Jesus, em quem muitos haviam encontrado uma salvação concretamente histórica, podiam-se aplicar tranquilamente (para serem entendidos naquele tempo) os conhecidos modelos literários, como condição de Jesus se ter manifestado de fato, em mensagens, palavras e ações, como o “verdadeiro profeta dos últimos dias” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 485).

Jesus é visto como o profeta dos últimos tempos, e também como a encarnação do Deus vivo, que veio trazer o bem para a humanidade. É a partir da experiência da presença salvífica de Jesus que as pessoas perceberam a chegada do Reino de Deus. Jesus é, para nosso autor a norma e o critério para a fé cristã (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 485). É justamente pela fé que o Mistério Pascal de Cristo revela de forma exemplar a divindade de Jesus e sua pertença tanto ao mundo humano quanto ao divino.

A cristologia surge desse reconhecimento. Schillebeeckx afirma que “Jesus traz a mensagem do reino de Deus em palavras e ações” (2008, p. 186). Toda a vida de Jesus é um constante entrelaçamento da divindade com a humanidade. Sua práxis o leva ao caminho da cruz. Esta é compreendida como salvação definitiva, o sacrifício perfeito que agrada a Deus. E assim o sendo, “Jesus era venerado como o Crucificado vivente [...] esse homem Jesus, durante os dias de sua vida nesta terra, era de excepcional bondade e compaixão para com seus semelhantes [...] experimentava-se em Jesus a salvação” (*ibid.*, 2008, p. 186). A

experiência salvífica promove um novo viver, já que sua história não acaba com sua morte de cruz. Em todos os momentos ele é a presença viva do Reino de Deus na terra.

Torna-se evidente que na história do homem Jesus há muito sofrimento. Ele é o profeta escatológico que anuncia o Reino de Deus e também sofre. Jesus sofre em solidariedade com os oprimidos e sofre também sua própria dor. Jesus é rejeitado pelos seus parentes, que o têm como um louco; é discriminado pelos chefes religiosos, sendo seu ministério acusado de ser de origem satânica; sofre a angústia da noite escura e sofre, por fim, o martírio e a crucifixão. Por tudo isso, foi reconhecido pelos primeiros cristãos como a resposta salvífica de Deus para o sofrimento humano.

Antes de remeter-se ao sofrimento propriamente dito de Jesus, faz-se mister uma última palavra sobre suas ações e sentimentos para com o povo (como desenvolvido no capítulo I). Foram essas ações que abriram espaço para o surgimento da proclamação de que Jesus é o Cristo. A cristologia desenvolvida por Schillebeeckx parte do ser humano Jesus de Nazaré, do dado histórico, para depois chegar à proclamação da fé: Jesus, morto e crucificado, ressuscitou. Ou seja, a proclamação do Mistério Pascal de Cristo. É a vida de Jesus que fornece elementos para a lembrança. “Portanto, para compreendermos melhor o teor teológico do querigma eclesial e das primeiras tendências do credo, com base na impressão que os seus fiéis seguidores tiveram do Jesus terreno” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 484). As lembranças sobre Jesus se voltam de modo especial para o cuidado que o Nazareno tinha com os homens com os quais encontrava.

Jesus centra sua ação na relacionalidade que existe entre o Criador e sua criatura. Em Jesus é Deus quem aparece na história. Assim, Jesus, é a expressão do amor de Deus e como tal seu olhar está voltado para os necessitados. Jesus não veio ratificar o legalismo judaico que é a origem da opressão e discriminação, mas, ensina uma nova Lei, a Lei do amor a Deus e ao próximo. Ele reinterpreta a Lei dada a Moisés, reafirma o primeiro mandamento e contextualiza os outros fazendo uma leitura amorosa de cuidado para com o ser humano. “*E amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento, e com toda a tua força. O segundo é este: Amarás o teu próximo com a ti mesmo*” (Mc 12, 30-31a). Jesus não só apresenta o novo mandamento, mas vive-o. Esta atitude não agrada aos doutores da lei. Por eles, Jesus é visto como um transgressor¹⁸, porque ele denuncia a falsidade dos fariseus e assim desinstala a segurança destes.

¹⁸ As autoridades judaicas temiam as consequências das ações de Jesus, por isso o declaram transgressor da lei. No entanto, Schillebeeckx afirma que “Jesus não causou no seu ambiente a

Jesus acusava os fariseus de viverem de modo estereotipado, sem realmente se preocuparem com a salvação de Israel e reunir o povo em uma só fé no Deus vivo e verdadeiro. A fé só é válida se implica compromisso. Para Jesus, os fariseus são uma “*raça de víboras*” (Mt 12,34a), são “semelhantes a sepulcros caiados que por fora parecem belos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda podridão” (Mt 23,27b). Eles aparentemente seguem os Mandamentos, mas vivem de hipocrisia. Jesus demonstra que deveria haver comunhão entre a humanidade e Deus. Schillebeeckx afirma:

De fato, nos evangelhos trata-se de uma luta em torno da legitimação do “ser Filho de Deus”: nos milagres de Jesus, nas suas “tentações no deserto”, nas suas palavras de discussão e ensinamento. E tudo isso culmina em sofrimento e morte. (2008, p. 511).

2 Jesus que sofre

Jesus é aquele que sofre, não só na cruz, mas em diversos momentos de sua vida terrena. Ele é o servo sofredor nos moldes do que foi profetizado por Isaías nos cantos do Servo (cf. Is 42,1-9;49,1-7;50,4-11;52,13-53,12), ele é aquele que carrega as dores do mundo, que cuida dos enfraquecidos, suporta o desprezo e a humilhação. O Servo de Deus é aquele que vem reunir novamente o Povo Eleito em um só povo, mas os seus não o compreendem. O servo sofre, mas virá posteriormente como luz do mundo, como o que realiza uma nova Aliança, a de salvação para toda humanidade. Neste contexto de dor e luz, em Schillebeeckx, comentando Marcos, pode-se ler: “Marcos, quis fundamentar a fé dos cristãos em Jesus de Nazaré, Filho de Deus e ‘Filho do homem’, que veio em sofrimento e rejeição, mas em breve virá com poder” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 419).

Jesus é rejeitado pelos seus e com isto sofre, fala a seus discípulos: “Um profeta só é desprezado em sua pátria, em sua parentela e em sua casa” (Mc 6,4). Em sua prédica demonstra que quem o rejeita está perdido, mas mesmo assim foi rejeitado e desprezado. Com a recusa de muitos, de ouvirem seus ensinamentos, Jesus sofre. Ele sente a dor da falta de compreensão. Sua vida terrena é marcada por humilhações e rejeições por parte das autoridades judaicas, que em tudo queriam testá-lo e procuravam, nas ações de Jesus, motivo

impressão de ser um guerrilheiro ‘messiânico’, e sim o mensageiro e profeta de uma libertação mais profunda”. (2008, p. 485). A impressão que Jesus provoca é distinta: para os adeptos é o profeta e o salvador enviado por Deus; para as autoridades, questionadas e desinstaladas do pretensão saber, Jesus não pode vir de Deus, ele é um infrator.

para condená-lo. Os judeus acreditavam que Jesus blasfemava quando falava da realidade divina e se inseria nela. Por isso, tentavam agredi-lo: “Então apanharam pedras para atirar nele” (Jo 8,59a) e ainda “Procuravam novamente prendê-lo” (Jo 10,39a). O Evangelho segundo São Lucas narra de modo dramático a tentativa dos judeus exterminarem Jesus, eles se enfurecem “e levantando-se, expulsaram-no para fora da cidade e o conduziram até um cimo da colina sobre a qual a cidade estava construída, com a intenção de precipitá-lo de lá” (Lc 4,29). Jesus provocava perturbações, era melhor eliminá-lo e manter as aparências de uma paz e vida na Aliança.

Em seus ensinamentos Jesus demonstra que se faz necessário assumir o compromisso do serviço ao próximo, esta demonstração, por parte de Jesus, gera conflitos que promovem sofrimento e dor. A consequência direta de suas ações são seu martírio e morte cruenta na cruz. Jesus traz uma nova compreensão sobre a morte. Ele reflete sobre o tema da morte e sobre a proximidade de sua própria morte. A oferta de seu sacrifício e de seu sofrimento mostra sua vinculação com o humano e revela, ao mesmo tempo, o compadecimento de Deus, não só para com o Filho, mas também para com o ser humano sofredor.

2.1 Jesus que padece e o Deus que se com-padece

Seria possível afirmar o sofrimento de Deus? Como conciliar o sofrimento, relacionado à falta com o ser absoluto de Deus? Contudo, faz-se necessário lembrar que ao afirmar o sofrimento de Jesus, afirma-se simultaneamente o sofrimento de Deus. Jesus é o Deus feito carne, que assume a condição humana. Ele, em solidariedade com a humanidade sofrida e excluída, passa pelo sofrimento, pela humilhação e escárnio. Vivencia a barbárie, em último grau, que o ser humano pode provocar ao outro humano. A práxis de Jesus (sua pregação, a relação com as pessoas e as interações sociais) levam ao sofrimento máximo de um que é Deus.

Jesus é aquele que se compadece do sofrimento humano. Ele carrega em si as dores da humanidade. Contudo, ele não está só, o próprio Jesus afirma: “Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti” (Jo 17,21b). Junto a Jesus temos todo o mistério da Trindade divina. Quando Jesus padece o nosso Deus se compadece. O Pai sofre as dores do Filho Amado. Por um momento se cala perante tamanha maldade da humanidade, mas em breve manifestará sua

glória, não exclusivamente para a exaltação do Filho, mas, inclusivamente, para o resgate de todo o gênero humano.

Jesus, proclamado Cristo, traz em sua mensagem a misericórdia de Deus. O Nazareno é reconhecido por muitos como o Messias esperado. Aquele que, ungido por Deus, libertaria Israel dos grilhões de seus opressores. No entanto, Jesus é o Messias compassivo, ele não veio promover libertação política, mas libertação espiritual e social (no sentido em que sua práxis reinsere socialmente o excluído e marginalizado). Jesus, por causa do mal presente no mundo, é perseguido e humilhado. Assim, “o Messias, que devia trazer a salvação ao mundo, pende indefeso na cruz. Triunfam homens livres, mas rebeldes, enquanto Jesus, o portador da salvação, não pode ou não quer livrar-se e o seu Deus guarda silêncio total” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 121). A rebeldia do ser humano em receber o amor misericordioso e compassivo de Deus provoca não só o sofrimento humano de Jesus mas também o silêncio de Deus perante tamanha crueldade.

O sofrimento humano de Jesus, cujo auge é a morte na cruz, é o sinal evidente da brutalidade que o ser humano é capaz de cometer para com o outro humano. Foi justamente para colocar um ponto final na arrogância dos que se julgavam próximos de Deus e cumpridores de seus mandamentos, que Jesus atuou e por esta atuação foi condenado à morte. Jesus foi abandonado por seus companheiros, que se dispersaram perante a grande ameaça dos poderosos. Mas “Deus esteve continuamente com Jesus durante toda a sua vida, até no abandono humano de sua morte na cruz, o momento em que também Deus se manteve calado” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 649). Na cruz de Jesus Deus também se faz presente de modo salvífico, mesmo que esta presença seja silenciosa. O Pai também sofreu a morte violenta que os homens infligiram a seu Filho. Na cruz de Jesus há um entrelaçamento entre a bondade divina e a violência humana da falta de sentido, violência absurda que não cabe no modelo cristológico do Reino de Deus. Então, Deus se cala mas permanece na presença do Filho, mesmo desarmado:

Deus não perdeu o poder quando Jesus pendia da cruz, mas ficou desarmado e vulnerável, da mesma forma que Jesus estava desarmado e indefeso. [...] A cruz foi, com efeito, o selo da prepotência do homem sobre Deus, mas Deus esteve presente como pura positividade, da mesma forma como esteve presente ao lado de Jesus enquanto vivia. Sofrimento e morte continuam, portanto, absurdos, não devendo, mesmo no caso de Jesus, ser mistificados; mas não têm a última palavra, porque o Deus libertador estava presente e perto de Jesus na cruz, da mesma maneira que estivera durante todo o seu caminho de vida (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 170-171).

O silêncio de Deus na cruz não é sinal de abandono, mas demonstração de que diante de algumas circunstâncias não há o que dizer. O padecimento de Jesus, entregue ao martírio e à morte de cruz, revela no ato mesmo da morte o compadecimento de Deus. Perante o Filho que sofre a chamada “Paixão”, Deus se faz presente. A morte na cruz não é a palavra final e definitiva. O silêncio é temporário, é consequência do mal presente em um mundo maligno. Deus age na história do ser humano Jesus. Deus Pai é aquele que ressignifica a história e o mundo oferecendo, por meio de Jesus, sentido onde este faltava.

Não é só na cruz de Jesus que Deus manifesta seu compadecimento em relação ao Filho que padece. Em diferentes momentos da vida pública de Jesus Deus age na história do Filho, mostrando seu amor, a relação especial que os une. Jesus afirma que mesmo abandonado pelos homens não será abandonado pelo Pai: “Eis que chega a hora – e ela chegou – em que vos dispersareis, cada um para seu lado, e me deixareis sozinho. Mas eu não estou só, porque o Pai está comigo” (Jo 16,32). Mesmo nos momentos mais sombrios de sua vida o Pai se faz presente. Jesus vive no amor de Deus, ele é o Filho unigênito e por amor está disposto a entregar sua vida como doação àqueles que lhes foram confiados pelo Pai, visto que tudo lhe foi entregue pelo Pai (cf. Mt 11,27a).

Para consumir plenamente o sacrifício vicário, Jesus entrega sua vida. A morte de cruz é o auge da arrogância humana que deseja o máximo de humilhação para aquele que se dizia o Filho de Deus. Para aquele que veio instaurar a justiça, resgatar os perdidos e inaugurar uma nova Aliança. Na cruz Jesus padece a dor da rejeição e também, até certo ponto a do abandono ao excluir “*Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?*” (Mt 27,46b). Um grito de angústia extrema. Na agonia, na dor, no máximo sofrimento que uma pessoa pode suportar, Jesus clama pela presença de Deus.

Mas o Pai não interveio. Em lugar nenhum, Jesus viu alguma ajuda vinda de daquele cuja causa ele defendia. Historicamente será difícil negar a luta interior de Jesus entre a sua consciência de ter sido enviado, e o silêncio externo daquele que ele costumava chamar “meu Pai”.

Será historicamente difícil fazer abstração da agonia no Getsêmani, quanto ao cerne desse acontecimento. Quanto às “palavras de Jesus na cruz”, só é historicamente garantido o fato de ele ter gritado em voz alta. Sofreu pesada provação a mensagem de Jesus sobre a iminente vinda de um “reinado de Deus” em favor da felicidade humana, e de uma relação com Deus não vinculada à Lei (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 312).

Na cruz Jesus sofreu a dor da morte, da incompreensão e do aparente abandono de Deus. Nela aparece o fracasso histórico da missão de Jesus. Diante esta dolorosa constatação Jesus grita pela justiça de Deus, que se cala. Deus não se fez visível na cruz, mas esteve nela com Jesus. O sentimento de abandono não permanece. Jesus, em seu íntimo, tem a firme convicção da presença de Deus e realmente o Pai se compadece do sofrimento do Filho. O Salmo citado pelo texto evangélico (Sl 22) tem como desfecho a realeza de Deus e demonstra que Deus não se oculta àquele que clama por sua misericórdia. Depois do silêncio durante a crucificação e morte de Jesus, Deus age na história e realiza o maior dos prodígios na vida do Filho. Deus exalta Jesus e a cruz, o lugar de sofrimento e injustiça, passa a ser a Cruz onde se manifesta a glorificação de Deus. O lugar por excelência da Glória de Deus, que aparece e resplandece até mesmo em meio à desolação. Já que a violência não cabe nos moldes do Reino de Deus.

O sofrimento humano de Jesus, manifesta simbolicamente, a glória de Deus. No sentido em que Jesus carregou em si os pecados dos homens. É por meio do sofrimento de Jesus que os homens são libertados dos seus. A consequente vitória sobre o mal só é possível pela obediência a Deus, não pelas próprias forças do ser humano. Na condição humana é possível, sobretudo, a escolha de dois caminhos. A obediência a Deus e, conseqüentemente, a vida, e a desobediência que gera injustiça e morte. Jesus faz a opção pelo amor redentor e libertador (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 677). Esta opção de Jesus incomoda as autoridades judaicas, visto que a libertação advinda dos atos de Jesus promove nova postura perante o sistema político-religioso. Passa-se a contestar a exclusão, a opressão, a injustiça, entre outros. O amor redentor de Deus é selado no sofrimento daquele que é Deus. A vida controversa e misericordiosa de Jesus gera nos seus uma resposta pontual.

Para Schillebeeckx, a fé cristã está estreitamente vinculada ao Mistério Pascal de Jesus Cristo. Neste mistério fazem-se presentes o Deus Filho (que sofre na cruz) e Deus Pai (que se faz solidário ao sofrimento imerecido do Filho). Toda a história de vida do homem Jesus de Nazaré, inclusive sua morte de cruz, é ressignificada pelo Deus Pai, o Deus Vivo e Verdadeiro. A exaltação na cruz não é única, nela Jesus é glorificado e assim toda a sua práxis, que levou à sua morte, é ratificada por Deus, “pois foi exatamente essa vida terrena que foi reconhecida e legitimada com força por Deus mediante a ressurreição” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 68).

A proclamação da ressurreição de Jesus é salvífica para toda a humanidade, mas ela é, também, o reconhecimento por parte dos “com Jesus” que Deus age na história humana

de Jesus. O sofrimento do justo não fica sem resposta. A ressurreição de Jesus é a resposta de Deus ao sofrimento daquele que carregou as dores do mundo, e mesmo assim foi rechaçado por seu povo. Tem-se a afirmação de que “na ação de Deus, manifestada na glorificação de Jesus, Deus toma o partido do profeta rejeitado” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 268). Na ressurreição de Jesus, Deus confirma que está presente em sua vida e também em sua morte. Jesus é o profeta do Reino. Toda sua existência manifesta a vinda do Reino de Deus, mas ele não foi compreendido. As autoridades dos judeus reagiram contra a prédica de Jesus. Ele foi executado e em sua execução Deus se faz presente, sofrendo por e com Jesus. A dor de um é a dor do outro. O silêncio de Deus é temporário, depois do silêncio no alto da cruz, Deus age. Demonstra que esteve com o Filho nos momentos de angústia e dor do martírio e crucifixão e com Jesus insere a vida e a morte do Filho nos seus desígnios salvíficos.

Deus ressuscita seu Filho dentro da perspectiva da História da Salvação. “A ressurreição de Jesus é intrinsecamente um acontecimento salutar [...] A ‘ressurreição é o ato salutar divino, escatológico, realizado em Jesus” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 525), em favor da humanidade. Deus fez Jesus se levantar de dentre os mortos. Com esta ação inaugura-se um novo período histórico, marcado pelo Mistério Pascal de Jesus. Toda uma geração foi influenciada de perto, por este fenômeno: Jesus, o profeta escatológico morto e ressuscitado para a salvação dos homens, sua ressurreição é sua reabilitação, por parte de Deus Pai, como Senhor da história (cf. *ibid.*, 2008, p. 274).

Deus concede em Jesus a salvação definitiva [...]. Em sua necessidade extrema, no sofrimento e na crucificação, Jesus desvela o seu próprio segredo pessoal, o mistério de sua pessoa, enquanto também o Pai manifesta o seu segredo com relação a Jesus: o seu perene reconhecimento de Jesus como seu Filho. A vida de Jesus e sua cruz e ressurreição revelam assim, pela força do Espírito, a profundidade da relação Pai-Filho (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 647)

O sofrimento humano de Jesus é percebido pela pequena comunidade que o segue como o sacrifício perfeito que restaura a Aliança entre Deus e a humanidade. Assim, há a percepção de que a morte de Jesus é fruto direto da ação misericordiosa de Deus Pai que dá a vida do Filho para a vida do mundo. Dentro do plano da salvação, Jesus se coloca nas mãos do Pai. Ele cumpre até o fim a missão que lhe foi incumbida de resgatar o que se encontrava perdido, de dar vida ao que se encontrava morto, e assim realizar a máxima alegria paterna. “Mas era preciso que festejássemos e nos alegrássemos, pois este teu irmão estava morto e

tornou a viver; ele estava perdido e foi reencontrado!” (Lc 15,32). Jesus cumpre em sua pessoa este resgate e nesta relação filial pode-se afirmar que o sofrimento de Jesus é o sofrimento de Deus. Há um padecer mútuo. O sofrimento de Jesus não é querido por Deus, mas se faz necessário devido às ações dos homens. Só a entrega amorosa de uma vida pode gerar nova vida. É o amor de Deus e o amor de Jesus que salva a humanidade. Dentro desta perspectiva de doação amorosa e resgate de vida, acredita-se que durante o seu percurso Jesus experimentou de diferentes formas a proximidade de sua morte ignominiosa, cruenta, radical e absurda. Perante esta experiência refletiu sobre suas ações, se angustiou, sofreu. Contudo, não se rendeu, assumiu até o fim sua vocação de anunciar a vinda do Reino de Deus.

2.2 A experiência humano-existencial de Jesus perante sua morte

Como todo ser humano, Jesus tem uma vida finita. No entanto, sua morte foi precoce e brutal. Cristãos de todos os tempos se interrogam sobre até que ponto Jesus tinha consciência desta morte. Diversas foram as afirmativas a este respeito. O relato bíblico, a partir do qual pode-se fazer qualquer tipo de afirmação, revela alguns dados divergentes que podem levar à negação de qualquer tipo de consciência de Jesus até a certeza de que ele, sendo homem-Deus, conhecia plenamente a possibilidade de seu fim trágico e assumiu-o dentro do seu contexto vital.

De acordo com grande parte dos relatos do Novo Testamento, sabe-se que Jesus ama incondicionalmente o Pai e a humanidade. Seu amor foi radical, a ponto de tornar-se indiferente à preservação ou não de sua vida. Jesus entrega sua vida à vontade benigna do Pai. Em todos os momentos de sua existência ele prioriza a realização do Reino de Deus e a salvação do ser humano. Sua práxis de vida e a mensagem que prega geram conflitos que culminam na sua morte violenta. Esta torna-se a expressão do caráter amoroso e misericordioso de sua existência. Como ser humano, Jesus, aceita sua finitude. Como Filho, confia plenamente no Pai e coloca sua vida em suas mãos.

Supondo-se a atitude fundamental de Jesus diante da vontade de Deus seu Pai, é óbvia a pergunta sobre a atitude existencial de Jesus diante da ameaçadora possibilidade e probabilidade, e finalmente certeza, de rejeição mediante execução [...] *A priori* podemos excluir a hipótese de alguém como Jesus, que anunciava a urgente aproximação do reino de Deus, não ter refletido sobre o que lhe poderia acontecer no tempo que ainda lhe restava desta vida. (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 296)

Assim, segundo Schillebeeckx Jesus refletiu sobre a possibilidade de sua morte. Uma morte violenta e injusta, como acontecera com outros antes dele. Perante a morte que paira em sua consciência, Jesus reflete sobre o que ainda lhe cabia fazer. Para ele o mais importante era o cumprimento da vontade de Deus. A autocompreensão de sua missão leva-o a se posicionar como mediador na realização, no momento presente da história, do Reino de Deus. Toda sua vida pública foi um viver voltado para o outro. A causa de Deus como causa da humanidade, era mais importante que sua própria vida. A missão que lhe foi confiada era mais importante que tudo o mais.

Para dar cumprimento a tudo que lhe foi incumbido pelo Pai, Jesus se entrega totalmente ao anúncio da mensagem salvífica da oferta de Deus. Em sua missão, ele se enquadra no modelo dos profetas que sofrem pelas mãos de Israel, o povo infiel e rebelde. A realização do desígnio de Deus de promover igualdade e justiça não era mais realidade para as autoridades judaicas. Elas estavam confortáveis em suas posições de líderes e para elas a justiça era manter o *status quo*. Jesus os confrontou, demonstrou a corrupção do sistema e a definitiva ruptura da Aliança com o Deus do povo.

Dentro do projeto salvífico e da necessidade de reinserir os excluídos à vida social, Jesus decide subir a Jerusalém. A consciência a respeito de sua morte se dá de acordo com o processo de subida e a contínua rejeição de sua mensagem por parte das autoridades judaicas. Schillebeeckx afirma que “Jesus de Nazaré, apesar da clara ameaça de morte da parte da Jerusalém oficial, mesmo assim caminhou consciente e decididamente para a cidade de Sião” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 293). Jesus vai tomando, paulatinamente, a consciência da possibilidade de sua morte, não só a morte a qual todos estamos destinados, mas uma morte cruenta, injusta. A decisão que toma de subir a Jerusalém o aproxima gradativamente deste acontecimento. Jesus não era ingênuo. Ele percebe que suas ações não eram aceitas pelos líderes religiosos e políticos, ele sente em seu íntimo a rejeição e assume as consequências de suas atitudes, visto que suas palavras, seu modo de agir criavam situações perigosas para sua pessoa. (cf. *ibid.*, p. 293-296).

Jesus, mesmo percebendo que suas atitudes não eram bem vistas pelas autoridades do povo, persistiu em seu caminho de vida. O Galileu encontrou a resistências políticas e religiosas. Jesus se tornou um grande incômodo para os herodianos, para o sinédrio em seus distintos partidos. Jesus sabia que era por meio do assassinato que estes resolviam seus conflitos. Muitos arautos do povo foram apedrejados, João Batista fora decapitado. Schillebeeckx afirma a consciência de Jesus a respeito de seu futuro em Jerusalém. “Seria

difícil atribuir a Jesus a ingenuidade de não ter entendido que suas palavras e ações criavam situação extremamente perigosa para ele mesmo, da parte dos chefes da sociedade judaica da época” (2008, p. 295). Jesus sabia que em algum momento sua mensagem levaria ao conflito que culminaria em sua morte. Já que

em se tratando de alguém sensato [...] a consciência de estar fazendo ou dizendo algo que podia e devia provocar um conflito fundamental com uma dessas instâncias poderosas, seria o mesmo que assumir conscientemente a responsabilidade pelas consequências jurídicas de tal atitude (2008, p. 294).

Jesus assume a responsabilidade de suas atitudes, as consequências que delas podem advir. Os opositores da mensagem da vinda do Reino de Deus não importam para Jesus. Toda sua existência é marcada pela relacionalidade com Deus e com o próximo. O momento sócio-político em que está inserido lhe faz perceber que sua posição como defensor dos desvalidos é propícia para a ação violenta dos opositores do Reino. Jesus sabe da possibilidade de morte precoce, principalmente pelo que já havia acontecido com outros profetas, como João Batista, morto pela espada de Herodes. No entanto, escolhe livremente seu caminho. João havia anunciado a proximidade da vinda do julgamento de Deus sobre a terra e por isso a necessidade de conversão. Jesus, mais que anunciar a proximidade de Deus, realiza por meio de seus gestos e ações a presença de Deus. Na esteira dos demais profetas, não se abate pelas constantes ameaças, realiza sua missão até o fim. Mesmo quando

chegou uma época em que ficou claro a Jesus em virtude de muitos acontecimentos que o seu caminho de vida, da mesma forma que o de João Batista, também haveria de passar pela morte ignominiosa e rejeição. (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 160).

João pregava a proximidade do Reino de Deus e a necessidade de conversão, para isso ele batizava. Jesus tem uma atitude mais radical que a do próprio Batista. Jesus anuncia que o Reino de Deus já está acontecendo na história por meio de sua pessoa. Ele se fez próximo daqueles que precisavam de libertação. Ao contar suas parábolas, ele utilizava diferentes figuras para falar da relação Israel-Javé. Um dos momentos fortes em que explicita sua consciência de ser o profeta dos últimos dias, aquele que veio restituir a ordem em Israel é, segundo Schillebeeckx, o texto dos vinhateiros homicidas. O texto é relatado em Mc 12,1-9 e em seus paralelos Mt 21,33-46 e Lc 20, 9-19. Descreve como o Senhor prepara a vinha e a

arrenda. No momento de receber o que lhe era devido envia mensageiros que são agredidos e não conseguem realizar o que lhes fora pedido pelo Senhor. Enfim, envia o filho, que é assassinado para que não possa mais haver resgate.

Schillebeeckx afirma que neste texto Jesus prevê sua própria morte. Os representantes enviados pelo dono da vinha (Deus) são os profetas que vieram e foram exterminados por Israel (representado na parábola pelos vinhateiros). Jesus não percebe para si destino diferente dos profetas do Reino que o precederam. Ele anuncia que no devido tempo o pai envia o filho e este é assassinado. O tempo de Jesus está próximo. Ele é o Filho do dono da vinha. Ele sofrerá a rejeição e a fúria daqueles que querem se apossar daquilo que o Pai lhe confiou: “Aqueles vinhateiros, porém, disseram entre si: ‘Este é o herdeiro. Vamos, matemo-lo, e a herança será nossa’” (Mc 12, 8). Jesus tem consigo a certeza de que o Pai agirá em seu favor, mas o momento é sombrio e a morte o persegue (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 161-162).

Esta certeza que Jesus tem de que o Pai está consigo também está expressa nesta parábola dos vinhateiros. Jesus afirma que o dono da vinha virá e destruirá aqueles que o rejeitaram e dará a vinha a outros¹⁹. A história da vida de Jesus é confirmada por Deus Pai. Jesus se percebe como profeta do Reino, o enviado de Javé para o resgate de Israel. O povo de Deus se encontra perdido, perverteu a Lei. O sofrimento, a injustiça e a ausência do direito levam Jesus a perceber a proximidade do Dia do Senhor e a compreensão de si mesmo como o enviado do Pai para restaurar/resgatar a vinha. Neste contexto, Jesus integra sua vida dentro de um conjunto maior, o Plano da Salvação e assim a recusa de ser ouvido e a iminência de sua morte são, por ele, vivenciadas como oferta de salvação que renova a Aliança.

Jesus cumpre fielmente sua missão e ainda se vê como servo, aquele que simplesmente realiza na terra aquilo para o qual foi constituído. Diz claramente que aqueles que desejam segui-lo assim também serão, nada mais que servos (cf. Lc 17,7-10). Esta posição de Jesus, a de estar a serviço de algo que ultrapassa o horizonte de compreensão de seus contemporâneos, promove o crescente entendimento dos discípulos de quem é Jesus. Gradativamente eles percebem a plena fidelidade de Jesus a Deus e ao próximo. Jesus busca intensamente dar sentido salvífico à sua pregação da proximidade do Reino de Deus, o autor belga afirma:

¹⁹ Talvez uma visão cristã de que a vinha (o Reino de Deus) não pertence mais aos judeus, mas sim àqueles que perceberam na vida de Jesus de Nazaré a presença do Messias de Deus. Aquele que veio realizar a nova e definitiva Aliança entre Deus e humanidade, por meio de seu sangue.

Tão logo a morte apareceu na sua perspectiva, não apenas refletiu sobre tal possibilidade, mas a deve ter vivido existencialmente: as circunstâncias o forçaram a dar à morte que se aproximava um lugar na sua radical confiança em Deus (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 297).

Schillebeeckx, comenta o texto de Mc 8,31: “E começou a ensinar-lhes: ‘O Filho do Homem deve sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes, pelos escribas, ser morto e, depois de três dias, ressuscitar’”. Jesus é o Filho, é ele quem sofrerá, será rejeitado e morto pelas autoridades dos judeus. O ter que sofrer demonstra a percepção de Jesus em relação ao seu futuro e sua morte como pura negatividade e rejeição (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 711). Para o teólogo antuerpiano, o ter que sofrer afirmado por Jesus “não é dever imposto por Deus, mas foi imposto a Deus através de Jesus” (1994, p. 171).

Jesus percebe a extrema tensão entre ele e os líderes da sociedade judaica. De modo que estes tentavam de diferentes modos encontrar um motivo definitivo para acusar, condenar e matar Jesus. Ele não é alheio a tudo o que acontece ao seu redor. Percebe o movimento que deseja eliminá-lo. Em alguns momentos ele se desloca, vai de uma margem a outra do mar da Galileia, altera seu percurso e assim, por algum tempo, consegue manter sua ação. No entanto, a consciência de ser aquele que deve sofrer está sempre rondando sua pregação. A persistência de Jesus na pregação do Reino define o ter que sofrer, não como um desejo de Deus mas consequência de sua praxe. Schillebeeckx afirma existir em Jesus:

A consciência de que teria de passar pelo extremo sofrimento, mas na firme convicção de estar, *de alguma forma*, protegido pela mão forte de Deus. Pois, aconteça o que acontecer, o “terceiro dia” está no poder de Deus. Jesus, então, sabia ser o profeta que havia de sofrer, mas que Deus, de alguma forma, lhe daria razão (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 534).

Ao utilizar a expressão “terceiro dia” em suas pregações, Jesus, demonstra ter consciência de sua vindoura morte. Ele se percebe, como já foi dito, como o profeta dos últimos tempos que haveria de sofrer muito. Jesus, mesmo perante a ideia do sofrimento, mantém a firme convicção de que está protegido por Deus e este não o abandonará e nem deixará calar sua voz ou ficar esquecida a mensagem de sua vida. O “terceiro dia” não pertence ao ser humano, mas a Deus. É Ele quem estará com o filho, é dEle o poder de realizar definitivamente na história da humanidade a salvação amorosa pelo novo sentido atribuído à morte de Jesus. Na especial relação que Jesus estabelece com Deus ele confia sua

vida a ele. Mesmo na perspectiva de morte, Jesus acredita na ação misericordiosa de Deus a seu favor e a favor dos marginalizados.

Para Jesus não há dissociação entre seu modo de viver e os acontecimentos que estão por vir, a saber, o martírio e a morte cruenta. “Essa morte foi sentida por ele como parte integrante de sua missão salvífica, e como consequência histórica de seu dedicado serviço de amor universal” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 649). Sua morte é consequência de sua vida voltada à pregação do Reino de Deus e seu amor ao próximo. É, por fim, consequência da ação salvífica de Deus realizada entre a humanidade por intermédio de sua pessoa.

Jesus inseriu de alguma forma, talvez na noite escura da fé, mas com plena consciência de sua missão, sua morte iminente em sua prédica do reino de Deus. Não obstante a ameaça de morte, permaneceu fiel à sua mensagem e despediu-se dos seus em ceia festiva. “Doravante não beberei do fruto da videira, até que venha o reino de Deus”. (Lc 22,18) (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 160).

Entende-se, assim, que a morte de Jesus está intrinsecamente relacionada com sua atuação. Quando percebe a aproximação do fim, Jesus procura preencher de sentido o evento trágico de sua existência terrena. De modo que “essa morte foi sentida por ele como parte integrante de sua missão salvífica, e como consequência histórica de seu dedicado serviço de amor universal” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 649). Por isso, em momento algum recua, ao contrário, entrega sua existência nas mãos do Pai, ele a dá voluntariamente, ninguém pode tirá-la. (Jo 10,17-18). Com o aumento da tensão com os chefes do judaísmo, Jesus defrontou-se abertamente com a possibilidade do fracasso total de sua missão. A iminente morte de cruz não o fez recuar, permaneceu fiel à vontade de Deus. Jesus aceitou voluntariamente seu destino, mesmo tendo que conciliar existencialmente sua experiência humana de fracasso com a confiança de ser o enviado de Deus, o Filho que veio ao mundo para realizar, na história da humanidade, o Reino do Pai (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 812). Gradativamente, Jesus se despede do mundo. Prepara seus discípulos para o momento de sua ausência física e de diferentes maneiras demonstra que eles também serão rejeitados. No entanto, eles não estarão sozinhos, Jesus estará com eles, assim como o Espírito Santo de Deus.

Pode-se afirmar, a partir da história de vida de Jesus, que ele se posicionou conscientemente perante a perspectiva de um fim trágico, uma morte violenta. Durante sua vida foi opositor do sistema sócio-religioso que gerava injustiça e exclusão. Sua mensagem era claramente a favor dos mais sofridos do povo. Assim, a morte cruenta torna-se um ponto

factível, visto o incômodo que Jesus se tornou para as autoridades judaicas. Jesus aceitou sua morte como fidelidade aos desígnios de Deus e percebeu a possibilidade de abrir um horizonte de sentido, onde sua morte é ressignificada como um serviço amoroso e gratuito à humanidade. Como afirma Schillebeeckx, em relação à morte de Jesus: “Jesus soube sofrê-la de modo repleto de sentido, integrando-a na sua atual oferta de salvação” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 654). Em todos os momentos de sua vida, inclusive na perspectiva de morte demonstrou confiança na salvação vinda de Deus.

A vida de Jesus trouxe salvação para aqueles com os quais interagiu. Sua morte também é salutar. Jesus a percebe em um horizonte amplo, onde toda forma de vida ou de morte já não são o sentido primordial de seu existir, viver ou morrer se torna indiferente perante a realização do Reino. A princípio, pode-se dizer que Jesus sente um certo fracasso de sua atuação devido à recusa de muitos em escutar e aceitar sua mensagem, o fechamento do apelo de conversão. Mas, mesmo perante esta rejeição, o sentimento de fracasso não foi o primordial na existência humana de Jesus. Ele não permite que sua confiança em Deus e a certeza da realização do Reino fiquem abaladas. A morte não é o fracasso da missão última de Jesus, ela é o sinal evidente da não aceitação de sua pregação. No entanto não é somente isto, a morte de Jesus é a expressão máxima da solidariedade de Deus para com a criatura. A cruz, sinal de extremo sofrimento e humilhação, torna-se sinal de salvação.

3 A perspectiva da cruz

Segundo Schillebeeckx, a praxe de Jesus causou grande impacto na vida de seus contemporâneos. “Que Jesus era solidário com todos os oprimidos e excluídos, ficou claro pela análise de sua mensagem, sua pregação, suas bem-aventuranças, e pela praxe de sua vida” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 314), como descrito no capítulo I. Diante desta vida de solidariedade e amor ao próximo, as pessoas com as quais Jesus conviveu se posicionaram distintamente. Alguns deixaram-se afetar de forma positiva, outros viram em Jesus uma ameaça ao sistema sócio-político-religioso vigente. Uma ameaça de tamanha proporção que deveria ser definitivamente calada. E com isso, extirpada, precocemente, toda possibilidade de reação e qualquer tentativa de continuidade de seu projeto de vida.

No centro do Mistério Pascal, Jesus é, definitivamente, o Verbo encarnado, o “Relato” de Deus. No entanto muitos não leram este relato, não compreenderam a verdadeira

identidade daquele pregador da autêntica paz. E assim, Jesus é o espinho a ser removido para a garantia da continuidade da aparente unidade do povo. Schillebeeckx afirma que “a execução de Jesus na cruz será finalmente uma consequência intrínseca dessa incompreensão diante da parábola viva de Deus” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 153). O destino de Jesus não se distancia do destino daqueles que não são compreendidos pela sociedade. A marginalização, o extermínio são consequências diretas da não aceitação do que difere dos demais. Jesus sofre a incompreensão e vive na perspectiva de sua execução, a morte humilhante na cruz.

Schillebeeckx afirma que a morte de Jesus não pode ser considerada casual, mas a consequência lógica de sua práxis. O radicalismo da sua pregação, do seu modo de viver, de se posicionar em relação à lei, culminaram na morte de cruz. Contudo, em momento algum Jesus buscou a morte, ele não quis o sofrimento. Mas, em sua pregação da vinda do Reino de Deus, no anúncio da benfazeja esperança de uma vida plena de sentido, onde não cabem mais a escravidão, a opressão ou qualquer outro tipo de sofrimento, Jesus foi radical. Ele mostrou-se obstinado demais para sua época. Tal postura levou o galileu experimentar a finitude humana em todos os sentidos. Ele vivenciou a dor, o sofrimento, enfim, a cruz (cf. 1982, p. 778-779).

É justamente o escárnio, a humilhação padecida durante o martírio e o escândalo do justo pregado e executado na cruz que permite não só aos seguidores de Jesus mas a muitos outros perceberem a presença de algo extraordinário. Assim, muitos aderem ao projeto de Jesus e visualizam, naquela situação de sofrimento, a entrega amorosa do nazareno pelo resgate de todos os perdidos de seu povo. Deste modo, evidencia-se que toda obra da vida de Jesus recebe sentido pleno e é consumada no madeiro da cruz. A morte de cruz, na perspectiva cristológica é salvífica e permite que cristãos de todos os tempos reinterpretem os acontecimentos da década de 30 do primeiro século de nossa era como terapêutica para o sofrimento.

3.1 A obra de Jesus consumada na cruz

Para Schillebeeckx, Jesus foi condenado à morte por decisão de diferentes grupos de lideranças judaicas. Para alguns, Jesus atacou o cerne da fé, para outros, o fenômeno Jesus de Nazaré era um problema político, para outros, enfim, o problema era religioso (onde Jesus

era percebido como falso mestre). Os diferentes pontos de vista sobre Jesus demonstram a falta de consenso entre os membros do sinédrio. Eles interrogam Jesus, que ficou calado. O silêncio de Jesus foi interpretado como uma afronta à autoridade do sinédrio, que, juridicamente, tinha o poder de julgar a praxe do galileu. Mesmo instigado por ameaças, Jesus não responde e recusa a submeter-se às autoridades (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 308-310). O teólogo dominicano afirma que Jesus foi desaprovado pelo sinédrio porque se calou. O teólogo continua

O silêncio de Jesus (aliás, uma forma de “resistência delicada”) diante do sinédrio me parece a manifestação mais clara da autocompreensão de Jesus: assim como não quis fazer milagres para se legitimar, também se recusou a prestar contas a qualquer instituição humana-religiosa a respeito de sua mensagem e da sua atuação. Somente Deus que o mandou é que pode lhe pedir contas (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 310)

O fato de Jesus não se justificar, leva o sinédrio a tomar uma decisão, agora em comum acordo. Entregar Jesus aos romanos, que condenaram Jesus à morte. A morte por crucificação. “Jesus foi de fato condenado, porque continuou fiel à sua missão profética ‘recebida de Deus’, sobre a qual não quis prestar contas a ninguém, senão a Deus. Em tudo, Jesus continuou a confiar no Pai que o tinha enviado” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 312).

Assim, o silêncio de Jesus perante sua condenação não é um silêncio resignado. Demonstra, por um lado, a impotência perante os poderes do mundo, e por outro, a consumação do plano salvífico que vem da parte de Deus. Jesus permanece fiel ao Pai até o fim. Ele não deseja a morte cruenta. Em momento algum de sua vida ele a quis, mas a aceita. Muito mais, ele a insere dentro da História da Salvação. Embora a cruz “não seja apresentada nem nutrida por Deus como especial evento redentor imposto em princípio. A cruz de Jesus foi preparada por homens e não por Deus” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 54). Diante da inevitável fatalidade, Jesus busca por seu Deus e decide enfrentar a morte da mesma forma que encarou sua vida. De modo que “a morte de Jesus na cruz é consequência de vida de radical serviço à justiça e ao amor, consequência de sua decisão de vida em favor dos pobres e marginalizados” (*ibid.*, p. 167). A cruz foi o desfecho da intolerância de uma sociedade opressora e ao mesmo tempo abertura para um novo tempo.

O significado que o próprio Jesus deu a sua morte é o da sua entrega amorosa ao próximo e da sua fidelidade a Deus. A cruz é o lugar onde toda obra da vida de Jesus é consumada. Vida e morte de Jesus explicitam “a *definição nova* de Deus e do homem, que

Jesus deu por sua prédica e prática, alcança precisamente na morte de cruz sua maior importância: Deus está presente na vida humana” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 167). O ápice da incompreensão revela o ápice do amor, da solidariedade e do desejo de salvação a todos que carecem dela. A vida de Jesus foi marcada pelo amor ao próximo, por sua confiança na ação de Deus na história, por sua fidelidade ao projeto da salvação. A morte de cruz é lida neste contexto.

A cruz de Jesus é representativa de toda sua vida. Nela, não há um elemento novo. Ela é consequência de sua práxis. O próprio Jesus percebe que sua morte é a última obra de sua vida terrena. Ela é a consumação de toda sua atividade taumatúrgica, de toda sua prédica da vinda do Reino de Deus. Na cruz tudo está consumado (Jo 19,30). Na cruz Jesus cumpre sua missão e abre a esperança para a realização dos desígnios de Deus. Jesus é o servo que em tudo cumpre a vontade do Pai. Ele é, também, o Filho que vê consumados na cruz os feitos de sua vida (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 404). Esta percepção do cumprimento da missão de Jesus na cruz não ficou evidente a seus seguidores. Esses sofreram a dor do fracasso histórico do movimento iniciado por Jesus. Os discípulos viram na cruz de Jesus, a morte de mais um inocente em meio à violência do pecado.

Mas, a posteriori, com as lembranças da praxe de Jesus, que em todo momento se decide pela misericórdia. A rememoração das parábolas que Jesus contava e a demonstração da chegada do Reino de Deus, a morte de cruz, assim como toda a vida de Jesus, são revestidas de novo sentido. Jesus passa a ser visto pelos seus como o servo. O cordeiro de Deus que foi imolado para o resgate definitivo da humanidade. Na cruz de Jesus todo sacrifício ritual é substituído pelo sacrifício perfeito da entrega amorosa de sua vida. Nesta entrega, afirma-se que Jesus é aquele que tira todo o pecado do mundo e também aquele que foi proclamado Cristo.

Jesus padece pelo pecado e pelo mal presente na existência humana. E padecendo-o destrói o mal e coloca em questão a realidade que viabiliza sua existência. Por seu sangue derramado na cruz Jesus resgata da situação de pecado todas as suas vítimas, não mais por palavras, ações reintegradoras, mas permanentemente por sua última ação humana, a entrega da vida. Segundo Schillebeeckx a morte na cruz é a expressão visível do amor radical de Jesus pelos homens. Amor apaixonado, que não mede esforços pelo bem do amado. Como a sua vida, sua morte é presente de vida a todos, sem exceção.

Toda a vida de Jesus é explicação de sua morte. “A morte de Jesus não se deve separar do seu caminho de vida, de sua mensagem e do seu modo de viver; do contrário o

significado redentor da morte de Cristo vira mito” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 160). Vida e morte formam uma unidade que revela realmente quem é esse galileu. Jesus se autocompreendia como o mensageiro de Deus, o mediador último da vontade salvífica do Pai. Na súplica última que dirige a Deus, vê-se sua reconciliação plena com o Pai, com a humanidade, consigo mesmo. Ela exprime uma confiança na ação salvadora de Deus, que nem mesmo a morte em si pode abalar. Sua morte não é o simples fim de uma vida humana, ela é para dar vida a muitos. Jesus não é um mito, mas um modelo a ser seguido. Sua morte é consequência direta de sua pregação, do anúncio da proximidade do Reino de Deus e da necessidade urgente de conversão.

Desde muito cedo na história do cristianismo Jesus de Nazaré foi proclamado o Messias, o Filho de Deus. Evidencia-se claramente nas comunidades primitivas que ele é o crucificado que ressuscitou dos mortos, justamente para dar sentido novo para morte e para o sofrimento. A morte cruenta na cruz reúne toda ação de Jesus de Nazaré e abre um horizonte de sentido que culmina na ressurreição no terceiro dia, o ato salvífico por excelência. Jesus é o vivente, aquele que padeceu na cruz, mas venceu a morte (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 63). Alcançou uma vitória inigualável para toda humanidade, que demonstra todo o poder da vida humana de Jesus e de sua oferta gratuita em sacrifício expiatório.

A ressurreição de Jesus não acontece somente para ratificar a morte injusta, mas também para demonstrar tudo o que Jesus era antes de sua morte e mesmo durante a crucifixão. Jesus é em todas as instâncias a presença viva de Deus em meio aos humanos. Viveu de acordo com a vontade do Pai e morreu como redentor da humanidade. Foi pela graça de Deus que a morte cruenta de Jesus no madeiro da cruz resultou na salvação de todos. Definitivamente Jesus morreu em favor da humanidade (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 780). Em sua cruz vê-se a morte de um para a vida de muitos. A cruz recapitula toda sua missão, seus gestos, sua mensagem, suas relações.

Os Evangelhos canônicos relatam de diferentes modos a forma como a cruz é a consumação da obra de Jesus. Ela é o cume de sua vida, o justo que se dá pelos pecadores. Para a comunidade joanina, a morte de Jesus na cruz é o ponto mais alto de sua atuação. Ela é o lugar onde se torna plenamente visível a Glória de Deus. Jesus é o cordeiro de Deus e veio ao mundo para expiar os pecados da humanidade mediante, o sacrifício perfeito do dom de sua vida. Assim, sua morte é expiatória e a cruz é o lugar onde esta expiação se torna concreta (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 347). O Evangelho segundo São Marcos guarda durante o desenvolvimento do texto o chamado “Segredo Messiânico”, que é revelado, justamente na

Cruz, onde Jesus é verdadeiramente reconhecido como o Filho de Deus, como o messias, não o libertador político, mas o promotor da paz que por misericórdia e graça se volta para os rejeitados e presta um serviço em favor de todos os marginalizados e sofredores. Assim,

a morte de Jesus na cruz dá definição nova do conceito de messias: o Jesus *crucificado e rejeitado* é o Messias. Da mesma forma que Deus, também Jesus se identifica sobretudo com marginalizados e repudiados, com o impuro, tornando-se finalmente ele próprio o rejeitado e repudiado. É radical essa identificação. Existe, pois, continuidade entre o caminho de Jesus e sua morte e, considerando essa continuidade, o sentido salvífico de Jesus atinge o seu clímax na morte de cruz, e não na morte de cruz considerada isoladamente (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 166).

Em João, na cruz, há não só o reconhecimento da divindade de Jesus, como também a sua glorificação. A elevação na cruz é a exaltação do Filho de Deus. A consumação da obra da vida de Jesus na cruz manifesta a plenitude do poder salvífico de Deus. Este poder se realiza não só a favor do Filho Amado, mas também de toda humanidade. Visto que “a morte de Jesus é uma elevação salvadora” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 401). Neste sentido, segundo nosso autor, só a morte de Jesus crucificado e depois glorificado pode dar vida nova que vem de Deus Pai. “A cruz é o ponto culminante da glorificação acontecida ao longo de toda a vida terrena de Jesus e, ao mesmo tempo, o começo da glorificação resultante da ressurreição” (*ibid.*, p. 410). A vida de Jesus, desde seu princípio, é dom, e se espalha a todos os povos por meio de seu sangue derramado.

Para Schillebeeckx, o Evangelho segundo São João demonstra este fato de modo exemplar. Neste relato evangélico há uma relação harmoniosa entre Pai e Filho, uma confiança que não se deixa abalar pela prepotência das autoridades constituídas. Jesus e Deus são um com e para o outro e juntos se dão em entrega à humanidade, mesmo no martírio. O autor belga afirma que “a vida de Jesus é fecunda para o homem só através de sua morte” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 402). A vida humana fecundada pela morte redentora de Jesus é resgatada das trevas e vê consolidado o projeto divino. Todos se tornam um em Deus, uma só vida reunida e remida pela cruz. Jesus afirma que “quando eu for elevado da terra, atrairei todos a mim” (Jo 12,32). A elevação de Jesus na cruz atrai multidões à vida nova, vida em concordância com o Reino de Deus. Neste aspecto, ela é o início da atividade salvífica de Jesus.

A cruz propulsiona todo um movimento que visa dar continuidade ao projeto iniciado por Jesus. Ainda que a salvação, a paz, a justiça e a fraternidade não sejam atos

plenamente realizados, deve-se, de acordo como que foi demonstrado por Schillebeeckx em sua cristologia, afirmar, alimentar e manter sempre acesa a chama da esperança sobre a realização de tais fatos. A cruz de Jesus é o símbolo da luta pela dignidade de filhos amados de Deus. É sinal, também, da luta contra a violência, a prepotência e a alienação da história de sofrimento. O padecimento de Jesus é a visibilidade da incompreensão humana de um Deus voltado para a humanidade e que a deseja resgatar da condição de sofrimento. A cruz de Jesus torna-se símbolo de salvação, de luta contra a alienação e a morte. A luta de Deus contra o mal não acaba na cruz de Jesus. Deus ressuscita Jesus dos mortos e “a ressurreição de Jesus manifesta que o sofrimento não pode ter a última palavra” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 818). Em Deus a palavra última é sempre o amor misericordioso.

A morte de cruz de Jesus não pode ficar apagada pelo dado da ressurreição. A experiência da ressurreição insere a vida de Jesus como dom de Deus para a humanidade e demonstra que a vida de Jesus foi acolhida pelo Pai e tornou-se, para a humanidade sofredora, fonte de sentido. Para o evento da ressurreição fez-se necessário passar pela morte de cruz, o extremo do não sentido. Para o autor dominicano, a cruz de Jesus não pode ser abstraída da sua vida. E independente do resultado final desta vida, a obra amorosa e redentora de Jesus alcança sucesso, visto que

A morte de Jesus na cruz, consequência lógica do radicalismo de sua mensagem e de sua praxe reconciliadora, mostra que toda praxe dirigida à libertação e à reconciliação em favor do próximo é válida *em e por si mesma* e não só pelo êxito que eventualmente alcance. O importante não é nem o êxito nem o fracasso, sobretudo quando se deve a uma intervenção alheia, senão o amor serviçal (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 819).

A morte na cruz de Jesus de Nazaré tem valor salvífico definitivo para todos aqueles que encontram nela a inspiração e a orientação para sua práxis de vida, mesmo na situação finita e limitada que é determinada pela contingência humana. A todos os que seguem a práxis de vida de Jesus, que em seu modo de agir, demonstrou o ser mesmo de Deus. Toda sua vida é a manifestação histórica do modo de ser de Deus. O Deus revelado por Jesus é um Deus de amor, libertação e salvação (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 780-781). É na revelação, realizada por Jesus, de seu ser e do ser de Deus, que muitos fizeram uma leitura significativamente salutar de toda a tragédia ocorrida com o nazareno e perceberam o amor relacional entre Pai-Filho-humanidade. “Revela-se na cruz, de maneira suprema e definitiva, a humanidade de nosso Deus”. (*id.*, 1994, p. 168). Como Jesus se identificou com o Pai, agora,

pela cruz, os seres humanos identificam-se uns com os outros e com a divindade, que se revela, pelo amor redentor, mais humana que o próprio humano.

3.2 A leitura cristã dos efeitos salvíficos e terapêuticos da cruz e morte de Jesus

Ao refletir sobre todos os eventos ocorridos com o Nazareno, os cristãos buscam uma conciliação entre os diferentes pontos que juntos integram a história da vida e morte de Jesus. Não é possível abstrair sua prática de vida daquilo que o levou à morte. Para alcançar sentido absoluto e valor salvífico verdadeiro, a prédica e a ação de Jesus formam unidade com a morte de cruz e a posterior ressurreição. Esta é a leitura que muitos seguidores fizeram do fenômeno ocorrido na Galileia e em Jerusalém. É partindo da história humana de Jesus que se encontra a energia libertadora da cruz. Tem-se a vida marcada pela solidariedade para com os que sofrem diversos tipos de opressão (que é escândalo e injustiça) e pela confiança inabalável em Deus. A vida cristã tem a cruz como marco inicial de leitura orante e redentora, onde a postura indefesa de Jesus é transformada em energia libertadora para ação promotora de alívio e mesmo de cura para os sofrimentos.

Schillebeeckx afirma que

Jesus partilhou conosco na cruz da fragilidade de nosso mundo. Mas esse fato significa que em sua absoluta liberdade e antes de todo tempo Deus determina *quem e como* quer ser no seu ser mais profundo, a saber, um Deus dos homens, companheiro de aliança em nosso sofrer e em nossa absurdidade [...]. Ele é *em* seu próprio ser um *Deus por nós* (1994, p. 168).

Esse partilhar das limitações que permeiam a existência humana possibilita aos homens de diferentes períodos históricos a aproximação do mistério salvífico realizado na pessoa de Jesus. A redenção realizada na cruz ao mesmo tempo em que mantém o mistério da ação divina revela toda a benevolência de Deus para com a humanidade. O Criador permanece voltado para a criatura, contingente, limitada, mas parceira na aliança. Assim, Deus compartilha do sofrimento humano e na sua liberdade de Criador deseja saná-lo, mesmo com o sacrifício do Filho.

A morte cruenta de Jesus na cruz provocou, a princípio, um grande desconforto em seus seguidores. Os discípulos ficaram desnorteados com a perda precoce e violenta do mestre. Depois de um tempo conseguem perceber que toda a vida de Jesus, inclusive sua

morte é abertura, ofertada por Deus, para um mundo novo. É no decorrer do tempo que a mensagem de Jesus encontra terreno fértil para crescer (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 153). A percepção de que algo muito especial aconteceu na vida dos “com Jesus” permite a leitura significativa do evento Jesus de Nazaré, dos efeitos salvíficos de suas ações e todo o Mistério Pascal. Eles elaboram profissões de fé que afirmam que aquele homem assassinado na cruz ressuscitou, ele é o Filho de Deus que veio trazer salvação por meio de seu sacrifício amoroso. As confissões de fé somente são possíveis tendo a vida de Jesus como norma, como critério para toda proclamação dos efeitos terapêuticos da cruz (cf. *ibid.*, p. 440).

Por sua vida e morte Jesus proporcionou um novo sentido para o sofrimento, bem como para questões relativas à injustiça e à opressão. Sua existência justa e humilde, sua obediência amorosa, permitiu diferentes associações. Muitos “encontraram em Jesus a garantia definitiva de salvação e libertação da parte de Deus” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 643). Alguns dos contemporâneos de Jesus vivem neste sentimento de salvação. Percebem no Mistério Pascal de Cristo a solidariedade de Deus para com os homens, uma solidariedade libertadora de todo mal e opressão. Jesus revela, aos poucos, no decorrer de sua vida, a cura futura.

No contexto de despedida dos seus, Jesus, afirma a necessidade de partir, a aproximação da hora final. Ele comunica aos seus que o caminho na missão do Reino não será fácil. Muitas serão as adversidades, muitos serão os descaminhos. Mas em momento nenhum os seus seguidores estariam só. Jesus afirma: “Eu vos disse tais coisas para terdes paz em mim. No mundo tereis tribulações, mas tende coragem: eu venci o mundo!” (Jo 16, 33). As palavras de Jesus, ligadas à sua práxis, permitem que os discípulos creiam na veracidade da salvação ofertada por Deus. Jesus é aquele que mesmo na morte cruenta não foi vencido pelos poderes do mundo. Ao contrário, ele é o vencedor. Esta é a certeza que permeia a vida dos primeiros a proclamarem Jesus como o Cristo. É assim que eles percebem a salvação subsequente à cruz. Segundo Schillebeeckx:

Depois do doloroso choque de sua morte, vem a notícia decisiva: “o Senhor está vivo”. Não é a morte, é Deus quem tem a última palavra; quer dizer: “o terceiro dia pertence a Deus”. De fato, a ressurreição de Cristo traz a mudança radicalmente nova na situação temporal dos discípulos; inaugurou a era da salvação (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 531).

Em *Cristo y los Cristianos*, Schillebeeckx afirma que os primeiros cristãos perceberam na morte de cruz de Jesus uma elevação que gera salvação. A comunidade de João interpreta a cruz como o evento supremo da obra redentora de Jesus. A elevação na cruz se converte em fonte de vida eterna: “assim é necessário que seja levantado o Filho do Homem, a fim de que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,14b-15). A morte de Jesus na cruz é para a salvação do mundo. Este sai das trevas e entra na luz gerada pela força salvífica da Palavra feita carne. A cruz é, para esta comunidade, o ponto culminante da História da Salvação. É o lugar onde a glória de Deus se manifesta e atrai a humanidade para Jesus. Ela propicia o encontro com a verdadeira divindade de Jesus e a percepção de que ele junto com o Pai é Rei e Salvador. No momento mesmo em que os olhos se voltam para a cruz de Cristo percebe-se a grandeza do mistério de Deus (cf. p. 401).

Para Schillebeeckx a doação de Jesus é o sinal da benevolência de Deus para com a humanidade. A liberdade em doar tudo o que possui, os dons, a vida, promove cura. Isto foi percebido muito cedo na história, visto que “todos os evangelhos e profissões de fé do cristianismo primitivo mostram a convicção de que Jesus seguiu consciente e livremente o seu caminho para a cruz” (2008, p. 297). Esse livre seguir seu caminho para a cruz possibilitou a compreensão mais profunda do evento da cruz. Jesus é aquele que se ofereceu a Deus. Foi uma vítima nas mãos impiedosas de uma pequena minoria dominante, mas que por meio de seu sangue purifica todo pecado, lava o mal, cura o sofrimento. Compreende-se que a morte de cruz não é o triunfo do mal, mas a vitória de Deus sobre a morte, visto que com a cruz veio a redenção dos pecados e o estabelecimento de uma nova aliança, a formação de um novo povo, visto que “em virtude desta morte, os cristãos chegaram a ser ‘povo de Deus’” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 432). Povo reunido e remido no sangue do cordeiro.

A adesão, a fidelidade aos projetos de Jesus permitem aos seus realizarem prodígios em nome de Jesus e revelar a todos que Jesus é alívio das dores, cura de todo tipo de sofrimento. Seguindo o ensinamento dos apóstolos, pode-se apreender na semente da qual brotaria a Igreja de Cristo já se percebe os sinais salvíficos do sacrifício de Jesus. Pedro afirma: “Graças à fé em seu nome, este homem que contemplais e a quem conheceis, foi o Seu nome que o revigorou; e a fé que nos vem por Ele é que deu a este homem a sua perfeita saúde diante de todos vós”. (At 3,15-16). O poder de Jesus age na história e os cristãos, pela fé, reconhecem os efeitos salvíficos e curativos, não só da cruz de Cristo, como também de toda sua vida. Este reconhecimento e as ações subsequentes dos discípulos promovem cada vez mais adesões à fé em Jesus.

Há um profundo interagir entre a realidade existencial de Jesus e a vida humana cotidiana. O Mistério Pascal de Cristo fornece meios para que o ser humano compreenda a sua vida e sua história de sofrimento. Por intermédio do Galileu tem-se uma nova forma de percepção da justiça divina. Deus manifestou sua solidariedade para com os homens através da pessoa de Jesus, que é o fundamento da salvação. Esta acontece, gradualmente, na práxis e na mensagem de Jesus, que não se cala, mesmo na cruz. Ela desperta nos “com Jesus” a compreensão do valor salvífico universal de tamanho sofrimento em favor do próximo.

A morte de Jesus na cruz tem para toda criatura, dentro de sua história de sofrimento e injustiça, significado salvífico. Ela é consequência de sua vida dedicada totalmente ao outro, ao excluído, ao marginalizado da sociedade por uma lei dura e exclusiva. Mais que a lei, para Jesus, valia a soberania de Deus, por isso ele pregava a presença de Deus na história humana. Enquanto para Jesus a cruz é cumprimento de sua missão, para os redimidos por sua oferenda de vida a cruz é nova lei, a saber, a lei do amor, da caridade, da solidariedade. A cruz é sinal da presença salvífica de Deus na história humana (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 779).

Jesus é aquele que sofreu, padeceu na sua carne toda dor e toda maldade contida no humano e por meio deste padecimento rompeu com o pecado e com a morte. Por meio de seu sofrimento e de sua morte, a humanidade foi reconciliada com Deus e consigo mesma definitivamente. Aqueles que andavam errantes reencontram o caminho de filhos em Jesus. Em Cristo tem-se a redenção que frutifica em alegria, graça e glória eterna diante de Deus. Deus deseja a criatura para si e “o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado” (1Jo 1,7b). O sacrifício expiatório de Jesus purifica o ser humano da iniquidade. Jesus é aquele que expiou, lavou com seu sangue, os pecados da humanidade para que todos tenham vida justa e digna. A morte de Jesus é vista como dom de Deus para os seres humanos, ela antecipa a liberdade daqueles que estavam escravizados pelo pecado (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 474).

4 Deus que responde ao sofrimento humano

O ser humano é a criatura amada de Deus. Ele o criou para viver na igualdade, na justiça e na fraternidade. Contudo, o mal e o sofrimento são realidades presentes na vida da criatura. A sociedade, de modo geral, é promotora de exclusão e segregação e leva ao

sofrimento não só de pecadores e malfeitores, mas também do justo, do humilde, do pobre. Na confiança em Deus o justo que sofre percebe nele um ponto de apoio, segurança para sua vida. O sofredor pode esperar em Deus mesmo quando, no momento presente de sua história, não visualiza a salvação (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 539). A confiança em Deus tem como fundamento o amor misericordioso do Pai. Deus quer a salvação dos homens, mas também espera que estes o ajudem na tarefa de abolir da vida humana as diversas variáveis com as quais o mal se faz visível. De acordo com o autor belga

No agir e pelo agir dos homens é preciso ficar claro que Deus, ajudado pelo homem, quer salvação para sua criação inteira. Para a Bíblia, “o homem” é o representante de Deus na terra: para a salvação do homem, da natureza e da história do mundo. E por mais que pareça que o homem, em sua tarefa de criatura, falha mais do que tem sucesso, essa percepção de fato abre espaço para uma vida ética verdadeiramente humana regulando nossa atitude e comportamento para com o mundo e a natureza.

Deus convida e dá forças: “Vamos, homem amado, tu não estás só!” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 311-312).

Deus se revela na história como cuidador, como aquele que deseja o bem e que se preocupa com a obra da criação. Ele, continuamente, convida os homens a fazerem parte de sua ação salvífica. O criador não deixa a criatura amada sozinha, ele se faz presente em meio a ela. Quando a obra boa de Deus sofre, Deus se manifesta como alívio, como cura e a criatura deve deixar-se curar pelo dom de Deus (e assim sentir todo amor que está em Deus). Este dom alcança a perfeição na encarnação do Filho, que veio ao mundo como a resposta de Deus a toda situação de maldade que gera sofrimento.

4.1 Jesus, a resposta de Deus para o sofrimento humano

Jesus tem sido reconhecido, por homens ao longo da história, como a salvação de Deus para a humanidade. O evento Jesus de Nazaré é o ponto de origem de grandes transformações, quer psíquicas e físicas (curas), quer sociais (prédica), quer religiosas (inauguração de novo culto a Deus). Definitivamente Jesus é a oferta salvífica de Deus. Ele restaura a sociedade e a pessoa humana por inteiro, torna-a livre para a vida de filhos de Deus. Essas transformações são postas em andamento não só pelas palavras de Jesus, mas com toda sua vida, até a cruz e os acontecimentos que se seguem a ela.

Afirma-se que há uma unidade indissolúvel entre a vida de Jesus de Nazaré e a proclamação do Cristo ressuscitado. Sendo assim, a ressurreição não é o único lugar de salvação. Todo o evento Jesus é salvífico. Jesus é a resposta de Deus ao sofrimento não só na ressurreição, mas também, nos dias de sua vida. Ele aliviou os sofrimentos daqueles com os quais conviveu e por sua história, alivia, também, os sofrimentos daqueles que vivem na sua presença ausente. A oferta salutar de Jesus ultrapassa as barreiras de tempo e de espaço. Neste sentido, ele é compreendido como o salvador escatológico dos últimos tempos. “A própria ação de Jesus se torna acontecimento escatológico [...] ele aponta para a chegada do reino de Deus na sua própria atuação, sobretudo na sua ‘boa nova para os pobres’” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 414). É para eles que Jesus veio e mostrou que Deus se identifica em última instância com a causa do ser humano. Jesus é a resposta salvífica de Deus a toda humanidade. Schillebeeckx afirma, em continuidade ao pensamento de São João, que

o amor de Deus ofereceu, no dom de Jesus de Nazaré, em seu Filho único, de uma vez por todas a salvação a todos os homens, uma salvação que não vem do mundo, senão *de Deus*, em e pelo homem Jesus, o qual se identifica com a vontade salvífica do Pai e, ao mesmo tempo, com os homens, cujos pesos e culpas carregou sobre si: é o cordeiro de Deus (1982, p. 422).

Jesus é, para os cristãos, a resposta para a condição humana de sofrimento. Ele destrói em cada pessoa o poder do pecado que a subjuga e a torna mais uma vítima do mal. O perdão dos pecados está indissociavelmente ligado ao nome de Jesus, o cordeiro de Deus, que pelo sangue derramado, limpa a mancha do pecado. Ele melhora qualitativamente a história de cada ser humano, transforma de modo positivo a realidade de não-sentido do sofrimento. Em sua pessoa a verdadeira salvação de Deus se faz concreta de forma única e singular. Jesus demonstra que salvação, redenção e libertação estão entrelaçadas em um único ato misericordioso de Deus. Elas estão unidas por um nexos interno, a saber

a correlação entre a predestinação divina, ou iniciativa salvífica absolutamente livre por parte de Deus, e a experiência de haver encontrado um sentido existencial e uma plenitude de vida por parte dos que creem em Jesus. Os cristãos neotestamentários encontraram sua própria identidade, a definição de sua condição humana, em uma relação pessoal com Deus, tal como Jesus o havia revelado (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 618).

O Deus de Jesus Cristo é a origem e o fim do gênero humano que é convidado a fazer a experiência existencial de sentido e de plenitude de vida. A obra salvífica de Deus em

Jesus foi experienciada como graça que se origina na livre, misericordiosa e amorosa vontade de Deus. Jesus é a oferta de salvação vinda de Deus. Aos sofredores ele anunciava o novo tempo da graça onde reinam a salvação e libertação de toda opressão. Na graça percebe-se que o ser humano pertence a Deus e para ele é predestinado por seu amor e desejo salvífico. Imbuídos desta certeza os homens se reúnem e formam comunidades que proclamam que Deus responde ao sofrimento humano.

Deus é o centro da comunidade que encontra em Jesus a resposta para o sofrimento. Há um vínculo inerente entre a ação salvadora contínua de Deus e a resposta de fé dos seres humanos a este Deus presente. Perante a realidade desoladora os homens esperam em Deus. A salvação vinda de Deus se encontra na linha do que é insondável, inaudito. Ela se dá no horizonte do dom, da doação amorosa e caridosa, na liberdade do agir divino. Ao ser humano cabe a fé na graça redentora e curativa de Deus. Porém, a esperança humana não é vã, nem fruto de meros devaneios, ela está vinculada a uma vida concreta, totalmente voltada aos necessitados. Assim,

O que se espera é, ao invés, antecipado perceptivelmente num caminho de vida e numa práxis de vida: o caminho de vida de Jesus, cuja pessoa, mensagem e práxis, apesar da falência histórica da cruz, foram confirmados por Deus, mediante sua ressurreição dentre os mortos, de fato como uma práxis do reino de Deus: como salvação para todos os homens (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 226).

A salvação que Jesus realiza é a resposta de Deus para o sofrimento e a opressão que denigrem a imagem humana. Em momento algum de sua vida ele realizou prodígios em seu nome, sempre os fez em nome de Deus Pai, aquele que o enviou. Jesus entra na história humana da mesma forma que a transcende. Nesta relação, o divino e o humano se fazem presentes e a natureza divina só revela seu sentido autêntico se enaltecer a humana. De acordo com Schillebeeckx

a natureza divina é irrelevante, a não ser à medida que exalta a natureza humana [...] em Jesus existe uma universalidade única, ela deve estar na própria “humanidade” de Jesus, não atrás ou acima dela. A figura em que Deus se revela é o homem Jesus (2008, p. 602-603).

Aqueles que viram na revelação humana de Jesus a revelação da divindade “confessaram este Jesus como o Crucificado ressuscitado, no qual experienciavam uma

salvação definitiva e decisiva. Foi nele que Deus trouxe redenção, salvação e libertação” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 547). A confissão do crucificado ressuscitado denota ação de Deus em meio a seu povo. Jesus, por seu Mistério Pascal, realiza a redenção universal, mesmo que a realidade do mal permaneça presente na história dos homens. Os “com Jesus” perceberam na vida do Nazareno o extraordinário encontrar o ordinário. E para explicar tal fenômeno aplicaram a Jesus diversos títulos de poder.

Para o teólogo belga, os títulos que Jesus recebeu após sua morte e ressurreição demonstram sua função na história da salvação. Jesus é a definitiva promessa de Deus para a redenção do gênero humano. Com seus atos, ensinamentos e milagres, ele coloca em andamento o plano salvífico de Deus (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 549). Jesus é o Senhor, o Cristo, o Messias, o Crucificado Ressuscitado. Enfim, ele é o mestre que por sua história resgata para Deus a humanidade sofredora. Ele demonstra que perante as angústias da criatura a resposta de Deus não pode tardar. O ser humano deixa-se curar pelo amor redentor de Deus. É no amor e por amor que o Filho se fez carne e deu sua vida em resgate da vida humana. Deus se revela na história para pôr fim ao sofrimento. Quem recebe esta revelação e se deixa afetar por ela descobre em Deus a referência capaz de transformar a história do sofrimento em História da Salvação.

4.2 O ser humano que se deixa afetar pelo amor redentor de Deus e percebe na sua revelação o suporte para o sofrimento

Os “com Jesus” fizeram a experiência de contraste. Eles vivenciaram a salvação na pessoa de Jesus de Nazaré e posteriormente todo o fracasso da prédica do Nazareno na morte escandalosa na cruz. Foram eles, também, os primeiros a declararem que Jesus venceu a morte, que ele é o Cristo. Os discípulos iniciam a fé cristã cuja base “é evidentemente Jesus de Nazaré na sua oferta de salvação durante sua vida *terrena*, oferta *renovada* depois de sua morte” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 391). Com a morte de Jesus seus seguidores se dispersaram. Sentiram o peso do abandono do mestre e liderados por Pedro se reúnem, conversam a respeito da oferta de salvação na pessoa de Jesus e percebem que não estão realmente abandonados. Jesus está vivo, e realiza a salvação a todos os que se deixam afetar pela graça do perdão dos pecados como misericórdia de Deus (cf. *ibid.*, p. 391).

Deus revelou em Jesus o seu ser mesmo e este se configura no amor misericordioso e redentor. Em uma das cartas de São João encontra-se a afirmação: “Aquele que não ama não conheceu a Deus, porque Deus é amor” (1Jo 4,8). Jesus é a manifestação do amor de Deus e o conhecimento entre os filhos de Deus se dá no amor mútuo e na vivência deste amor. É ele que propicia a cura terapêutica de todo sofrimento. Ao reconhecer-se no amor de Deus o ser humano é tocado em seu íntimo e vê no Filho o salvador de si e do mundo. Esta experiência de amor e pertença a Deus tem seu início com os seguidores mais próximos de Jesus de Nazaré e se desenvolve na vida da humanidade no decorrer do tempo.

Após a morte de Jesus seus discípulos ficaram desorientados e se dispersaram. O medo foi o sentimento mais forte que experimentaram e quando se reuniam sempre o faziam de portas trancadas como está escrito no Evangelho segundo São João: “estando fechadas as portas onde se achavam os discípulos, por medo dos judeus” (Jo 20,19b). Seguindo o pensamento do autor belga, percebe-se que os seguidores de Jesus estavam fragilizados, amedrontados e feridos emocionalmente. O líder do grupo lhes fora violentamente tirado. Foram as lembranças da vida de Jesus e o amor que permeava suas ações que os levaram à percepção de que Jesus estava vivo. Na dor e no abandono sentem a misericordiosa presença de Deus em suas vidas. Revigorados pelo amor redentor do Pai saem a proclamar o Cristo ressuscitado a todos os povos. Deste modo, o movimento iniciado por Jesus de Nazaré fomentou nos discípulos algo que nunca haviam experimentado, que imbuídos da certeza da ressurreição dão continuidade a tal movimento, que entra na história da humanidade como a proclamação da vida e morte de Cristo, que traz consigo salvação e felicidade para as nações.

O sentimento de pertença a Deus impulsiona os discípulos a anunciarem o Mistério Pascal de Cristo e o amor misericordioso de Deus Pai. Pessoas que não conviveram com Jesus passam a conhecê-lo e a viver no seu amor. A confiança da presença viva de Deus em Jesus permite aos adeptos à fé experienciarem o amor redentor de Deus. Essas pessoas deixam-se afetar por este amor e percebem a cura que ele pode proporcionar. Homens de todos os tempos veem suas vidas transformadas pela presença contínua e amorosa de Deus. O Criador e Redentor é aquele que sustenta o humano no seu sofrimento e fornece o apoio que lhe é necessário para prosseguir seu caminho.

Jesus, em sua pregação, demonstrou a existência de um Deus misericordioso e amoroso, que cuida dos seus com carinho paternal. Anunciou nas Bem-aventuranças a perspectiva de felicidade para os mais sofridos da sociedade: os aflitos, os famintos, os injustiçados (Mt 5,3-6). Estes serão felizes e receberão aquilo que lhes falta, o que é

necessário para uma vida digna. É o próprio Deus quem inverte a situação de sofrimento para a de paz. Quem está aflito pode esperar a consolação em Deus, mesmo perante a opressão do momento Deus agirá como salvador e promotor de justiça, saciedade e felicidade. Jesus demonstra que os excluídos da sociedade são incluídos por Deus nas bênçãos do Reino. (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 166.167.170).

O homem-Deus acredita que a realidade de sofrimento, aos poucos, já está se transformando em vida plena, visto que a revelação de Deus oferece o suporte necessário para aqueles que nele acreditam. Ainda no contexto das Bem-aventuranças percebe-se que Jesus demonstra que é agora que vai se realizar o auxílio de Deus. Elas contêm a afirmação da mensagem de Deus contra todo tipo de sofrimento. Schillebeeckx afirma que “é incompreensível a história do sofrimento humano, que pelo próprio ser humano não pode ser remediado; mas agora o próprio Deus vai agir”. (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 170). O humano sente na sua vida a ação de Deus e ao senti-la permite-se viver no amor redentor e curativo e encontra, assim, alívio para suas angústias.

O amor de Deus envolve o ser humano como dom, como graça cuja iniciativa vem sempre de Deus. Na ressurreição de Jesus, o justo crucificado, a revelação do ser de Deus se completa. Aquele que reconhece que Deus ressuscitou Jesus reconhece simultaneamente que ele é o salvador de toda a humanidade. A salvação do homem é Deus mesmo e se dá na humanidade e no mundo dos homens. A realidade concreta de cada ser humano é o *locus* onde acontece a ação salvífica de Deus e a experiência de fé constitui o núcleo da vivência histórica de salvação. Aquele que se permite afetar pelo amor de Deus torna-se também fonte de salvação para o outro e para a sociedade como um todo.

O fundamento para esta ação de resgate mútuo e social é Jesus de Nazaré. A realidade salvífica revelada em seu Mistério Pascal é vista por homens de diferentes tempos como suporte para os mais diversos tipos de sofrimento. A concretude do amor redentor de Deus em Jesus permite que o ser humano se sinta curado, revigorado para continuar a viver sua história, mesmo marcada pela dor. O cristão vive na caridade divina e se posiciona contra as estruturas opressoras. Aquele que faz a experiência do amor de Deus não se mantém indiferente às mazelas do mundo. Ao ser afetado por Deus vê sua vida transformada e ao mesmo tempo se torna instrumento de modificação social.

Em meio a uma sociedade corrompida pelo mal nem sempre se encontram os responsáveis pelos sofrimentos que afligem os seres humanos. A história do sofrimento e a história humana seguem entrelaçadas uma à outra. Buscar a origem do sofrimento e do mal

pode levar a um abismo inexplicável e inalcançável, contudo, pode-se esboçar uma tentativa de compreensão ao relacioná-la à história de liberdade. O mal e o sofrimento não são oriundos de Deus, mas do uso incorreto da liberdade por Ele concedida. A liberdade mal vivida e a contínua tensão com a natureza promovem danos sociais irreparáveis. A dor e o sofrimento são consequências, e os fragilizados as sofrem de modo mais contundente. Procuram-se, continuamente, meios para aliviar o sofrimento e o suporte maior que tem se revelado ao longo da história é o próprio Deus, visto que “o Pai é maior que qualquer sofrimento, porque o vence ao fazer-se solidário com nossa salvação” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 712).

A revelação de Deus como um Deus misericordioso, pura positividade, está contraposta a realidade terrena da negatividade do mal. O ser humano afligido pelas adversidades de sua história encontra em Deus repouso e a transformação da tristeza em alegria. A vida transformada e revigorada pelo amor de Deus não se deixa mais afetar pelo pecado. Deus atua, na história humana, com sabedoria e bondade. É Ele quem promove libertação e felicidade, pois “Deus quer a salvação do homem e, portanto, o triunfo sobre seu sofrimento” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 712). Deus é esperança, é saúde para aqueles que o buscam, também é o motor da construção de um mundo mais humano onde se concretiza a salvação, por meio da libertação das estruturas opressoras que geram sofrimento.

A salvação que Jesus trouxe é, como Schillebeeckx relata em *Cristo y los Cristianos*, a disponibilidade total de dar-se aos demais, de perder-se neles e por eles. Ela é a doação de vida que justifica. É pela fé no Mistério Pascal de Cristo que o ser humano vive na graça e sente a aproximação amorosa de Deus, plenamente revelado na pessoa de Jesus. A revelação de Deus Pai realizada por meio do Filho demonstra quem Deus é para os seres humanos e o que cada um destes representa para Deus. Os primeiros cristãos assumiram a concepção de um Deus que é Pai, um Deus dos homens e que age em favor da humanidade. Ao dom de Deus, à doação da Graça, cabe uma resposta de fé, que se dá na individualidade de cada criatura, visto que,

a fé na salvação de Deus em Jesus Cristo é a convicção assumida livremente (através das Igrejas cristãs, porém meditada a partir da vida real) que confessa – nas condições de nossa limitação – nossa “elevação” acima de tal finitude, graças à absoluta generosidade e gratuidade da presença, misericórdia e solidariedade de Deus (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 821).

Ao escrever este trecho Schillebeeckx afirma, por se tratar de termos eruditos, dizer tudo e nada ao mesmo tempo. Lendo-o na perspectiva do ser humano que se deixa afetar pelo amor de Deus e por ele tem sua realidade de sofrimento transformada em salvação e felicidade ele diz muito. A revelação de Deus como misericórdia e solidariedade sempre presente na vida humana, como um Deus dos homens é suporte e alívio nos momentos mais difíceis. Muito cedo na história, logo após o evento Jesus e seu Mistério Pascal, os cristãos interpretaram a ação de Jesus como salvífica e se reuniram em torno do que foi denominado como a *ekklesia* de Deus (esta temática será desenvolvida no capítulo III). Os homens reunidos rememoram toda a vida de Jesus, celebram sua história, e o proclamam como o Cristo, aquele que vem de Deus para salvar seu povo, reunir e atrair a si todas as gentes em comunidades de partilha e de vida.

CAPÍTULO III

INTERPRETAÇÃO DAS COMUNIDADES NEO-TESTAMENTÁRIAS DA AÇÃO SALVÍFICA DE CRISTO E A LEITURA DE SCHILLEBEECKX DA *EKKLESIA* DE DEUS

Com o presente capítulo busca-se compreender a dinâmica da formação das primeiras comunidades cristãs que professaram a fé que Jesus de Nazaré é o Cristo, o Senhor. Jesus, desde as primeiras manifestações de fé, foi interpretado como a matriz, a base para a fundação de comunidades reunidas em torno da rememoração dos fatos ocorridos na Galileia. Este homem passou pela história de forma singular. Por onde ele andava grandes multidões acoirriam. Ele ensinou, curou, transformou vidas (como visto no capítulo I). Os primeiros seguidores, depois de passado o choque da morte de cruz (a temática da cruz foi abordada no capítulo II), puseram-se a pregar, a anunciar ao mundo a chegada do tempo da Graça na pessoa de Jesus. Assim, eles colocam em marcha a fundação das primeiras comunidades.

As comunidades formadas pelos discípulos de Jesus procuram reinterpretar continuamente a fé recebida. Elaboram novos escritos, cartas, evangelhos. Buscam salvaguardar os dados mais preciosos da fé: Jesus de Nazaré é o Cristo. Ele é o crucificado que ressuscitou, aquele que deu sua vida para a remissão dos pecados, para exterminar da realidade humana o mal e todas as suas consequências, como o sofrimento.

Cada grupo de cristãos faz a leitura do evento salvífico de acordo com o dado transmitido pelos “com Jesus”, seus primeiros seguidores. Assim temos comunidades fundadas por diferentes pessoas. Citam-se as comunidades paulinas e as petrinhas pela importância apresentada em seus escritos ao dado da redenção, da expiação do pecado pelo sofrimento do justo e como este é Graça para a vida dos seres humanos. Eles demonstram a íntima relação entre o dom da redenção ofertado por Cristo, a Graça e o Espírito.

No decorrer dos anos, as comunidades seguiram na tarefa de sempre reinterpretar o dado da fé. Esta reinterpretação é sempre movida pelo Espírito, que permite uma leitura histórica, sempre atual, do efeito salvífico do evento Jesus Cristo. O sofrimento de Jesus serve de parâmetro e suporte para os sofrimentos presentes. A revelação de Deus em Jesus é o caminho para a libertação definitiva de toda opressão, sendo a Igreja o espaço profícuo para a ação do Espírito e a vivência na Graça. A vida comunitária é o espaço terapêutico para a ação salutar de Deus, onde cristãos de todos os tempos encontram em Jesus a resposta eficaz para sua busca incessante pela questão do mal e do sofrimento. Jesus venceu o mal, ele curou, libertou, ele é o ponto de apoio para a superação de todo sofrimento. É a fé em Jesus que une pessoas em comunidade e é a fé em Jesus que cura as feridas mais profundas na dramática do sofrimento hodierno.

1 A fé em Jesus Cristo e na salvação por ele ofertada como fundamento para a formação das primeiras comunidades

A comunidade eclesial²⁰ do primeiro século reviveu todos os momentos que marcaram a vida de seus membros, a saber, a experiência de vida com Jesus de Nazaré. Assim, “o que os discípulos viveram com Jesus é o ponto de partida de um movimento religioso e, portanto, a fundação efetiva da Igreja” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 58). Eles descreveram os atos de Jesus e aos poucos formaram os escritos denominados como Evangelho de Jesus Cristo. Estes textos são uma composição do contato que tiveram com Jesus e de uma releitura dos textos das Sagradas Escrituras judaicas (como exemplo os textos de Isaías que tratam do Servo Sofredor). Os relatos contidos nos Evangelhos são pós-pascuais, são testemunhos de fé dos primeiros adeptos ao cristianismo. “Os evangelhos narram sobre o que Jesus começou a significar para um grupo de pessoas que posteriormente se denominou *ekklesia* de Cristo” (*id.*, 2008, p. 20). A nascente Igreja acolheu tais testemunhos como Palavra inspirada por Deus. Tal acolhida não se deu de forma simples. Surgiram debates, contestações e, por fim, o consenso e a formação do cânon das Sagradas Escrituras. Elas têm

²⁰ A comunidade eclesial é a “*ekklesia*” reunida em torno da memória de Jesus. Schillebeeckx afirma que os primeiros cristãos “decidiram-se por ‘*ekklesia*’, ligando-se ao uso profano de ‘*ekklesia*’, para designar uma reunião concreta de uma fraternidade judaica crente em Jesus” também: “falar de uma comunidade como uma ‘*ekklesia*’ significa falar de determinado grupo de homens religiosos que se reuniam para o culto: uma reunião cultural, onde se agradecia no Espírito a Deus no louvor a ele” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 192). Pode-se afirmar que a confissão de fé eclesial no Cristo passa pelo evento Jesus de Nazaré.

sido, durante o decorrer dos séculos, o paradigma ético para a vivência cristã, sujeitos a uma única norma, a pessoa de Jesus de Nazaré.

A vida das primeiras comunidades cristãs é movida pela fé em Jesus, proclamado o Messias. Foi uma pessoa concreta que propulsionou o movimento que originou as primeiras comunidades, não foi um fantasma, nem um Deus com aparência de ser humano. Mas, um ser humano concreto, que viveu e morreu na crença de que esta morte não seria o fim, mas ao contrário, seria o início de um novo tempo. Toda a temática a respeito da vida de Jesus enquanto consciente de todo evento subsequente à sua morte são relatos pós-pascuais. Tais relatos foram desenvolvidos no decorrer das primeiras décadas após a morte de Jesus e seu conteúdo está permeado pela experiência do ressuscitado. Contudo, há muito a se afirmar, visto que

O certo é que este homem, Jesus de Nazaré, deu impulso a um movimento religioso que se tornou uma religião mundial; esta declara que Jesus é a figura que, pessoalmente, revela Deus (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 27).

A Igreja emergente vê em Jesus a Palavra feita carne, o que é explicitado no prólogo do Evangelho joanino: “e o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14a). Jesus é anunciado como aquele que veio do Pai para reunir o povo de Deus em comunidade. Toda vida de Jesus é testemunho de sua origem celeste e de sua unidade com Deus Pai, de quem ele afirma “eu e o Pai somos um” (Jo, 10,30). Todo o Mistério Pascal de Cristo manifesta a sua comunhão de vida e graça com o Deus vivo. Deste modo, Jesus é a presença salvífica de Deus entre os homens (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 343). A comunidade reunida em torno da *memoria Iesu* percebe Cristo como Senhor da Igreja. Schillebeeckx afirma a continuidade viva entre o ser humano Jesus de Nazaré e a fé das primeiras comunidades que o aclamaram como o ressuscitado, “assim como a morte de Jesus não se pode separar de sua vida, também sua ressurreição não se pode separar de seu caminho de vida e de sua morte” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 172).

Jesus de Nazaré, martirizado e crucificado, é o ressuscitado, ele é o messias de Deus que veio trazer paz e libertação para todos os oprimidos, como afirma São Paulo: “é para a liberdade que Cristo nos libertou. Permanecei firmes, portanto, e não vos deixeis prender de novo ao jugo da escravidão” (Gl 5,1). A libertação oferecida por todo fenômeno Jesus de Nazaré é definitiva e cada ser humano está comprometido em torná-la efetiva na história. A vida de Jesus é o modelo de amor, misericórdia e alívio dos sofrimentos a ser seguido. Mas é

justamente na cruz que os discípulos visualizam a proposta de salvação/libertação vinda de Deus.

A partir desta experiência de vida resgatada e a fé que dela surge, os primeiros seguidores do Cristo passam a relatar todo o fenômeno Jesus de Nazaré e formam, inspirados pelo Espírito, o “corpus escriturístico” posteriormente denominado Novo Testamento, como sequência às antigas escrituras judaicas. O conteúdo fundamental do Novo Testamento é a salvação ofertada por Deus a toda humanidade na pessoa do Filho. Desde os primórdios das comunidades, os cristãos perceberam

que a própria Igreja, nas suas comunidades e na sua hierarquia, está submissa à soberania de Deus e à norma da pessoa e da atuação de Jesus de Nazaré, a quem ela proclama “o Cristo, o Filho unigênito, nosso Senhor” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 30).

A submissão da Igreja a Cristo é o eixo que perpassa a vida eclesial. Este eixo, contudo, não se move somente em torno da figura do Cristo, A Igreja vive não só da proclamação gloriosa do evento da ressurreição, mas também da memória da vida de Jesus de Nazaré. Suas ações concretas servem de parâmetro para o agir cristão, Jesus cuidava dos sofredos e excluídos, se ocupava com eles. Percebe-se então que o conteúdo da pregação apostólica demonstra a preocupação dos primeiros cristãos com aqueles que sofrem. A mensagem do Reino de Deus dá uma resposta definitiva para o sofrimento absurdo do qual a humanidade padece. Os cristãos vivem da experiência de fé no ressuscitado e da certeza da ação de Deus como graça redentora. Em relação ao que consiste a experiência da graça, Schillebeeckx afirma que

há uma correspondência entre a vontade de Deus e o sentido último da vida humana. Crer significa, portanto, ter fé na bondade radical dos planos de Deus para com os homens e no sentido último da existência humana: colocar-se a si mesmo e aos demais nas mãos de Deus (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 619).

Os que se colocam nas mãos de Deus recebem especial atenção, sobretudo os pecadores e os indefesos. Deus cuida deles com gratuidade amorosa. O amor misericordioso de Deus revela, em parte, o mistério da graça, como salvação e felicidade para os homens de todos os tempos. O Pai demonstra-se solidário para com os indefesos, o Filho por eles doou sua vida, e os discípulos encontram na relação Pai-Filho a possibilidade definitiva de

salvação. É em torno desta esperança de salvação e de todo o Mistério Pascal de Cristo que os primeiros seguidores de Jesus se reúnem em Igreja²¹.

As comunidades cristãs encontram em Jesus o sentido mais profundo do ser Igreja. Sua orientação perpassa o caminho de vida de Jesus e proclama em alto tom que o crucificado é o ressuscitado. Essa é uma proclamação pós-pascal, cuja base é o ser humano Jesus de Nazaré e sua mensagem de paz e integração. Ele foi visto como o profeta dos últimos tempos, aquele que operou a grande obra de salvação e reuniu o novo povo de Deus, já que “reconhecer Jesus como o Cristo ressuscitado é o que constitui a Igreja” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 356).

A leitura que Schillebeeckx faz da formação da Igreja tem como pressuposto o Mistério Pascal de Cristo, onde a comunidade eclesial reconhece o ressuscitado como seu fator constitutivo. Mas não é só o ressuscitado que promove a unidade da Igreja, mas toda a vida de Jesus de Nazaré, no qual seus atos são interpretados em perspectiva soteriológica. A cristologia desenvolvida por Schillebeeckx parte do princípio de que “o Novo Testamento é globalmente, com fé, reflexo da atuação histórica de Jesus de Nazaré” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 516). Esta é a tese que desenvolve e também a conclusão conseguida através de seus estudos. O autor também percebe a grande influência do Cristo ressuscitado e exaltado e da vinda do Espírito Santo na formação da Igreja, que professa a relação primordial entre a exaltação de Jesus e o Espírito. Ele utiliza, sobretudo, os textos de Lucas (Evangelho e Atos dos Apóstolos) para fundamentar tal argumento.

²¹ Na formação da Comunidade cristã, Schillebeeckx, na obra *Jesus: a história de um vivente*, pontua a importância do ser humano Jesus de Nazaré e de sua vida, que provoca uma resposta às vezes de rejeição (não perceber em Jesus o Cristo), mas outras de adesão (Jesus de Nazaré, morto e ressuscitado é o Messias). Esta última é o ponto de partida para o surgimento da Igreja. Ele afirma que “o que aconteceu com Jesus, e por Jesus, está na origem da experiência comunitária, à qual temos acesso histórico, e denomina essa experiência de comunidade. Em outras palavras: o fator constante é a vida-em-movimento da ‘comunidade de Deus’ ou ‘comunidade de Cristo’: a experiência de fé, constituindo comunidade, era evocada pela impressão causada por Jesus, e que este, no Espírito, continua exercendo nos seus seguidores: seres humanos que experimentaram a salvação definitiva em Jesus de Nazaré. A prioridade é da oferta real: Jesus; essa oferta, porém, está presente dentro da aceitação, pela fé, da comunidade cristã, da qual temos experiência entre nós, em nossa história. Podemos dizer: o que define Jesus é o fato de que ele evocou exatamente essa reação típica, a da fé, que se confirmou pelas experiências comunitárias” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 50). É na fé no ressuscitado que os discípulos se reuniram e formaram a Igreja, mas esta fé tem como fundamento a pessoa concreta de Jesus de Nazaré, toda sua prédica, sua ação, seu jeito de conviver tanto com pessoas excluídas da sociedade, quer pela pobreza quer pela doença, quanto com pessoas ricas e poderosas. A vida de Jesus é o critério último para a vida da Igreja. Ele, e não uma quimera, é o fundamento de todos os eventos desencadeados após sua morte e ressurreição.

Segundo Lucas, só com a exaltação de Jesus é que pode começar, com a Igreja, a pregação sobre conversão e salvação (At 5,31b), pois isso supõe o dom do Espírito que somente a exaltação pode comunicar (At 2,33). Para Lucas, a exaltação é o fim do período da vida terrena de Jesus e o início da Igreja, graças ao envio do Espírito (cf. At 2,33;5,31;3,20). [...] Em Lucas pode-se dizer que Jesus e Deus estão intrinsecamente unidos entre si pelo Espírito. A cristologia de Lucas é a cristologia do pneuma (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 536-537).

Mesmo não desenvolvendo uma cristologia centrada no Espírito, Schillebeeckx afirma com Lucas a importância deste para a formação da Igreja. Demonstra a Igreja como uma comunidade reunida em torno do Mistério Pascal de Cristo, congregada e impulsionada pelo Espírito. Deste modo, é movida a seguir o mandamento de Jesus de sair pelo mundo anunciando o Evangelho, batizando em nome do Pai, do Filho e do Espírito (Mc 16,15-16; Mt 28,19). Os primeiros cristãos seguem este preceito na certeza da salvação vinda por meio da pessoa de Jesus, eles se espalham pelo mundo, pregam a Boa Nova e fazem novos cristãos. Anunciam que o aparente fracasso de Jesus em sua missão, devido à precoce morte cruenta na cruz, não condiz com a realidade salvífica revelada por Deus. Portanto, nada mais em relação a este evento se configura realmente em fracasso. Jesus foi calado, em vida não viveu a realização histórica do Reino de Deus. Contudo, para as comunidades cristãs, a morte, o aparente fracasso não são a última palavra. A palavra última transcende a realidade histórica e perpassa o amor benevolente de Deus. A história humana é marcada por fracassos, sofrimento, desilusões, finitude. No entanto, todos os males são superados pela fé no Deus vivo, que a tudo proporciona novo sentido e novo horizonte de perspectiva e de vida. Esse é o ponto central da pregação cristã, que refaz continuamente a Aliança com o Criador (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 646).

Os primeiros cristãos, vivendo na Aliança, identificam a ressurreição de Jesus com a renovação da vida. Depois do abandono, na condenação de Jesus e sua consequente morte sentem a presença viva do Cristo em seu meio, o que propulsiona a fé cristã pascal. A experiência pascal é um processo de conversão que acontece na vida dos “com Jesus” e daqueles que receberam o evangelho anunciado pelos discípulos. A ressurreição de Jesus demonstra que Deus deu a Jesus uma comunidade, a Igreja. A ressurreição tem significado salvífico porque ela é ao mesmo tempo a vinda do Espírito, que dá entendimento, e a fundação da Igreja (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 650-652). A Igreja reunida no Espírito percebe a universalidade de sua missão. Ela se encontra no mundo, vive historicamente, mas seu fundamento transcende a realidade mundana. Ela é expressão do cuidado paterno de Deus

para com a criatura. Nela todos são irmãos e todos têm o compromisso de ser agentes de salvação e de vida digna uns para com os outros.

O homem, que pertence à comunidade eclesial, é impulsionado a viver no plano ético junto com outros homens. “O Novo Testamento é para os cristãos um modelo e uma norma e fonte de inspiração e orientação” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 642). A mensagem que a Sagrada Escritura traz deve ser atualizada para que tenha sentido na realidade em que se vive. Assim, as diferentes comunidades deram sua interpretação para o que aconteceu com Jesus e como ele é dom de Deus. Cada uma delas recebe, a seu modo, a graça divina, deixa-se afetar por ela e nela viver eticamente, promovendo a liberdade e a paz para todos os homens.

2 A leitura das comunidades paulinas do evento Jesus e da graça ofertada por Deus

As comunidades paulinas são formadas e se reúnem em torno do que foi anunciado por Paulo²². Após sua conversão Paulo prega o evangelho²³ de Cristo. Parte em missão, evangelizando, anunciando a vinda do Messias e a proximidade da realização do Reino de Deus. De acordo com a reflexão apresentada por Schillebeeckx a este respeito, a pregação paulina e os escritos que surgem não falam sobre os milagres de Jesus. Estes não são o foco da mensagem de Paulo aos que desejam se converter à fé cristã. Paulo e as comunidades por ele fundadas não tiveram acesso ao Jesus terreno, mas ao dado querigmático. As comunidades pautam sua fé no Mistério Pascal de Cristo. A morte de cruz torna-se o núcleo para compreender a humanidade de Jesus. Paulo afirma claramente que o ressuscitado é o crucificado e desta díade homem-Deus vem a salvação para a humanidade.

Jesus é anunciado pelos evangelistas como aquele que revela Deus e leva a humanidade para o Pai. Jesus é o caminho definitivo para a realização do Reino de Deus. A

²² O texto bíblico de At 9 relata que Saulo, posteriormente chamado de Paulo, estava a caminho de Damasco quando Jesus apareceu a ele e o convidou a não mais perseguir cristãos e sim a se tornar um deles. Saulo se converte, em seguida inicia sua pregação: “Saulo, porém, crescia mais e mais em poder e confundia os judeus que moravam em Damasco, demonstrando que Jesus é o Cristo” (At 9,22). Schillebeeckx afirma, seguindo o texto de Gl 1,13-16, que “Paulo vê sua conversão para Jesus Cristo como missão diretamente divina para todos os povos” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 360).

²³ O autor belga afirma, de acordo com o texto da carta aos Romanos, que “Para Paulo, o evangelho é ‘força de Deus para a salvação de todo aquele que crê’. [...]. Ser salvo, participar da salvação pressupõe ouvir na obediência a mensagem salvífica, pressupõe a fé” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 199). Para Paulo, acolher a mensagem da salvação vinda de Deus na pessoa de Jesus Cristo é reconhecer que Deus não rejeita, nem mesmo abandona seu povo.

pregação de Paulo tem o mesmo princípio dos evangelhos, mas em tons diferentes. Em sua pregação, ele enfatiza o caráter salvífico do evento Jesus. Em Cristo todos receberão vida nova, redimida e resgatada do pecado que gera morte, visto que “assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos receberão a vida” (1Cor 15,22). Jesus é a fonte da vida, ele doa a sua vida para que os homens vivam plenamente. Em 1Cor 15,3b Paulo afirma que Jesus morreu por nossos pecados e, em Rm 5,8, enfatiza o fato de que Jesus, o Messias de Deus, morreu por nós quando ainda éramos pecadores. Schillebeeckx afirma que “essa morte foi um serviço de amor de Jesus pelos seus: serviço pelo qual somos constituídos como ‘nova comunhão’, ‘nova aliança’” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 300).

Jesus amorosamente doa sua vida para o bem da humanidade. Mas a morte do homem-Deus não ficou sem resposta. Jesus, seguindo o que predizia a seu respeito as Escrituras, foi ressuscitado. Assim, Paulo anuncia, não um evangelho próprio, mas aquilo que lhe fora transmitido, que “Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras. Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1Cor 15,3b-4). Nosso autor comenta estes versos de Paulo e a intrínseca relação existente entre crucificado/ressuscitado. Ele afirma que “a ressurreição é a ação salvífica de Deus para com Jesus. O crucificado é o ressuscitado, o ressuscitado é o crucificado: eis a revelação divina, que nenhum ser humano poderia inventar” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 333). O que aconteceu com Jesus de Nazaré se deu de acordo com as Sagradas Escrituras. Trata-se de algo tão extraordinário que não pode ser mera invenção humana, mas a revelação plena do ser de Deus que se manifesta na pessoa de Jesus.

Paulo, na carta ao Filipenses (no conhecido Hino Quenótico – Fl 2,5-8), afirma que o Filho encarnado continua sendo Deus, mas dentro das condições do mundo humano, e nos limites da finitude, no ocultamento de sua forma divina. A condição de escravo assumida não nega de modo algum a sua condição divina, somente a oculta por um período de tempo. Ao esvaziar-se do seu ser, Deus torna-se um homem real, com agir determinado e história concreta. Assim, a humanidade de Jesus é real e absoluta ao mesmo tempo em que nesta humanidade Jesus revela Deus.

Os seguidores de Jesus percebem nele a presença autêntica do humano e do divino. Jesus é o homem-Deus. Paulo tem a firme convicção de que em Jesus é Deus quem age. Esta ação não ficou estagnada no passado. Ela é contínua e se realiza tanto na ressurreição de Jesus quanto na vida daqueles que se dedicam à missão do Reino de Deus. Jesus é aquele que veio ao mundo trazer uma nova era, um Reino de justiça, paz e felicidade

para todas as pessoas. Por amor à humanidade, Jesus entrega sua vida como oferta de salvação. No contexto da morte de Jesus, Paulo tem como querigma central de sua cristologia a morte expiatória de Jesus. Ele morreu para a remissão dos pecados da humanidade. Jesus padeceu na cruz, sofreu a dor de todos os rejeitados e excluídos, a dor física do martírio e crucifixão. Mas a morte não tem vitória, o lema paulino de que o crucificado é o ressuscitado não é vazio de sentido. Deus ressuscitou Jesus.

Nosso autor afirma que, em 1Cor 15,4-9, Paulo anuncia a narrativa básica do seu pensamento a respeito do mistério da morte e ressurreição de Jesus e do terceiro termo, a saber: suas aparições depois da ressurreição. Tais aparições são compreendidas dentro do Mistério Pascal de Cristo. Elas são sinais da obra salvífica de Deus realizada, por meio de Jesus. Todo o evento Jesus é graça concedida, é possibilidade de futuro, de vida renovada, visto que em Jesus todo ser humano se torna filho de Deus e o é pelo Filho. Em Jesus o ser humano está enraizado no amor de Deus que se faz solidário com os homens em sua cruz e na sua ressurreição dentre os mortos.

Ao abordar a temática da ressurreição e das aparições de Jesus, Paulo não se apega a provas materiais. Ele não se preocupa em provar historicamente a ressurreição. Pela fé, ele sabe que Cristo ressuscitou e mais, o ressuscitado apareceu a outros antes dele e depois também a ele e o convida a não mais persegui-lo e sim a anunciar a Boa Nova, evangelizar. No evento da ressurreição, para Paulo, o que importa não é a demonstração física do fato mas a autoridade daqueles que o anunciam. Assim compreende Schillebeeckx:

Paulo não apresenta uma lista de *testemunhas* da ressurreição; isso lhe é estranho. Mostra uma lista de pessoas com autoridade, todas anunciando a *mesma coisa*, a saber: o Crucificado está vivo, e isso se tornou para ele uma “epifania”; uma só e mesma *evidência da fé* inspira a todos eles. Foi partindo dessa evidência da fé que os cristãos começaram a “missionar” (2008, p. 347).

Para Paulo “missionar” é evangelizar tanto judeus quanto pagãos, anunciar a morte, a ressurreição de Jesus e a chegada de um novo tempo. A morte e a ressurreição de Jesus são o núcleo do evangelho pregado por Paulo. As comunidades por ele fundadas veem na ressurreição de Jesus seu reconhecimento como Senhor, o Cristo (Rm 1,4;8,34). É o Cristo, o ressuscitado quem dá o Espírito e o dom do serviço. A missão de anunciar Jesus morto e ressuscitado parte do pressuposto que a fé na ressurreição não é uma invenção humana, mas revelação gratuita de Deus (Gl 1,1-16). Em 2Cor 3,17, Paulo afirma a relação intrínseca entre

o Espírito, o Senhor e a liberdade. A graça ofertada por Jesus em toda sua vida depois de sua ressurreição está indissolivelmente ligada à ação do Espírito (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 40). Jesus ressuscitado está presente na vida das comunidades. Esta presença é graça, é dom de Deus.

Schillebeeckx aponta, seguindo os dados estatísticos, que Paulo é quem mais utiliza o termo grego *χάρις* (*charis*)²⁴ para designar a Graça de Deus. Ele afirma que encontramos a palavra *charis* no corpus paulino cerca de cem vezes e neste ela se torna um conceito teológico. Paulo acredita que há uma relação direta entre a Graça e a verdadeira doutrina, o conhecimento de Deus e o que procede de Deus. A Graça está estreitamente relacionada com a justificação do ser humano. Por ela, pelo sacrifício expiatório de Jesus, o ser humano pecador é justificado perante Deus. A justificação entra no espaço do mistério dos dons que Deus concede à humanidade por meio da pessoa do Filho. O teólogo belga comenta, inspirado pela carta de São Paulo aos Gálatas, que

charis é o conhecimento e a doutrina (o que se refere à salvação e à conduta moral) recebidas através da revelação (para Paulo em e através de Cristo). [...] a graça é a doutrina da salvação transmitida aos apóstolos pelo Pai através de Jesus, ou seja, a doutrina da eleição de todos os homens em Jesus Cristo (1982, p. 109-110).

No desenvolvimento de seu evangelho, Paulo apoia-se na eleição amorosa de Deus, inclusive para os pagãos. Para aqueles que recebem o Cristo, e na fé dizem sim a Deus, afirma que pertencem ao universo salvífico e são filhos de Deus. Muitos passam também ao ministério que é fruto da Graça. Estes se colocam, como Paulo, a serviço da pregação, cujo conteúdo fundamental é o anúncio de que Jesus, o crucificado, é o ressuscitado, aquele que passou pela morte e a venceu, foi exaltado e seu nome elevado. Com o Mistério Pascal de Cristo, concebe-se que Deus se fez homem para enaltecer a humanidade e operar a reconciliação universal.

Paulo apresenta a justificação do ser humano pela reconciliação definitiva da morte expiatória de Jesus Cristo. A justificação da humanidade se dá pela Graça ofertada por Deus por meio de Jesus, não pela Lei. Jesus é a única via da salvação de Deus que acolhe os

²⁴ Schillebeeckx afirma que o termo *charis*, ao longo da teologia paulina, sofre uma evolução: “se no princípio Paulo utiliza este termo com o significado normal que o dá o vocabulário grego, em um determinado momento o converte na palavra chave com que se refere ao acontecimento salvífico de Deus em Jesus” (1982, p. 105).

seus e os chama por pura Graça. Na carta aos Gálatas, há uma oposição entre a teologia da Graça e a teologia da Lei. O cristianismo pregado por Paulo tem como fundamento a eleição pela Graça de Cristo e não pela posse da Lei. Deste modo, “Cristo ressuscitado é para Paulo a *charis* de Deus” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 115). Somente Deus justifica e salva, o cumprimento da Lei por si só não promove salvação. A salvação não vem pela Lei, senão pela fé em Jesus Cristo. “Paulo recusa a observância da lei enquanto princípio salvífico. Enquanto princípio salvífico, também Cristo exige uma vida ética consequente e demonstrada com obras” (*ibid.*, p.116). Assim, Paulo não ignora a Lei e a conduta ética. Faz-se necessário uma vida ética, as obras exprimem a fé, mas por elas mesmas não promovem a salvação, o que realmente salva o ser humano, que sempre está na condição de pecador, é a livre ação da Graça de Deus em favor da humanidade que crê (cf. *ibid.*; p. 113-118).

Ainda no contexto do debate que Paulo realiza a respeito da relação entre Lei e Graça, ele afirma que o cristão batizado não está mais sob o regime da Lei, mas da Graça. Na carta aos Romanos²⁵ Paulo esclarece seu pensamento a respeito da redenção do ser humano. Ela não se dá pelas obras realizada para cumprir a Lei. A redenção se dá somente pela Graça misericordiosa de Deus. A redenção vê sua plenitude na cruz de Jesus, no sofrimento do justo a favor de toda a humanidade caída. Deus justifica pela fé o ser humano pecador, que passa a viver na justiça. E “a verdadeira justiça consiste em pertencer a Jesus, confessar a Jesus como Cristo, ressuscitado da morte” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 137). Foi pelo pecado do homem que Jesus, o Santo de Deus, passou pela morte cruenta para que este viva no tempo da graça.

Nesta epístola, Paulo anuncia a vida dentro do domínio da Graça. O amor de Deus para com o ser humano não é quantificável, mesmo enquanto pecadores e mais ainda depois da justificação pelo sangue de Jesus Cristo. Paulo desenvolve o debate a respeito do velho homem e do novo homem. Ele faz a contraposição entre pecado e graça, entre o velho Adão e o novo Adão. Pelo pecado de Adão a humanidade ficou maculada pelo mal e por causa dele sofre, necessitando assim da Lei para reger sua vida. Pelo sacrifício obediente de Jesus os homens receberam a Graça da cura, da vida e da liberdade de filhos. Nosso autor afirma que nesta relação Adão-Jesus “temos o tipo e o antítipo do díptico: universalidade da desgraça imputável a um primeiro Adão perante a universalidade da salvação presente no segundo

²⁵ Schillebeeckx afirma que na carta aos Romanos Paulo desenvolve uma teoria cristã da Graça e o tema da carta está contido em Rm 1,16b ao falar sobre o que é o evangelho Paulo afirma que: “ele é força de Deus para a salvação de todo aquele que crê”. Estes, não importa se judeu ou pagão, participam da salvação (cf. 1982, p. 139).

Adão, Cristo” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 141). Estes dois homens marcam dois diferentes *éons*. O primeiro (Adão), o do pecado universal, por um só homem todos se tornaram pecadores, o segundo (Jesus), o da Graça, justificação. Assim como pela desobediência de Adão todos os homens foram marcados para a morte e pelo sofrimento, pela obediência de Jesus Cristo, a humanidade recebe vida, justificação, perdão dos pecados, salvação (vitória sobre a morte). O perdão dos pecados só pode ser dado por Deus e Ele o faz mediante a morte expiatória de Jesus. Deste modo, o ser humano é justificado pela infinita generosidade de Deus (cf. *ibid.*, p. 140-143).

O ser humano liberto dos grilhões do pecado, do sofrimento e da morte passa a viver na Graça. Esta vida deve provocar uma resposta adequada ao dom recebido. O ser humano deve louvar a Deus que o criou e mais ainda aquele que recebeu o batismo, visto que por este ele é recriado e inserido em uma comunidade de fé. Pela morte de cruz de Jesus, os cristãos foram libertos do pecado e, por todo o Mistério Pascal, recebem a condição de filhos adotivos, todos reunidos em torno da memória dos acontecimentos pascais. Todos estão comprometidos em promover a paz e a viver como irmãos. Os cristãos, reunidos em comunidade, formam a Igreja de Jesus Cristo, que é o Senhor, a cabeça que governa e dirige a comunidade rumo ao perdão dos pecados, à vida nova no Espírito.

A comunidade dos cristãos é a Igreja de Jesus Cristo. Ela é um espaço aberto para todo ser humano crente, é também mediadora da salvação vinda de Deus. Em Igreja forma-se uma nova humanidade implicada na tarefa de promover a paz universal, um dos frutos do amor misericordioso da divindade. Acredita-se que “a Igreja é o espaço de salvação, nela estão reconciliados judeus e pagãos, formando a nova humanidade que prefigura o que deve ocorrer no mundo” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 199). A reconciliação trazida por Jesus é para todos, ela não é excludente. Ela é o dom da salvação, é o fim do sofrer e o início da vida nova no Espírito.

As comunidades paulinas de Colossos e Éfeso afirmam que Cristo é a cabeça da Igreja, o seu princípio vital, que proporciona a ela vida e energia sempre renovadas. Como consequência da presença viva de Cristo na Igreja, ela o anuncia como Senhor de todos os povos. Na e em Igreja os homens encontram perdão dos pecados, alívio das angústias, cura e liberdade. Cristo é a cabeça, a comunidade o corpo que em seu agir deve seguir aquele que a rege. Na imitação de Jesus Cristo os cristãos devem promover a cura, a inserção, a vida nova na Graça, visto que esta é o princípio da ação salvífica de Deus (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 177-178.202).

Assim, conclui-se que para as comunidades paulinas, Jesus é o Cristo, o eleito de Deus. Aquele que abraça livremente a humilhação e despoja-se de sua condição divina assumindo a carne. Assim o fazendo demonstra que o sofrimento pode ser vencido no hoje da história. Jesus entra na história humana e transforma a exclusão e o sofrimento em vida nova. Jesus assumiu em tudo a condição humana para promover libertação e trazer Graça para os pequeninos. Em relação a esta querosse de Jesus, nosso autor afirma que “a profunda humilhação de uma existência humana já humilhada, ou seja mediante a aceitação por parte de Jesus do tabu mais horroroso daquele tempo: a morte de cruz” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 165), trouxe para todos os povos liberdade e felicidade.

Para Paulo, liberdade e felicidade são dons salvíficos ofertados por Cristo no Espírito. Estes dons se relacionam com a Graça, que é também eleição e comunhão de vida com Deus por meio de Jesus Cristo na força do Espírito Santo. O teólogo dominicano afirma que, para Paulo, a graça é

a luz de todos os *goyim*, “luz do mundo”, é Jesus enquanto Cristo, ou seja, o ressuscitado da morte, o vivente. *Charis* é a revelação – no tempo – do mistério e da vontade salvíficos preparados por Deus desde toda a eternidade e, ao mesmo tempo, a força para aceitar esse mistério da revelação e cumprir as exigências éticas que derivam do mesmo na práxis. Em outras palavras: *charis* ou graça, no sentido paulino, é *conhecimento* “sobrenatural” do mistério da salvação, ou fé em tal mistério, e uma *força* ética; ambos, mediante o perdão dos pecados e a justificação, selados pelo batismo, fazem do homem uma nova criatura (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 168).

Os cristãos, desde os primórdios de sua formação como o novo povo de Deus, formados como novas criaturas pelo batismo, anunciam o evento salvífico Jesus de Nazaré. Na vida em Igreja encontram o perdão dos pecados e a liberdade de todo mal e opressão. Eles anunciam com força revigorada, pelo Espírito, que Jesus é o justo que sofreu em favor da humanidade. Na fé expressa pelo amor fraterno, proclama-se que toda ação de Jesus é salvífica. Nele, todos podem encontrar a graça, a salvação, enfim, alívio para todo e qualquer sofrimento que caia sobre a criatura.

3 A releitura da ação de Jesus – o sofrimento do justo em favor dos demais

A vida de Jesus esteve dirigida a toda a humanidade. Por ela, ele sofreu, por ela, ele morreu. Jesus, o justo, teve um fim dramático, violento, escandaloso. Este sofrimento deu novo sentido a todo tipo de opressão pela qual passam os homens de todos os tempos. O sofrimento imerecido adquire em Jesus, o Cristo, uma dimensão de Graça, visto que “o sofrimento, ainda que enquanto tal é uma experiência negativa, pode transformar-se em ‘compartilhar os sofrimentos de Cristo’” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 516). Com Jesus, sofrer é também participar de seu martírio e por meio dele abrir a expectativa de uma vida renovada.

A vida de Jesus de Nazaré provocou tamanho impacto nos “com Jesus” que eles encontraram somente em títulos de soberania a resposta apropriada para compreender como um ser humano justo padece tamanha humilhação. Os títulos dados a Jesus como Cristo, Senhor, Filho do Homem, foram a maneira de expressar tudo o que aqueles galileus experimentaram na pessoa de Jesus. Tais títulos formam o cerne da fé, ao mesmo tempo que estão relacionados à leitura dos “com Jesus” do sofrimento doado, à oferta de salvação da parte de Deus e à experiência que eles fizeram desta salvação (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 39)

A Primeira carta de Pedro faz uma leitura do sofrimento de um que é justo no lugar do pecador. Jesus é o Justo, aquele que agiu retamente, em tudo seguiu os desígnios de Deus. Em seu caminho de vida, ele encontrou sofredores, e o sofrimento próprio. Ele não o recusou. Acolheu a dor, se tornou o verdadeiro servo sofredor. Em silêncio e oração segue o caminho da cruz. Jesus se faz solidário do destino dos homens. É por seu amor aos homens e a Deus que ele é reconhecido como o Cristo, o salvador. Sua morte é expiatória e promove a vida para todos os homens, tanto inocentes como culpados, enquanto destrói a estrutura do pecado. Ela se insere na história da salvação, revelada como dom e Graça movidos pela ação contínua do Espírito doado pelo Pai e pelo Filho. Espírito que só o Cristo exaltado pode enviar, como pura Graça, como dom de Deus.

3.1 A primeira carta de Pedro

Para Schillebeeckx, a primeira carta de Pedro traduz a experiência que os cristãos fizeram da morte cruenta de Jesus e como eles interpretaram todo o evento Jesus de Nazaré, proclamado o Cristo de Deus. Jesus é aquele que, com seu sangue, oferece vida nova. O sofrimento de Jesus é em favor dos vivos, daqueles que creem. O teólogo antuerpiano demonstra que a primeira carta de Pedro é categórica quanto à questão do sangue derramado, o sangue precioso que veio como resgate da vida passada. Jesus é o cordeiro sem mancha que traz ao mundo a graça de Deus. Ele afirma que

a paixão e a morte de Jesus, entendidas como morte expiatória, são propostas como modelo aos cristãos que sofrem.[...]. Na primeira carta de Pedro, o Cristo sofredor ocupa o ponto central como modelo para os cristãos que sofrem (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 213-214)

Em um contexto de perseguição e sofrimento dos cristãos, o autor da carta enfatiza a Paixão e a Morte de Jesus como modelo para que os fieis possam ressignificar seus sofrimentos do presente. Onde “a morte expiatória e a ressurreição de Jesus são, sem dúvida, a ‘fé apostólica’ em que se apoia toda a primeira carta de Pedro” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 214). A fé que move as comunidades, anunciada pelos apóstolos na pregação do Evangelho de Jesus Cristo, é uma fé viva, que passa pelo sofrimento, mas chega à plenitude da presença de Deus. A carta afirma que é melhor sofrer pelos demais do que pela própria culpa. A morte de Jesus é em benefício dos pecadores. Jesus é a graça da salvação em Deus.

O escritor dominicano demonstra, em sua cristologia, que falar do sofrimento do justo é reconhecer, simultaneamente, o esquema soteriológico no qual as comunidades cristãs viveram. No entanto, os primeiros escritos cristãos quase não falam da salvação ou da redenção pelo sofrimento. Ele afirma que se encontra em 1Pd 2,21-24 um hino muito antigo sobre a divindade de Jesus e o reconhecimento da salvação ou redenção por ele realizada (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 286). Este hino relata que foi pelo sofrimento do justo, pelas feridas em sua carne, que a humanidade recebeu a cura benfazeja da salvação:

com efeito, para isto é que fostes chamados, pois que também Cristo sofreu por vós, deixando-vos o exemplo, a fim de que sigais seus passos. Ele não cometeu nenhum pecado. Sobre o madeiro, levou os nossos pecados em seu

próprio corpo, a fim de que, mortos para os nossos pecados, vivêssemos para a justiça. Por suas feridas fostes curados (1Pd 2,21-22a.23-24).

A vida de Jesus de Nazaré, o Cristo, torna-se o modelo para os cristãos que sofrem. Jesus vem em resgate da humanidade perdida, que se encontrava como ovelha sem pastor. Ele porta a graça de Deus. A graça é a salvação que vem de Deus por meio de Jesus, o cordeiro imolado que derramou seu próprio sangue em favor dos demais. Este fato, do sofrimento do justo em favor da humanidade, é o cerne a teologia/cristologia de Pedro. A primeira carta de Pedro apoia-se no Mistério Pascal de Jesus e lê sua morte e ressurreição como eventos contínuos e como fator de redenção para toda humanidade que crê.

Em 1Pd 2,12 encontra-se a afirmação de que os cristãos devem agir com mansidão e retidão no portar-se perante os demais, o que Schillebeeckx lê como a temática do servo sofredor. O justo que sofre em favor dos demais e com seu exemplo de vida traz novas conversões. O sofrimento dos cristãos se insere no sofrimento maior de Cristo que sofreu pelos pecados da humanidade, o justo que sofre em favor de muitos. Este é o sofrimento que gera conversão e salvação. O sofrimento salvífico é em favor de todos, inocentes e também culpados. Onde “o inocente pelos culpados, de modo que, através desse sofrimento imerecido, os culpados (que merecem certamente sofrimento e castigo) são levados ao arrependimento e a Deus” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 217). O sofrimento do justo não é para a glória pessoal, mas para o benefício daqueles que necessitam de salvação. O poder expiatório da morte de Jesus é universal.

O sofrimento de Jesus, o sangue derramado foram para a libertação da humanidade por pura graça de Deus, “Pois sabeis que não foi com coisas perecíveis, isto é, com prata ou com ouro que fostes resgatados, mas por sangue precioso, como de cordeiro sem defeitos e sem mácula, Cristo” (1Pd 1,18a.19). O sangue limpo do cordeiro, aquele proclamado Cristo e portador da graça de Deus, resgatou não só aqueles que disseram sim à oferta de salvação que ele trouxe com seu Mistério Pascal. A salvação ofertada por Deus para a humanidade inclui os membros da antiga Aliança, aquela estabelecida com Abraão e sua descendência, e também aqueles que aparentemente não responderam ao chamado da nova Aliança. Assim afirma Schillebeeckx, que há “uma pregação da salvação que Jesus, depois de sua morte, se dirige a todo o mundo dos mortos” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 222). O resgate de Jesus, a morte expiatória, não se fecham a um grupo de eleitos, mas é graça para toda humanidade, visto ser o sofrimento de Jesus o sofrimento imerecido do justo em favor dos homens.

Na análise sistemática que Schillebeeckx realiza da primeira carta de Pedro, ele destaca que o sofrimento de Jesus é imerecido. Jesus é o justo que sofre, é aquele que carrega em si as dores do mundo. Jesus é o justo que sofre em favor de muitos, por causa de alguns que no lugar de fazerem o bem, seguindo a Lei, agem mal. Assim, o sofrimento de Jesus é provocado pela injustiça de outros, bem como o da comunidade petrina, que sofre e passa por grandes tribulações. Pedro procura demonstrar que este sofrimento imerecido é agradável a Deus, visto que ele é “padecer pelos demais e expia o mal feito por outros” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 215). Alguns expiam os pecados dos outros. E esses encontram graça diante de Deus. Mas, faz-se necessário ter em mente que o sofrimento imerecido não é graça, não vem de Deus e sim da realidade humana, em sua maioria corrompida pelo pecado e afastada da graça benevolente de Deus (cf. *ibid.*, p. 623.624).

A primeira carta de Pedro aborda o tema do sofrimento de Jesus Cristo em favor da humanidade, ao mesmo tempo em que demonstra que a ação de Jesus é modelo para a vida cristã. Nosso autor afirma que “o tema da primeira carta de Pedro é a *imitatio Christi*, o ‘seguimento de Jesus’ dos sinóticos” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 216). O cristão deve seguir o caminho de Jesus Cristo, estar disposto a aceitar o sofrimento imerecido em favor dos outros. Jesus, um inocente, subiu até a cruz por nossos pecados. Pedro não coloca aqui a questão do sofrimento vicário, mas um sofrimento em favor da humanidade, que deve ser imitado pelo que crê. Na vida concreta de Jesus e da comunidade, o justo deve sofrer para alcançar a conversão de outros, pagãos e judeus, não adeptos à fé cristã.

Por fim, Schillebeeckx conclui que a chave hermenêutica para compreender toda a primeira carta de Pedro é o que está escrito em 1Pd 3,17: “pois será melhor que sofráis – se esta é a vontade de Deus – por praticardes o bem do que praticando o mal”. O sofrimento do justo nunca fica sem resposta. Deus ratifica com sua graça o mal que fora causado pela injustiça de outros. Há aqui uma relação com o pecado pessoal e com a conduta que escapa ao modelo ético do Reino de Deus, que causa opressão, escravidão e sofrimento aos demais. O sofrimento merecido é castigo pelas próprias ações, não é graça nem honra, simplesmente paga o ato injusto cometido, ele repara a falta que promoveu injustiça (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 215). No entanto, sabe-se que o Deus de Jesus Cristo é pura misericórdia e se comove com o sofrimento humano. Deus quer vida para sua criatura. Assim, oferece sua graça, a remissão pelo sangue de Cristo e envia o Espírito Santo para guiar a vida dos crentes em Deus, uno e trino.

3.2 A inseparável relação entre Graça, Cristo e Espírito

Schillebeeckx afirma que a graça de Deus se manifestou e se fez visível no mundo pela pessoa do Filho, “o homem Cristo Jesus é a manifestação da graça de Deus no mundo” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 286). Esta graça manifestada na história em Cristo, por meio da ação direta do Espírito Santo, é salvação para toda a humanidade²⁶. O Deus que doa seus dons e concede sua graça à humanidade é o salvador, o misericordioso que sempre age em favor da criatura, curando-a, salvando-a. Ele permite que todos vivam em comunhão com Cristo, pelo Espírito, na sua Graça.

A afirmação de que “cristão é quem tem a convicção de que a salvação definitiva provém de Deus e nos é oferecida na pessoa de Jesus, e que essa convicção fundamental cria comunhão, na graça de Deus” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 24) espelha a unidade que existe entre a graça de Deus e Jesus. Neste sentido, ser cristão está tanto em relação com a proclamação pós-pascal de que Jesus de Nazaré é o Cristo ao mesmo tempo em que se crê que ele é o portador da salvação. Ele é o alívio para qualquer forma de sofrimento. Jesus é a cura e, inseparável de sua presença contínua na vida da comunidade, é a oferta do Espírito, o Paráclito e a Graça. Esta presença move a comunidade a ser sempre mais humana e portadora de bênção na vida de seus membros.

A graça pascal é fruto do envio do Paráclito por Jesus e pelo Pai, ela é “o dom pascal, permanente e sempre novo, que o ressuscitado confere à sua comunidade, o processo de santificação dos seus” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 409). Pela graça ofertada, o ser humano, pecador e finito, é santificado, recebe novo significado para sua vida. As comunidades vivem da lembrança do acontecido com Jesus e transmitem esta lembrança. Visto que

O único conhecimento que temos sobre o que aconteceu com o Cristo chegou até nós o que foi concretamente vivido nas primeiras comunidades cristãs. Elas experimentaram dentro de si uma vida nova que atribuíram ao *Pneuma*: foi um dom do Espírito; foi a experiência de uma vida nova, dominada pelo Espírito, mas lembrando Jesus (*id.*, 2008, p. 38).

²⁶ O autor belga afirma que só há um espaço para a realização ou não da salvação, e este é o que ele denomina de “história profana”. A salvação é dom, é oferta de Deus para a humanidade que pode aceitá-la ou recusá-la, mas somente no espaço vital, temporal em que todas as pessoas se encontram inseridas (cf. SCHILLEBEECKX, 1994, p. 29).

Os relatos sobre Jesus são relatos de fé, onde “o Espírito e o lembrar-se de Jesus, são experienciados como unidade” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 39). A morte escandalosa na cruz, em uma primeira aproximação, parece des-graça, a ausência total de Deus e do dom da Graça. Mas a história subsequente revela que a morte de cruz foi na realidade uma elevação que, seguida pela ressurreição, são os momentos em que muitos viram a entrega do dom da vida e do Espírito. Depois da desesperança com a Paixão de Jesus, vem a alegria de uma vida nova, centrada na presença do Espírito e na Graça sempre presentes na comunidade. Seguindo a narrativa do Evangelho segundo São João, Schillebeeckx afirma que, com a morte de Jesus há o envio do Espírito. Este é enviado pelo Pai e pelo Cristo como fonte de vida para as comunidades. É na graça de Deus que o Espírito é reconhecido com dom de vida e acolhido pelas comunidades (cf. *id.*, 1982, p. 397).

A presença do Espírito na vida cotidiana das comunidades leva-as à percepção da presença da Graça que é a salvação, a cura que se recebe por meio de Cristo. Esta percepção da relação inseparável entre Cristo-Espírito-Graça provocou nas primeiras comunidades a certeza de serem elas a reunião do novo povo de Israel, o novo povo de Deus. Um povo reunido em torno da fé em Jesus e aberto a toda a humanidade que se vê renovada pela paz universal ofertada por Deus aos seus. Estas comunidades professam a fé, formulam afirmativas cristológicas baseadas na fé na ressurreição e na graça. Assim, “a tradição cristã diz que a fé em Deus é dom da graça” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 112). A fé que surge é uma fé madura, expressa pela convicção de que o amor de Jesus para com a humanidade é grande de tal modo que entrega sua vida na cruz, expressando que ele também vive no tempo da Graça. Visto que ela já estava presente na vida de Jesus, em seus atos e em sua mensagem.

A graça sempre presente na vida de Jesus age posteriormente na vida dos “com Jesus” e segue a esteira histórica. Ela atua na vida de cada ser humano, mas seu modo de agir não é uniforme nem opressivo. A graça de Deus age de diversas formas e livremente. Cada ser humano é livre para acolhê-la ou mesmo recusá-la. O cristão acolhe a graça proveniente do Cristo pela ação do Espírito que o impulsiona a sempre ser mais. Este mais no agir do cristão está relacionado com o reto agir, com a verdade, a justiça e o amor. Schillebeeckx afirma a existência de um mistério que perpassa toda a relação entre a vida na graça e o agir humano nos seguintes termos:

O verdadeiro mistério está, todavia, na própria realidade humana, como mistério de justiça e fidelidade à graça em ações humanas de condução da vida e decisão, e como injustiça lá onde a condução da vida e as decisões

negligenciaram os órgãos mediadores do Espírito Santo ou foram interpretados de acordo com o próprio interesse (1994, p. 270).

A graça de Deus é dom do Espírito Santo e deve ser vivenciada de modo pleno a favorecer a libertação de todo gênero humano. Seus frutos não devem ser usados somente para o próprio interesse, devem ser repartidos na comunidade, na Igreja de Jesus Cristo, na experiência eclesial de fé. É importante esta vivência eclesial porque a Igreja é, segundo Schillebeeckx, a mediação histórica da graça de Deus (cf. SCHILLEBEECKX, 1994, p. 269). A Igreja de Cristo vincula-se à livre iniciativa de Deus. Deus reúne seu novo povo em comunidade que vive em continuidade à missão do Filho na vida do Espírito e na graça de Deus. “O Espírito é, portanto, o princípio cristão de vida” (*id.*, 1982, p. 413). Ungidos pelo Espírito os discípulos se puseram a ensinar e a perdoar os pecados, e movidos pelo Espírito os cristãos de hoje vivem em comunhão e graça uns com os outros e com Deus.

Na realidade eclesial há uma imbricada relação entre Cristo, Graça e Espírito. Cada um deles interpenetra a vida do outro e juntos a vida da comunidade sem, contudo, perderem a própria identidade e funcionalidade. Juntos trazem redenção e salvação para a humanidade. Tudo está relacionado com o homem Jesus e seu Mistério Pascal. O Espírito que o ser humano recebe é o Espírito do Filho, ele o dá em graça em caridade/solidariedade para com a humanidade que se reúne em comunidade de vida, visto que

A ressurreição de Jesus, o envio do Espírito, o surgimento da assembleia cristã de Deus como Igreja de Cristo que vive do Espírito, e o testemunho do Novo Testamento sobre todos estes eventos e, sendo assim, a fé na ressurreição *definem-se* reciprocamente sem contudo poderem se identificar (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 173).

Todo evento Jesus de Nazaré fundamenta a proclamação pós-pascal do Cristo, mas isto se dá por dom, pela ação do Espírito e da Graça. Juntos formam uma unidade salvífica, mas, como nosso autor afirma, não há uma fusão de identidade. Eles agem juntos, mas cada um deles mantém seu papel na história humana. O Cristo de Deus é o modelo de vida e conduta para todos aqueles que aderem à comunidade, é o Senhor que rege a todos. A Graça é a experiência do amor benevolente e redentor de Deus para com a criatura, é o convite contínuo de participar em comunhão de vida com Deus. O Espírito tem a função de ensinar, ele move/impulsiona o cristão para a vida plena, resgatada, perdoada, livre. Assim, a

Graça é uma nova vida, preparada por Jesus Cristo e plenificada pela presença do Espírito (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 453-454).

Enfim, afirmamos que para Schillebeeckx não há como dissociar Cristo, Espírito e Graça. Dentro do novo projeto salvífico inaugurado na história com o evento Jesus de Nazaré esta tríade se faz presente constantemente na vida dos cristãos. É uma presença que liberta e promove vida nova e comprometida. A vida na graça requer uma postura ética perante as realidades do mundo. Assim,

a graça, realidade viva pertencente a Deus e procedente dele – que se nos manifestou em Jesus e veio até nós como dom do Espírito por meio de Jesus ressuscitado –, é, no Novo Testamento, também uma realidade que possuímos e que vive em nós [...] Com efeito, a graça de Deus faz ao homem verdadeiramente um “novo ser” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 518).

Este novo homem, transformado pela graça de Deus, é convidado a viver uma vida santificada. Deus fez sua Aliança com a humanidade e deseja-a remida, livre, onde uns se comprometem com a plena realização da humanidade dos outros. Deus resgata os seus e pela inseparável relação entre Graça, Cristo e Espírito, toda dor, todo sofrimento adquirem novo sentido. A possibilidade de dar um novo sentido ao sofrimento, permite ao ser humano perceber na condição limitada, finita e sofrida de sua existência a revelação de Deus.

4 O sofrimento humano e a revelação de Deus

Deus se revela ao ser humano como plenitude de misericórdia e amor. Deus quer e é a salvação para homens de todos os tempos. No entanto, ele confia ao próprio homem a luta contra os poderes do mal. Percebe-se que o sofrimento humano possui, ao longo da história, diferentes facetas e as pessoas encontram as mais diversas respostas para tal condição. Muitos encontram na possibilidade de salvação o alívio para suas dores. Para o cristão, o crivo da possibilidade de salvação é Jesus Cristo. Ele é a salvação, a revelação de Deus naquilo que de mais essencial o define: amor, redenção, gratuidade. Para Schillebeeckx, Deus não é acessível fora da justiça e da liberdade. Ele afirma que

Deus e o seu agir na criação e na aliança excedem as categorias de necessidade e contingência e também da liberdade criada de escolha: seu ser

e seu agir são absoluta liberdade [...] A face humana de Jesus ... é revelação do Deus inefável (1994, p. 135).

O agir de Deus na história humana é sempre em favor da promoção da vida, da liberdade. O ser humano pode permanecer passivo em relação a diferentes tipos de opressão, visto que “é possível aceitar passivamente, com toda serenidade e talvez disposição ao sacrifício, toda miséria do mundo, mas não se pode permanecer passivo quando ‘outros’ são atingidos por este sofrimento e esta violência” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 131). Onde age a miséria, a dor, a exclusão e a corrupção Deus age com força contrária. Ele se revela na história salvando e deseja uma liberdade libertada e sadia para todos os homens.

4.1 A história humana em direção à libertação

A história humana é marcada por sofrimentos e fatalidades.²⁷ A finitude, como condição inerente a toda criatura, gera angústia e dor. É justamente nesta história sofrida que Deus se revela como dom misericordioso e graça. A encarnação do Filho trouxe ao ser humano novo status, a saber: o de filhos de Deus. O movimento iniciado por Jesus insere toda a criação no plano salvífico do Pai rumo à libertação de todo tipo de opressão. Em diferentes momentos da história, a busca por respostas às questões relacionadas ao mal e ao sofrimento encontraram lugares diferentes para se apoiar. No passado era na religiosidade e na fé, com o avanço científico, as ciências intentaram responder e apreender todos os campos da vida humana.

A modernidade, com toda sua tecnologia, afastou os homens do primeiro caminho de fé e quis ser a resposta para qualquer tipo de situação. Schillebeeckx afirma que “ciência e técnica podem fazer prodígios, quando postas a serviço da liberdade de outros e, por fim, a serviço de toda a solidariedade humana” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 19), mas as ciências não existem por si mesmas, elas são instrumentos criados e manipulados pelos homens e muitas vezes instrumentos de poder, onde “saber é poder, mas poder nas mãos de liberdade não-libertada, de vontade de poder, de egoísmo pessoal ou coletivo e da própria segurança, é,

²⁷ Hoje em dia vive-se em um mundo plural, tem-se contato tanto com fatos edificantes quanto com fatos chocantes. A história humana está marcada indelevelmente pelo mal e pelo sofrimento por ele provocado. O sofrimento inocente coloca em risco a liberdade de cada ser humano. As fatalidades contrastam com a via de salvação e para tais fatos não se encontram nenhum tipo de explicação racional (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 626).

segundo o seu ser, caminho para a perdição” (*ibid.*, p. 19). E como se vê continuamente, os instrumentos tecnológicos e os avanços técnico-científicos são manipulados e não respondem satisfatoriamente a todos. Então “ciência e técnica, outrora celebradas como libertadoras da humanidade, sujeitaram o homem a novo tipo de fatalidade escravizadora, social e historicamente” (*ibid.*, p. 20).

Se as ciências e a técnica não respondem mais aos anseios do existir humano, resta aos homens uma tentativa de resgate de valores passados. Desde muito cedo na história, o ser humano aporta sua expectativa de vida digna em Deus. Com o fenômeno Jesus de Nazaré, parte-se para a crença definitiva de que Deus é a fonte de toda a esperança. Ele age na história, não está para além-da-história, mas inserido na realidade comum de cada ser humano. É na vida concreta dos homens que Deus é percebido como libertação pessoal e, além disso, social. O ser humano não vive à parte do mundo. O cristão também não. Ele interage com a realidade mundana e nela vive sua fé no Deus vivo, real e libertador. O Deus de Jesus Cristo é libertação em todos os sentidos: sócio-político-pessoal (cf. SCHILLEBEECKX, 1994, p. 51.86).

É interessante notar que o ser humano pós-moderno ocidental busca por meio de diferentes práticas que produzam conhecimento do mundo, do outro e de si, a libertação. Schillebeeckx assegura que a criatividade humana é fator de libertação, mas ela deve ser conciliada e “incorporada à esperança cristã, fundada por sua vez na própria criatividade salvífica de Deus” (1982, p. 751). E assim, os cristãos de hoje refazem o caminho da fé e buscam em seus primórdios a essência que motivou os primeiros seguidores de Jesus, o verdadeiro impulso para suas vidas. Cada vez mais percebe-se que é o Espírito quem possibilita a autêntica confissão de fé: Jesus de Nazaré é o Cristo, é ele quem possibilita a participação no Reino de Deus e promove vida libertada de toda forma de escravidão (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 464-465). Dentro desta realidade cada ser humano pode participar de um verdadeiro processo de conversão, nele apostando, o sentido último de sua existência, sua felicidade e sua liberdade.

Diferentes interpretações foram dadas para a expectativa de salvação como um ideal antropológico de felicidade e libertação. Uma das mais correntes na teologia cristã é a dos primeiros Padres. Nosso autor afirma que para os Padres é o conhecimento da palavra pregada e, mais ainda, a obediência a ela que conduz a humanidade à libertação do pecado, do sofrimento, da morte. O ser humano liberto chega à comunhão com Deus. Os Padres acreditam no que denominaram de “pedagogia divina”. Esta se dá no processo histórico e seu

auge é a pessoa de Jesus Cristo, o educador por excelência (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 566). Neste sentido, Schillebeeckx comenta que dentro da possibilidade de uma confusão entre a pedagogia divina e a pedagogia grega, os Padres demonstraram que a salvação e a libertação do ser humano provêm de Deus, deste modo, eles

quiseram salvaguardar a pedagogia salvífica de Deus em Cristo: de um lado, Deus, e somente ele, é a única *fonte* de salvação total do ser humano, de redenção e libertação; de outro lado, o lugar onde essa redenção e salvação se tornam realidade é no homem histórico dentro do acontecer do cosmo (2008, p. 567)

Deus age na história humana em seu presente. Ele é libertação para aqueles que estão oprimidos, escravizados, não no passado, mas no aqui e agora de suas vidas. A presença viva do Deus Trindade se faz em meio à comunidade pela ação da graça. Esta é percebida como libertação de todas as esferas do mal e permite ao ser humano vida nova. Ela possui diversas formas de expressão. Dentre elas, a salvação e a redenção. Estas são a percepção de que Deus, em Jesus Cristo, é o único benfeitor da humanidade (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 467). A salvação é libertação e o “cristianismo neo-testamentário [...] fala da salvação de Deus em Jesus Cristo em termos de liberdade e libertação de qualquer alienação e escravidão. A graça de Deus em Jesus tem como fruto ‘a liberdade dos filhos de Deus’” (*ibid.*, p. 483). A redenção é libertação para a vida no amor e na paz, consigo e com o próximo.

O ser humano busca por libertação em todas as esferas de sua vida, na relação com Deus, com outros humanos, enfim, com toda a sociedade. Assim, percebendo que a experiência do sofrimento perpassa toda a realidade da vida humana, o homem busca na práxis ética²⁸ um meio viável para erradicar o sofrimento e sua causa (o mal, o pecado...). A história do sofrimento não é linear ela perpassa de diferentes maneiras a vida dos homens. Os diferentes períodos históricos estão indelevelmente marcados. Alguns por trevas, outros por luz. Estes períodos revelam que a experiência do sofrimento perpassa a realidade humana. É a práxis, a conduta ética e comprometida com a liberdade de si e dos outros, que permite um vislumbre da possibilidade de acabar com o sofrimento e suas causas. De acordo com Schillebeeckx, a história do sofrimento é uma experiência de contraste que revela ao mesmo

²⁸ O cristianismo, no que se refere às questões éticas, procura livrar o ser humano que padece injustamente, que sofre opressão das estruturas sociais que levam à vida aética. A visão neo-testamentária é a do ser humano concreto, centrado em um momento histórico específico e se preocupa com a condição em que ele vive no hoje, no agora. A história presente, dentro da ética cristã, deve trazer em si a antecipação do reino escatológico de Deus (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 582).

tempo a vida sofrida de cada ser humano e sua busca incessante por felicidade, libertação, salvação, visto que

a experiência do sofrimento, exatamente enquanto vivência de *contraste* ou negatividade crítica, constrói uma ponte para uma possível praxe, querendo acabar com o sofrimento e com suas causas. [...] Pois, como experiência de *contraste*, a experiência humana do sofrimento supõe uma busca implícita de felicidade, um desejo de salvação, de sair são e salvo; [...] como experiência de contraste, a experiência do sofrimento implica indiretamente uma consciência da vocação positiva *do* homem e *para* o humano (2008, p. 628).

Mesmo em meio ao sofrimento, o ser humano pode perceber sua vocação para a felicidade, para a libertação de toda opressão. Ele coloca como meta de sua vida um futuro de verdadeira felicidade, salvação e liberdade. Nesta busca pode-se encontrar como horizonte de possibilidade a pessoa de Jesus de Nazaré como autêntica oferta de salvação e libertação, que se realiza na praxe da vida cristã (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 629). Jesus venceu o sofrimento, o mal, a morte. Ele demonstrou com sua vida o caminho para a libertação. Com a vitória, a libertação, sobre o mal ele foi proclamado Cristo e Ele é visto pelos homens, ao longo do tempo, como liberdade libertadora.

O ser humano busca por libertação interior (angústias, dor, sofrimento...) e exterior (alienação, escravidão social...). Há uma intrínseca relação entre esses dois tipos de liberdade. Os homens buscam continuamente seu espaço no mundo e neste, dentro da perspectiva de libertação, não pode haver conflitos entre liberdade interior e exterior visto que a liberdade libertada supera todo e qualquer tipo de distinção e dualismo que possa haver entre elas. A libertação é total e consiste na superação de todos os processos sócio-históricos que geram alienação, escravidão e opressão. Na incansável busca pela liberdade, o ser humano percebe a necessidade de libertação total: sua vida, seu mundo, sua história. Contudo, alcançar tal objetivo revelou-se uma tarefa muito árdua, visto que a vida humana é contingente, finita e está marcada por um “ainda não” (cf. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 630). A fé em Jesus Cristo, o viver a praxe e a mensagem libertadora de Jesus auxilia nesta incessante busca por salvação e libertação. Jesus é dom gratuito de Deus e demonstra o amor divino pela humanidade e que no amor de Deus e na vida de acordo com os valores do Reino todo ser humano pode encontrar a libertação que é possível mesmo na história marcada pelo sofrimento. Assim escreve nosso autor:

há para nós uma promessa de salvação, o ficarmos sãos e salvos, é possível para os humanos, e que em última análise a vida humana tem pleno sentido. A fé em Jesus nos torna possível afirmar em conjunto os dois aspectos inconciliáveis da nossa história humana: a salvação juntamente com o mal e o sofrimento; e baseando-nos em Jesus, dar a última palavra à salvação e à bondade, porque o Pai é maior do que todo sofrimento (2008, p. 631).

Na oferta de liberdade do Pai na pessoa do Filho compreende-se que o Mistério Pascal de Cristo é plenamente salutar para o ser humano. Ele é um dado que pode ser reinterpretado e averiguado por cada pessoa dentro de sua perspectiva histórica e social, que deve ser ouvido. Ouvir Cristo implica novo modo de agir do ser humano bem como produz perspectiva de um mundo melhor. Jesus trouxe libertação, redenção e “se trata de uma redenção dentro de um mundo ainda que deteriorado e enfermo” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 501). Este mundo é habitado por uma diversidade de pessoas, com suas diversas profissões de fé. Jesus, Senhor de todos os tempos, trouxe libertação não só para judeus ou aos que aderiram à fé no Cristo, mas para todo gênero humano. A este cabe a tarefa de compreender qual é a verdadeira libertação oferecida por Deus. Ao humano compete fazer que esta oferta se torne realidade, visto que “a libertação continua sendo uma tarefa que deve realizar-se na dimensão de nossa história humana” (*ibid.*, p. 501).

A história humana é intrinsecamente social e se desenvolve em sociedade e na sociedade. As questões sociais de outrora não mais refletem a dinâmica da vida pós-moderna. O drama hodierno é muito distinto daquele vivido pelos primeiros cristãos. O Novo Testamento demonstra uma vida cristã pautada na sensibilidade da vida na graça. O convite a viver no modelo de ação pregado por Jesus é constante. Mesmo na perseguição, o cristão deve viver no amor misericordioso, na partilha. Pensamos com Schillebeeckx que a vida dos primeiros cristãos tem como princípio motivador o ardente desejo de trazer até o mundo (marcado pela corrupção do pecado) a salvação que vem de Deus e que somente Ele pode dar (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 582-583). Esta salvação se tornou realidade histórica na pessoa de Jesus e os cristãos são convidados a imitá-lo no sofrimento e na doação de si em favor dos demais. O pensamento de nosso autor em relação à liberdade humana demonstra que cabe a cada um a tarefa de libertar a si e aos demais da escravidão, da opressão, enfim, de qualquer tipo de existir que gere sofrimento.

O sofrimento que a princípio revela des-graça nem sempre é pura negatividade, não é só fruto da alienação do ser pessoa, do ser em e para Deus. Em muitos casos, como ficou evidente no sofrimento de Jesus, ele pode ser força redentora, transformadora, que se

encontra em plano inalcançável para o imediatamente visível. Schillebeeckx pensa, como Santo Agostinho, que toda criatura foi criada para o bem. No entanto, com sua conduta pecadora, acabou trazendo o mal. Contudo, Jesus trouxe a libertação, nele “a redenção é, pois, uma liberdade *libertada para o bem*” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 679). O ser humano libertado por Jesus busca, continuamente, realizar em sua vida a libertação concreta e presente, realizar a plenitude da humanidade. Já que “homens crentes contemplan na história da libertação humana o rosto de Deus [...] Deus é o coração e a origem de todo movimento de salvação.” (*id.*, 1994, p. 24). Muitos cristãos tentam a partir deste fato um status de maior dignidade humana. No entanto “a fé em Deus ainda não faz os cristãos *mais humanos* que os outros” (*ibid.*, 1994, p. 24).

O cristianismo tem seu ponto de distinção, mas no que se refere à busca incessante por libertação, pode-se afirmar que é algo inerente ao ser humano. Ele vive em sociedade, na maior parte das vezes oprime e provoca sofrimento, mas a identidade pessoal do homem implica conviver com os demais. O ser humano busca interagir com os outros de sua espécie, cria normas que contribuam efetivamente no processo de libertação. Na relação com o outro cada um procura afirmar sua própria identidade e deve permitir que o outro também se afirme como um outro distinto. O mútuo reconhecer como pessoa abre espaço para o reconhecimento não só das limitações humanas, mas também das qualidades e, sobretudo, da dignidade de pessoa que cada um possui. De acordo com o autor belga, o ser humano é destinado ao encontro com o outro humano no mundo. Há uma intersubjetividade latente que permite a distinção de pessoas e a liberdade de cada um. Esta relação propicia ultrapassar os limites petrificados da individualidade e aceitar livre e amorosamente o outro. A salvação oriunda de Deus deve ser acessível a todos, na individualidade, na coletividade, enfim, ela é universal e histórica (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 719).

A universalidade e historicidade da libertação que Deus oferece à sua criatura é um dado e uma tarefa a cumprir que compete a todos. Desde os primórdios, já na criação, vê-se o início da história da salvação. Deus cria e salva os seus. Ele os deseja libertos, inteiros, humanos, assim

história da salvação é acontecimento libertador humano. *Revelação* pressupõe processo humano significativo, acontecimento, que já é humanamente relevante, libertador de homens [...] Decisivo é o agir libertador de Deus [...] Só numa história humana, na qual homens são libertados para verdadeira humanidade, é que Deus pode revelar o seu ser.

Pois nesta história profana está inserida muita história de sofrimento e desgraça (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 24).

A revelação de Deus na história humana é salvação e libertação. Quando se fala de salvação vinda de Deus fala-se de salvação no sentido forte da palavra e tudo o que o termo implica (redenção, bem, felicidade...). É impossível falar de libertação sem ao mesmo tempo remeter a situações de opressão e sofrimento, já que um termo requer o outro. Acredita-se, porém, que o Deus de Jesus Cristo é um Deus de libertação, de amor, dom e gratuidade. Embora, na realidade histórica de cada ser humano há sempre o choque da pobreza, do amargor, da dor, da angústia, entre outros, pelas mais diversas causas, não há uma desilusão completa a respeito da humanidade e seu futuro. A existência humana adquire sentido novo, na fé em Cristo, à medida em que se percebe que Deus salva a humanidade em Jesus.

A fé em Jesus Cristo é ao mesmo tempo um ato da liberdade humana e dom de Deus. Ele a confere à criatura conforme a ação do Espírito Santo. A fé pressupõe a liberdade e ao mesmo tempo abre caminho para a libertação. Deve-se, sempre, colocar-se a questão de que necessariamente a fé em Deus liberdade e libertação gera cristãos comprometidos com a libertação dos seres humanos (não só de outros cristãos), tanto política como social. A salvação é amor, mas um amor que não é pura interioridade, mas grande gratuidade e entrega de uma pessoa para a libertação de muitas outras (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 728), que é comunhão de vida com Deus, fonte e fundamento da liberdade humana (cf. *id.*, 1994, p. 227).

Por fim, Schillebeeckx demonstra que o ser humano concreto se encontra dentro de limites definidos de tempo e espaço. Em qualquer abordagem relacionada a liberdade, ação, sofrimento, alienação, entre outros, é necessário ater-se aos dados da situação na qual cada indivíduo se encontra inserido. Neste cenário, surge a questão sobre o autêntico sentido da existência humana (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 721). Esta é a grande interrogação do existir. A própria pergunta é fonte de angústia e sofrimento. O homem pós-moderno já não vê mais nas ciências o caminho profícuo para a libertação. O domínio técnico-científico passa por instituições e nem sempre elas possibilitam a realização dos valores humanos. Em muitos sentidos, as instituições cerceiam o ir e vir, a vida liberta. Em meio às variáveis dos des-caminhos que o próprio ser humano se imputou, “a ‘modernidade ocidental’ clama hoje, de modo muito especial, novamente por salvação e libertação: por redenção justamente daqueles

poderes das trevas que o próprio homem moderno suscitou” (*id.*, 1994, p. 18). Surgem desta percepção vários movimentos que procuram promover a libertação humana.

De acordo com o teólogo antuerpiano, Deus é o ponto de origem, a fonte mesma de todos os movimentos de libertação, sem se fundir ou se confundir com nenhum deles. Deus estava presente em Jesus, na redenção e libertação por ele proporcionadas, mas Deus não era Jesus, ele está com Jesus, é um com Jesus, no entanto, seu ser extrapola o ser de Jesus. A fé em Deus, o libertador, é impossível se não houver fé nos homens. A salvação vem de Deus, mas ela é de homens e para homens. É somente na história da liberdade que acontece a união com a história da salvação. A história humana, enquanto promotora de libertação, é para o cristão a história da salvação de Deus (cf. SCHILLEBEECKX, 1994, p. 27-29). É justamente na Igreja que muitos têm reencontrado a revelação do Deus vivo e nela a terapêutica para seus anseios e sofrimentos.

4.2 Igreja como espaço de relação e terapêutica por meio da revelação salvífica de Deus

A origem do cristianismo é historicamente pontual. O cerne é o encontro de alguns judeus com o homem Jesus de Nazaré. Estes judeus perceberam na vida (totalmente voltada para o anúncio do Reino de Deus, para o bem e para o próximo), na morte e ressurreição de Jesus a salvação vinda de Deus. O encontro com Jesus foi o ponto de partida para uma compreensão totalmente nova do ser de Deus, de sua graça e redenção. Para celebrar este evento, e manter viva a memória do evento Jesus, se reúnem em comunidade e formam a Igreja²⁹ como espaço relacional aberto, que permite cada cristão, em seu tempo, experimentar de maneira sempre nova a salvação, a cura que só Deus pode proporcionar. A formação da Igreja é continuidade da pregação de Jesus de Nazaré, seu ensinamento de vida partilhada e doada.

²⁹ Na obra *En torno al problema de Jesus: claves de una cristología*, Schillebeeckx desenvolve o pensamento de que a ressurreição de Jesus e o envio do Espírito Santo reagruparam os discípulos que se encontravam dispersos e fragilizados após a morte do Mestre. Reunidos, eles formam as bases da Igreja, uma comunidade fraterna e comunal. Também em *Jesus: a história de um vivente*, ele comenta que após a morte de Jesus ocorreu uma dispersão dos discípulos por medo das autoridades judaicas. Mas, em determinado momento de suas vidas, perceberam a autêntica oferta de salvação de Jesus. Eles se reagruparam e juntos experimentaram o Cristo, o ressuscitado, o vivente. Fizeram profissões de fé cristológicas, que abrangem não só a ressurreição, mas também a vida e a morte violenta de Jesus. Na experiência pascal, os discípulos percebem Jesus como revelação de Deus e oferta de salvação da humanidade como um todo.

A Igreja quista por Jesus Cristo, congregada pelos discípulos e continuada na história por pessoas de fé³⁰ de todos os tempos é espaço relacional e terapêutico. Nela está presente a ação salvífica do Deus criador. As igrejas cristãs “são o sacramento que celebra a salvação que Deus realiza no mundo” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 33). A Igreja é sacramento e celebra sacramentos que “são de fato, sinais antecipadores e mediadores da salvação, ou seja, de uma vida salva e reconciliada” (*id.*; 1982, p. 818). A salvação vinda de Deus se faz presente, de modo especial, na Igreja. Ela é mediação da ação redentora de Deus e da ação de homens em favor de outros homens.

Assim, a salvação se dá por meio de homens e para homens. A Igreja congrega o novo povo de Deus que celebra e canta glórias ao Senhor. É um povo liberto, redimido que em e na Igreja encontra espaço fecundo para alívio de suas dores, visto que nela o Espírito Santo age e distribui seus dons. Os dons são frutos da fé e ao mesmo tempo fortalecem a fé em Jesus Cristo. Nosso teólogo escreve que “segundo o Novo Testamento, a ‘humanidade redimida’ é a comunidade eclesial, ou seja, a parte do mundo que colocou sua confiança em Jesus como salvação” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 480). Jesus é a salvação ofertada por Deus, que está presente na comunidade, ele é o bem, a aniquilação do mal.

Na Igreja os homens experimentam o bem na pessoa de Jesus e o identificam como o salvador, aquele que por meio de seu sacrifício expiatório formou a nova humanidade, não mais marcada pelo pecado, pela morte, mas pela esperança de vida eterna. Jesus, o Filho, veio em resgate do povo perdido, e sua vinda na terra é sinal da manifestação do amor benevolente de Deus para com a criatura. É graça e sinal do desígnio salvífico de Deus. Por meio de Jesus, os homens recebem a dignidade de filhos amados de Deus (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 456-457). Já não há mais solidão, a Igreja é a comunidade onde se pode partilhar a vida, o sofrer e nela encontra-se a cura pela palavra inspirada, pela presença ativa de Deus e na relação com iguais. Irmãos na dor e auxiliares no processo de cura, de compreensão da rápida passagem pela vida terrena.

A finitude humana é, para alguns, motivo de sofrimento e inquietude que se faz presente no cotidiano das pessoas. Na perspectiva de vida finita e indelevelmente marcada pelo mal, o ser humano busca formas de compreensão e mediação para uma vida renovada.

³⁰ Para Schillebeeckx, é a revelação de Deus que possibilita o processo de fé. “O fato de que a revelação é o fundamento de experiências de fé significa que a fé não se deve nem a si própria nem ao seu conteúdo próprio de conhecimento. Ela é dom e aí a um só tempo, escolha humana” (1994, p. 48). O ser humano que escolhe a fé em Deus não se vê mais solitário, está sempre unido a outro humano, reunido em comunidade.

Jesus tem sido, para muitos, a liberdade, a revelação salvífica de Deus. A fé na salvação de Deus em Jesus pode suscitar nos homens a decisão de transformação e resignificação de suas vidas e de seu agir. A fé não tem só caráter transcendente, ela também se realiza concretamente na história pelo sentimento de inserção na misericórdia e salvação de Deus. A fé em Jesus Cristo ajuda cada um a se reencontrar e ao mesmo tempo a dar significado concreto e comunitário para suas vidas. A fé cristã é vivida em comunidade, em Igreja, não se dá em isolamento individual, mesmo passando pelo individual, a fé sempre remete ao comunitário, ao eclesial, que desempenha mediação entre a história do sofrimento humano e a história da salvação proposta por Deus.

Na história da salvação Deus é ponto central, a oferta de salvação se dá sobremaneira na pessoa de Jesus visto que, de acordo com a experiência de fé

Jesus é o lugar em que Deus *se* revelou da maneira mais decisiva como *salvação dos homens e para homens*. Os cristãos fazem a experiência de Jesus como máxima concentração reveladora de Deus em toda uma história de revelação. Nessa história de revelação religiosa, a experiência humana tem lugar próprio indispensável (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 47).

É em Jesus que o ser humano encontra a revelação salvífica de Deus. Mais ainda, os homens percebem que é na história humana que Deus se revela e salva. A relação se dá de acordo com a vivência, no universo de inserção, ou seja, Deus resgata, salva os homens de acordo com as necessidades de cada tempo. Deus age na história e não o faz sozinho. Assim, a criatura também desempenha papel significativo no processo salvífico. Todos são responsáveis pela edificação da Igreja, pela história de libertação e redenção de si e do outro humano, que deve acontecer cotidianamente na história comprovável. Deste modo, a ação salvífica de Deus, mesmo permanecendo no âmbito do mistério, se torna visível e concreta. Todos estão incluídos no mistério da revelação e salvação de Deus. Todos no mesmo nível, sem autoritarismo ou senhorio, seguindo o modelo do Deus criador que se mostra muitas vezes vulnerável e até impotente perante a história de sofrimento e opressão. A cura terapêutica e a revelação salvífica de Deus não estão passíveis a estruturas de dominação que cerceiam a liberdade humana, mesmo dentro de estruturas institucionalizadas (cf. SCHILLEBEECKX, 1994, p. 271-281). A Igreja, iniciada com a pregação apostólica, se institucionaliza e se adequa aos chamados sinais dos tempos, mas sempre recorre às fontes primeiras da profissão de fé.

Ao estudar a cristologia contida nos escritos joaninos e paulinos, o teólogo belga, percebe que para as comunidades influenciadas por tal cristologia, Jesus é “o profeta obediente que deu testemunho da ressurreição universal mediante sua morte e ressurreição” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 427). A ressurreição de Jesus é a manifestação última da ação salvífica de Deus. Ele é a promessa de Deus a todos os que padecem, é o caminho para a vida resgatada e livre do sofrimento. Jesus ressuscitado é soberano e proclamado Senhor das comunidades e como tal transmite a elas a salvação, a libertação, a vinda de Deus (cf. *ibid.*, p. 427-428).

Já na análise da Carta aos Hebreus, a percepção maior é a da solidariedade presente no ministério de Jesus e em sua morte. Jesus se faz solidário para com o gênero humano ao mesmo tempo que permanece fiel a Deus em todo seu agir.

A mensagem da carta aos Hebreus coincide fundamentalmente com o credo de todo o Novo Testamento: a solidariedade de Jesus com o homem que sofre e peca, baseada em uma radical fidelidade a Deus; a solidariedade e a fidelidade levadas até à morte, até ao sacrifício da própria vida. [...] O significado salvífico e o valor redentor e libertador não são para um cristão somente a vida, a mensagem e a práxis de Jesus, como também sua morte no contexto de toda sua vida (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 616).

A mensagem da Carta aos Hebreus claramente define os pontos básicos da fé na salvação de Deus em Jesus Cristo. Jesus é o Filho amado que se fez carne assumindo a finitude humana para que a humanidade alcançasse a redenção e o alívio do sofrimento por meio da libertação do pecado e do mal. Por Jesus “Deus concede um futuro a todos os nossos esforços de libertação e reconciliação, um futuro que supera os limites de nossa história” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 820). A vinda de Jesus e a reunião de pessoas em torno do seu nome originaram a Igreja cristã, que, para muitos, é o espaço de convivência fraterna e terapêutica para os diversos males que assolam a humanidade. Em Igreja os homens percebem que Jesus é a revelação salvífica de Deus. E de acordo com nosso autor, essa revelação se dá justamente na disponibilidade de Jesus de perder-se pelos demais (cf. *ibid.*, p. 820). No entanto, a história humana é complexa. Ela é uma mescla de um *já* e um *ainda não*. Então, o ser humano já foi redimido e liberto do sofrimento e do mal por Jesus, mas ainda não vive plenamente tal libertação. Na vida humana há muita dor, muito padecer.

A dramática do sofrimento, mesmo com a história da salvação e da redenção promovida por Deus em Jesus Cristo, é uma realidade que se faz presente na história humana.

Jesus curou e ainda cura feridas; com suas palavras de paz e bem aliviou e ainda alivia almas angustiadas. Mas toda a solidariedade de Jesus para com a humanidade, mesmo esta encontrando nele a resposta para várias questões que afligem homens de todos os tempos, o mal e o sofrimento continuam presentes. Eles provocam pequenas e grandes catástrofes que transformam a realidade pessoal e social. Assim, o ser humano está sempre aberto, sempre em busca de respostas para questões que, mesmo com o olhar de fé, o defrontam. O sofrimento e o mal estão sempre em pauta, mesmo com todos os esforços de conciliação, eles permanecem. Buscam-se interpretações, respostas, dados que possam de algum modo esclarecer todo o drama do sofrimento humano. A busca não se restringe a respostas explícitas, que somente justifiquem a existência e permanência do mal no mundo. O que todo ser humano deseja é algo efetivo, capaz de superar sua história de sofrimento e a rememoração do evento Jesus pode ser um dos pontos centrais para alcançar a superação de todo mal e sofrimento presentes.

5 O drama do sofrimento hodierno

O mundo, a história humana são realidades de contraste. Existe neles “uma mistura enigmática de bem e mal, de sentido e sem-sentido” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 22). É neste mundo que as pessoas se posicionam como seres capazes de mudar seu espaço vital e transformar as estruturas geradoras de mal em outras melhores. Faz-se necessário recriar a realidade na qual se encontra com o objetivo de atenuar o processo de alienação. Os homens enfrentam em seu cotidiano a dramática do sofrimento. A sociedade é promotora de opressão, escravidão. Vive-se concretamente em um mundo plural, de contraste. “Mas um elemento positivo nesta experiência fundamental de contraste é a indignação humana que não se deixa abafar” (*ibid.*, p. 22). O ser humano reage à sua história de sofrimento, procura respostas e interpretações para questões relativas a esta história. Há uma inquietação tipicamente humana em relação às várias facetas da manifestação do mal.

Nosso autor diz que “a realidade está cheia de contradições. Por isso, a experiência humana de sofrimento e mal, de opressão e infelicidade, forma a base e constitui a origem de um ‘não’ fundamental dos homens à sua situação no mundo” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 21-22). Não há um conformismo com as condições impostas pela cultura e sociedade, embora muitas vezes assim o pareça. Os homens reagem com força contrária àqueles poderes do mal. Busca-se não só interpretações, mas também libertação. Os cristãos

encontram em Jesus Cristo o espaço de superação do sofrimento, a cura de todo mal que lhes aflige.

5.1 A busca incessante de interpretações para a questão do sofrimento e do mal

O mal, a infelicidade e o sofrimento de modo geral produzem uma profunda crise de sentido. Assim, a sociedade está marcada “pela falta de sentido e pela ameaça em que se insere de fato a vida humana, o nosso próprio ser humano concreto e histórico propõe a questão do sentido” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 222). A questão do sentido da vida gera crise interior. Tal crise está presente não só na vida dos mais pobres e oprimidos, ela está disseminada de forma geral na vida humana pós-moderna. Na história do sofrimento há uma igualdade fundamental entre as pessoas, já que é um problema universal (cf. *ibid.*, p. 81). Os problemas vividos hoje não são idênticos àqueles de outrora mas seu princípio é o mesmo, o universal problema do mal, do sofrimento, da opressão somente com características diferentes.

A história do mal se funde à história humana. Ela já está presente nos mitos da criação de diferentes povos. Nestes mitos há um infiltrar do mal na obra criada pela divindade. Com a vinda de Jesus, os cristãos veem um acirrar das forças do mal em contraposição ao poder benéfico de Deus. Jesus é o curador, aquele que salva e resgata. O teólogo dominicano relata que ao realizar prodígios, Jesus coloca em xeque os poderes do mal, assim “diante dos frutos maus e dolorosos desses poderes, Jesus coloca somente atos bons, *benefícios*; é exatamente isto que chama a atenção numa história de seres humanos, que para muitos é história de sofrimento: sofrem debaixo do poder do mal” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 177-178). Muitos dos que sofrem não se resignam a esta situação, eles buscam por explicações, por respostas para tanto sofrimento, para a opressão que cerceia seu livre agir.

O ser humano busca incessantemente explicações para todos os acontecimentos do seu cotidiano. A sociedade atual está sistematizada de modo que suas estruturas são fonte de sofrimento, alienação e opressão. Nesta sociedade tenta-se entender o mal e todas as suas implicações. No horizonte da busca de respostas há um deparar com oferta de salvação e libertação de Deus na pessoa de Jesus Cristo. As pessoas colocam, então, outras questões: o que é realmente a salvação ofertada na pessoa de Jesus e se ela corresponde às suas expectativas de libertação do mal, da opressão e do sofrimento (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 633). Alguns respondem negativamente a estas questões e se fecham na finitude da vida e

no amargor do sofrimento. Outros já acreditam, têm fé no Jesus ressuscitado³¹, que ele é a resposta para a superação do mal e o modelo que leva o ser humano continuamente a superar a si mesmo (cf. *id.*, 2008, p. 603).

Ainda assim, a questão não se cala. A violência e a estupidez do sofrimento não permitem uma quietude. Por mais que se procure interpretações para todo o problema do mal, ele não é apreendido pelo homem. Historicamente “este excesso de sofrimento, injustiça e sem-sentido escapa ao logoi da razão teórica. Não permite organizar-se teoricamente, e interpretar de maneira racionalmente significativa” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 224). Fica evidente que não é pela razão teórica que o mal, o sofrimento receberão interpretação que cale definitivamente o anseio humano por respostas. O ser humano é um ser que se faz e refaz continuamente, está em constante mudança. As experiências mudam, a visão de mundo, as expectativas de salvação, libertação e felicidade também mudam. A razão humana evolui processualmente. Por mais avanços técnico-científicos que ocorram, o problema do mal persiste. E mesmo com toda tecnologia, é em Jesus que alguns homens experimentam a libertação do mal, ele é identificado como a salvação procedente de Deus (cf. *id.*, 1982, p. 55).

Jesus tem sido o meio de interpretação para a questão do mal, mas o sentido da vida se faz no encontro com o outro. A dignidade, a liberdade humana de si e do outro é o contexto concreto onde se efetiva a interpretação das problemáticas relativas ao sofrimento, ao mal e à própria salvação vinda de Deus. A questão acerca do sofrimento e do mal é introduzida dentro da história mesma do sofrimento. A vida humana está cada vez mais marcada pelo sofrimento e pelo mal. A fé no Deus criador tem alcançado dimensões que ciências e técnica não chegam a atingir, “tal fé somente se fará valer numa praxe que tenta vencer o mal e o sofrimento a partir da promessa religiosa de que tudo pode mudar” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 627). A tentativa de compreensão do mal e sua origem promovem a percepção de que é preciso um agir ético, uma praxe de vida que garanta a liberdade e a felicidade de todos.

Neste cenário, constata-se que em todas as culturas e ao longo do grande processo da história da humanidade, o ser humano sempre procurou entender a questão do mal e do sofrimento. A partir das experiências vivenciadas em diferentes épocas, tentou-se elaborar

³¹ Na obra *En torno al problema de Jesus*, Schillebeeckx demonstra, ao longo dos capítulos, que a experiência de Deus como salvação da humanidade é comunicada por meio da história das experiências humanas. Assim, a experiência cristã não está alheia às inquietações do homem moderno. Ela implica todo contexto vital humano, quer de felicidade quer de sofrimento. Ela é renovação de vida e superação de suas ambivalências. Por fim, a fé em Deus leva o ser humano a transcender a realidade do mal e a superar a facticidade da existência sofrida.

respostas para tal questão. É somente o homem sofredor que pode falar da experiência do sofrer e da libertação (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 653). É na vida prática que pessoas de todos os tempos concretizam na história práticas que conduzam a humanidade ao bem, à felicidade, a tudo o que faz parte do plano original de Deus para sua criatura. Ao vê-la perdida e sofrida, Deus age e mostra o meio que a afasta do mal e do sofrimento, e reencaminha a criatura para o destino original. Deus dá aos homens o Filho amado e “em Jesus ressuscitado, Deus se mostra como poder contra todo o mal, sendo ele bondade incondicional, e soberanamente não reconhecendo a prepotência do mal, e até quebrando-a” (*id.*, 2008, p. 647). A lembrança da vida e do sofrimento de Jesus e a vitória dele sobre o mal tem sido o auxílio para a superação do sofrimento.

5.2 A memória comunitária de Jesus como “Cristoterapia” para superar o sofrimento e suas causas

A sociedade pós-moderna surge na história com uma miríade de ciências que tentam mapear a vida humana em todos os contextos. Elas procuram compreender a dor e o sofrimento dos quais padece grande parte das pessoas. Para aliviá-los oferece um leque de possibilidades, citam-se trabalhos sociais, psicoterapias, terapias cognitivas, entre outras. Por mais que o campo científico seja abrangente, ele não abarca toda a dinâmica da vida humana e muitas vezes se mostra ineficaz. Os chamados “males da alma”, que geram muita angústia e sofrimento, continuam assolando a pós-modernidade de forma implacável. Busca-se, então, medidas alternativas, uma volta ao interior, à meditação, à religião.

Os cristãos tentam encontrar na memória de Jesus a libertação da alienação e do sofrimento. A vida comunitária, como espaço de troca de experiências e encontro com o outro, favorece a percepção da definitiva salvação em Jesus e nele o alívio para os anseios que assolam a dignidade do ser pessoa. O retorno à fé em Jesus como salvador tem propiciado o consolo não só para os males da alma, mas também a cura de doenças físicas. Percebe-se um movimento de reconstrução comunitária da figura emblemática de Jesus Cristo como terapia eficaz e definitiva para os mais diversos tipos de sofrimento.

A fé em Jesus é terapêutica e a partir deste dado pode-se falar de uma “*Cristoterapia*”³². Schillebeeckx, em sua cristologia, não utiliza este termo. No entanto, pode-se afirmar a existência da relação terapêutica da fé em Cristo, visto que no decorrer de sua obra cristológica ele relata Jesus como o intermediário da salvação, como o curador. Jesus é aquele que andou por sua região curando, expulsando demônios, amenizando o sofrimento dos excluídos e oprimidos. Assim, ele foi terapia para aqueles com os quais conviveu e continuou sendo, depois deles, para os cristãos de todos os tempos.

Jesus trouxe nova perspectiva para o processo de libertação. Em sua vida, realiza a possibilidade de sentido e realização do existir humano. Ele demonstra que na relação com todo mal existente no mundo a palavra última é a salvação e a bondade porque Deus é amor benevolente e assim o sendo é maior que qualquer dor, é redenção e libertação do pecado. A dinâmica do pecado precisa ser compreendida dentro do contexto cultural em que se vive e considerar perturbações como o sexismo, racismo, ódio, rancor, entre outras (cf. SCHILLEBEECKX, 1994, p. 175). Para nosso teólogo, Jesus é salvação de Deus para toda a humanidade. A salvação, a redenção e a cura são para todos, elas são dons de Deus. Ao ser humano cabe abrir-se para a oferta salvífica do Pai e nesta abertura sentir seus efeitos curativos. A recepção do dom salvífico de Deus não limita a capacidade humana de tentar criar estruturas capazes de alentar a dor, mesmo que ainda não tenha encontrado soluções definitivas. Schillebeeckx afirma que

a fé não desqualifica a razão humana e sua praxe libertadora. [...] A fé não culpa ao homem de sua incapacidade teórica e de seu fracasso prático frente ao mal e ao sofrimento. [...] A fé religiosa quer, pelo contrário, redimir-nos dessa experiência fatal e dar um sentido novo a nossa praxe, vencendo sua incapacidade e abrindo-nos uma nova possibilidade que tem Deus como fonte: em virtude da memória de Jesus, proclamada como história de um Crucificado graças ao qual se concede um futuro aos fracassados da história (1982, p. 709).

³² Cardedal é o teólogo que de forma mais emblemática aborda a dimensão da chamada “*Cristoterapia*”. Em sua cristologia, ele desenvolve as perspectivas: histórica, sistemática e, por fim, chega à conclusão da existência de uma “*Cristoterapia*”. Ele afirma que Jesus cura o ser humano em todas as dimensões de seu existir. Cardedal as define como: somática (as diversas enfermidades físicas), psíquica (as angústias) e pneumática (o pecado, o sentimento de culpa). Conhecendo as três dimensões, Jesus Cristo acolhe o ser humano não como tripartido mas em sua unidade pessoal. Em sua vida, Jesus curou e resgatou aqueles que padeciam. Ainda hoje ele liberta o ser humano de sua história de imperfeições, pecado e sofrimento. Em Cristo a humanidade está redimida e o homem liberto para viver sem angústias e aflições (cf. 2001, p. 576-577). Os diversos tipos de sofrimento são curados por Cristo porque todos eles afetam o mais profundo da pessoa, praticamente aniquilando-a. Cristo age integrando e restaurando o ser pessoa. Ele é a salvação de Deus (cf. *ibid.*, p. 575).

Jesus aceitou serenamente o aparente fracasso de sua vida. Ele integrou sua morte dentro de sua oferta de salvação, permitiu que ela fosse motivo de salvação e redenção. A vida e a morte de Jesus se reúnem no significado universal da graça de Deus e de seu amor que deseja transformar o ser humano, trazê-lo para a comunhão consigo, independente de sua vida de fracasso ou de êxito. Deus transforma, em Jesus, a negatividade do fracasso em positividade, em conquistas e abertura para vida nova por pura solidariedade ao gênero humano. Assim, a vida, em qualquer dos dois polos, é preenchida de sentido, satisfeita e aceita (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 807). Jesus apresenta o sentido último da vida como liberdade que não é cerceada pelas angústias ou pelo pecado. Com sua morte, ele redimiu a humanidade uma vez por todas, devolveu-lhe seu destino e lhe deu a vida eterna.

A história subsequente demonstrou que a morte não foi o fim para Jesus. Ele foi ressuscitado e assim o sendo pode doar o Espírito Santo que conduz, continuamente, a humanidade para o bem, para a fé. No entanto, a fé em Jesus e o conhecimento de sua mensagem não explicam a existência concreta do mal e do sofrimento. Mediante esta realidade, falar de salvação torna-se algo complexo. Faz-se necessário compreender a salvação dentro da esfera da vida concreta, ela precisa ser para todos. Não há como falar de salvação, redenção em Cristo se a felicidade de alguns se dá sobre a alienação e o sofrimento de outros. Somente a salvação/libertação/cura universal é perfeita (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 708). A redenção universal acontece justamente com o Mistério Pascal de Cristo.

A morte de Jesus expia o pecado da humanidade. O aparente triunfo do mal tem caráter redentor. Mas Jesus não permaneceu na morte, assim como os seus não permanecem na desfiguração do sofrimento. Jesus foi ressuscitado dentre os mortos e “a ressurreição de Jesus é por sua natureza (fora outros aspectos e significados) uma correção, um triunfo sobre a negatividade do sofrimento e da morte” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 711). Jesus foi resgatado por Deus e ambos resgatam a humanidade perdida e sofrida. É na perspectiva da ressurreição, da vitória da vida sobre a morte que se pode falar efetivamente de uma terapêutica. O agir de Deus extrapola os limites da finitude humana e preenche de sentido os momentos de sem-sentido do existir. Visto que “graças à morte de Jesus, vista à luz de sua ressurreição, o cristão possui a certeza de que o sofrimento e a morte não podem separá-lo de Deus” (*ibid.*, p. 784).

A vida com Deus e em Deus transforma a realidade de opressão em possibilidades de ação salvífica. Cristo trouxe sentido novo para a vida humana. O ser humano realmente sofre, mas em Cristo ele pode fazer uma leitura significativa do seu sofrer. O sofrimento pode

ser fator de humanização, pode tornar o homem mais sensível à dor do próximo. Neste sentido o sofrimento é promotor de um tipo específico de sabedoria, a saber: a sabedoria baseada na vida (cf. SCHILLEBEECKX, 1982, p. 706). Este tipo de saber enaltece o que há de mais humano no homem e permite que ele aceite a maior dádiva do amor de Deus, a salvação, a cura na pessoa do Filho, Jesus Cristo.

A “*Cristoterapia*” traz o ser humano de volta à vida, erradica o poder do mal e elimina o desespero do sofrimento. Ela é definitivamente a salvação de Cristo para a humanidade, no sentido de que “a salvação é de fato a eliminação de todas as alienações humanas, tanto pessoais como sociais, a salvação é remédio do homem de seu mundo, de sua história” (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 797). O mundo liberto das alienações consente o novo viver, o reviver em Cristo, que é fonte de inspiração para o agir humano.

Unidos em comunidade os homens buscam superar os obstáculos que a vida lhes apresenta. O sofrimento e suas causas são a incógnita que desde os primórdios da história humana geram angústias e inquietações. Jesus trouxe a mensagem salvífica do Reino de Deus e deu origem a um movimento promotor de paz e justiça. Jesus foi proclamado Cristo por homens do primeiro século e até os dias de hoje muitos aderem à fé cristã e vivem em torno da memória da fé proclamada pelos precursores do cristianismo. É na vida cristã que pessoas procuram superar o sofrimento, contudo, “o cristianismo não dá nenhuma explicação do sofrimento, porém mostra um caminho: o sofrimento é tragicamente *real*, porém não tem a última palavra”. (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 680). No drama do sofrimento, na dura realidade do existir do mal e suas trágicas consequências o homem, submerso pelo absurdo da ausência de sentido, consegue ancorar-se no sofrimento humano de Jesus, na sua exaltação e proclamação como Cristo e descobrir a palavra última em Deus. Hoje, no aqui e agora da história, pessoas de diferentes raças, níveis sociais e culturais experimentam o caminho da cura, da terapêutica necessária para plenificar seu existir em Jesus Cristo, o homem-Deus que em todo seu agir trouxe o bem e a felicidade para toda humanidade.

CONCLUSÃO

Em nossa dissertação procuramos compreender o sofrimento dentro do contexto de fé, e nele, por meio do sofrimento de Jesus Cristo, a possibilidade de cura e salvação. Não intentamos, com isso, uma apologia do sofrimento como única forma de salvação e redenção. O sofrimento é uma realidade palpável, violenta e desumanizante. Ele atinge o ser humano no que ele possui de mais precioso, a sua humanidade. Além disso ele desfigura a imagem de Deus na criatura e revela a ação do mal na história humana

Não se pode definir o sofrimento de forma natural ou a partir de fora. Ele é uma instância que atinge o interior da pessoa, seja pela dor física, seja pela dor existencial ou pela dor histórico-social. O sofrimento tem diferentes significados, cada homem que padece o sente à sua maneira. Muitos encontram no sofrimento o lugar para a autocompreensão, na dor, na angústia descobrem de modo sempre novo o seu existir na história. No entanto, para outros o sofrimento é alienação e opressão. Não há como negar que o sofrimento está intrinsecamente relacionado com a condição humana, com sua finitude, limitações, corporeidade e fragilidade perante o mundo. Por ser corporeidade, os homens interagem uns com os outros. Diante da história de sofrimento, um homem pode ser para o outro fonte de libertação, mas também pode ser alienação e violência.

A realidade do sofrimento humano tem, para os cristãos, um suporte na história de Jesus de Nazaré, que padeceu os sofrimentos existencial e físico. Jesus é para nós a resposta de Deus ao clamor do povo. Como outrora Deus escutara a dor do seu povo, com a vinda de Jesus de Nazaré Deus revela que não permanece indiferente àqueles que sofrem. Nos primórdios da formação da história do Povo de Deus (o povo de Israel), encontramos diversos relatos vetero-testamentários que narram a ação salvífica de Deus na história. A história da salvação de Deus acontece paralelamente à história de sofrimento humano. Nos últimos dois milênios, para os cristãos, vemos em Jesus o agir definitivo de Deus como cura e libertação para homens.

A salvação vinda de Jesus acontece na história humana concreta, não há outro lugar onde ela possa acontecer. O Reino de Deus, como Reino de Salvação, anunciado e vivenciado por Jesus não é o afastamento do mundo, marcado pelo mal, mas libertação dentro do mundo, dentro das estruturas sócio-política-religiosas. A libertação tem Jesus como seu precursor. Ele nos abriu o caminho, ele nos precede com sua ação e se dá como modelo de vida plena. Assim, para os cristãos, Jesus é a chave de compreensão do existir humano, marcado tanto pelo sofrimento quanto pela felicidade. Jesus demonstra que a glória de Deus consiste na felicidade dos homens.

Afirmamos, ao longo da dissertação, a vida humana de Jesus marcada pelas pessoas que sofrem. O sofrimento humano fere a Deus, não é esta realidade que Deus deseja para a criatura. Quando falamos de salvação de Deus do gênero humano, não dizemos que Deus nos salva de nossa finitude, ele nos salva nela, no lugar que é a raiz do sofrimento. Deus se revela, na história do sofrimento, em Jesus Cristo como salvação para os homens. Contudo, nosso Deus não é um Deus sádico, que se exalta com o sofrimento e o utiliza para se revelar na história. Deus também se encontra nas nossas experiências de sentido, de plenitude, de amor. Na vida humana, perpassa tanto o bem quanto o mal. Felicidade e sofrimento podem ser encontrados a partir de cada opção que fazemos perante os fatos corriqueiros do nosso dia-a-dia. Não vivemos em um eterno “calvário”, mas é ele o grande desafio a ser respondido e superado.

O drama do sofrimento carece, ainda, ser melhor explicitado. Nosso projeto intentou um pequeno passo em direção à compreensão desta dramática dentro da vertente cristológica de Schillebeeckx. O desenvolvimento da dissertação foi afetado por várias intrusões externas. Foram muitos problemas de saúde. Buscando compreender o sofrimento humano, encontramos nosso sofrimento pessoal. Foram dias de angústia e dores: físicas e psíquicas. Escrevendo sobre o não-sentido e a brutalidade do sofrimento que acometem pessoas ao longo dos tempos, vivenciamos profundamente a ausência de sentido, onde nosso universo se desvaneceu em tons de cinza. Neste universo sem cor, nenhum êxito, quer pessoal, quer acadêmico pairava como possibilidade. Tudo o que víamos era o surgimento, a cada dia, de um novo padecer. Entre diversas idas a consultórios médicos, psiquiátricos, psicológicos, a internações e intervenções cirúrgicas, descortinava para nós, cada vez mais latente, o desejo de compreender tanto sofrimento perante um Deus que se revela puro bem, o Deus vivo e amoroso anunciado por Jesus.

Foi a partir da vida de Jesus de Nazaré, sua atitude solidária e benfazeja em todas as situações, que aos poucos nosso universo começou a adquirir novas tonalidades, não só as variantes cinzas, mas também cores primaveris. O sofrimento ainda bate à nossa porta. Muitas vezes ele entra atravancando as passagens, os caminhos, os estudos... a vida. Mas motivada pelas sábias palavras de Jesus “no mundo tereis tribulações, mas tende coragem: eu venci o mundo” (Jo 16,33a), sentimos e experimentamos o amor redentor e salvador de Deus. Amor que por respeito à liberdade dos homens não cerceia suas ações e as tribulações que podem advir do mal presente no mundo não libertado. Mas Deus, por meio de seu Filho amado, nos dá a firme esperança de que a doença, a dor, o não-sentido de nossa história de sofrimento não seja a última palavra em nossas vidas. Jesus venceu o mundo, Deus vence as adversidades e nos oferece um caminho novo de vida e salvação, onde a liberdade não seja mero acaso, mas uma liberdade libertada que ajuda na promoção da vida humana.

Para Schillebeeckx, a alienação existente na vida dos homens não tem como ser erradicada. A liberdade libertada ou a salvação transcende a pessoa e a sociedade, visto existirem lugares inalcançáveis de atuação. A vida humana é marcada por mistérios ainda insondáveis, entre eles o de maior magnitude é a morte. A nossa finitude pode gerar tanto a firme confiança em Deus e a resposta de fé em uma redenção universal, quanto o afastamento das pessoas e a angústia (cf. 1982, p. 798). Sobretudo, quando se fixa o olhar no horror da cruz de Jesus, o Filho morto por crucifixão. Uma morte injusta, imerecida que provocou grande escândalo e choque na sociedade. Manter-se preso à cruz é manter-se fechado ao desfecho salvífico que ela proporciona. O modelo de vida solidário, que por amor resgata o perdido. Deus não apaga o sofrimento, ele nos coloca de frente com nossa história e nos permite escolher o caminho a ser seguido. Um caminho de dor e de alegria, de sofrimento e de salvação.

Segundo nosso autor, não há sentido fazer uma distinção entre a história universal, marcada pelo sofrimento, e a história da salvação. Essa última se dá justamente na vida concreta das pessoas, não a parte delas. De acordo com o ponto de vista do teólogo belga, todas as ações dos homens fazem referência à sua salvação, à sua humanidade e integridade da vida. Para as pessoas de fé, toda a ação de Deus é salvífica e pode ser historicamente sentida (cf. 1982, p. 798). Porque a salvação, para ser do homem, tem que passar pela história concreta dos homens, caso contrário ela entra, também, na dimensão do não-sentido. E na historicidade da vida redimida todos recebemos uma missão, somos corresponsáveis no processo de humanização e libertação.

O ser humano, aquele criado à imagem e semelhança de Deus, recebe no ato mesmo da criação a tarefa de agir bem, transformar e cuidar do mundo. Não cabe ao criador tornar o mundo repleto de sentido, mas à criatura. Nós temos o dever de tornar o mundo mais mundo ao mesmo tempo que nos tornamos mais humanos. Deus é o princípio da ação humana, mas ele não age no nosso lugar. Deus é a origem do processo de humanização, mas cabe a nós torná-lo concreto. Deus é amor, liberdade e mistério. O ser humano torna-se partícipe deste mistério insondável e da comunhão criador-criatura e criatura-criatura.

Assim somos nós. Construtores de nossa realidade, de nosso universo. Muitas vezes mal, alienante, opressor, mas sempre em busca do bem e da felicidade. É nesta oscilação entre o bem viver e o domínio das potências do mal que nossa pesquisa se desenvolveu. Nosso projeto, a princípio, factível, se revelou, com as pesquisas e leituras, um projeto que extrapola os limites de uma dissertação de mestrado. Assim, nosso trabalho é um esboço do que se pretendia. É uma pesquisa lacunar e bastante limitada. Focamos somente três obras do vasto escopo cristológico de Schillebeeckx. Mais limitada ainda, se colocarmos à baila todo o desenvolvimento cristológico recente. Bem como as diversas vertentes que discutem a questão do sofrimento humano.

Dentro dos limites de possibilidade, acreditamos apresentar alguns dados relevantes. Sobretudo, no que tange a ação de Jesus, dentro da cristologia recente de Schillebeeckx, para com o sofrimento, tanto o alheio como o próprio. Jesus é visto, por cristãos de todos os tempos, como pura positividade. Perante o sofrimento alheio ele reagiu: curou doentes, expulsou demônios, ensinou uma nova praxe de vida. No que diz respeito ao seu sofrimento pessoal, ele soube sofrê-lo em silêncio e oração, em angústia e oferta. Jesus, como homem, sofreu a dor da rejeição, do martírio, da cruz... como Deus, soube preencher de sentido o sem-sentido da história.

Não partimos do dogma de fé que afirma que Jesus crucificado é o Cristo ressuscitado. Nem permanecemos em uma visão antropológica-histórica da pessoa Jesus de Nazaré. Visto que, de acordo com nosso autor, interpretações puramente dogmáticas ou históricas de Jesus não são suficientes para a construção de uma cristologia que intenta manter sempre presente, a tensão entre o ser humano Jesus de Nazaré e o Cristo proclamado pelas primeiras comunidades. Sendo assim, impossível encontrar em um só dos extremos o fator de unidade para a fé. Para Schillebeeckx, o fator de unidade está na própria comunidade que proclama a continuidade existencial entre Jesus de Nazaré e sua proclamação como Cristo (cf.

2008, p. 49). Sem perder de vista o dado transcendente, pautamos nossa pesquisa no imanente que propicia qualquer outro tipo de afirmação. Nesse sentido ainda há muito o que pesquisar, como por exemplo a vertente da “Cristoterapia” teria espaço para uma dissertação, o que tratamos em um subtópico de um capítulo.

O sofrimento humano é reinterpretado à luz do sofrimento de Jesus de Nazaré e da sequente proclamação de fé em Jesus Cristo e sua oferta de salvação. Nesse aspecto devemos agir com precaução para não cairmos em uma resignação e aceitação do sofrimento na convicção de que devemos sofrer quietos, que depois receberemos a salvação de Jesus Cristo. Que o Cristo de Deus é a solução imediata para qualquer tipo de situação em que as pessoas se encontram. Schillebeeckx nos mostra que, Jesus de Nazaré foi um homem comum, nascido em Nazaré, pequeno vilarejo da Galileia, mas que em sua práxis de vida voltou-se para a pregação do Reino de Deus como lugar de cura para todo tipo de sofrimento. Este Galileu voltou sua existência para Deus e n’Ele encontrou o verdadeiro sentido da sua própria existência humana, finita, mas vocacionada ao transcendente. Jesus permitiu que Deus Pai se revelasse aos homens em e através de sua pessoa. Jesus entregou amorosamente sua vida como dom salvífico e expiatório. Ele foi reconhecido pelos “com Jesus” como o Cristo de Deus. O verdadeiramente humano e verdadeiramente Deus. Deste modo, nós também podemos ressignificar nossas vidas, nossos sofrimentos, pela história de um vivente. Nele podemos experimentar a graça e o amor de Deus Pai e assim fazer um novo modo de ler e configurar a vida. Em Jesus e com Jesus a possibilidade de encontrar algum sentido para a estúpida história do sofrimento é real. Encontrar sentido para o sofrimento não implica eliminá-lo ou resignar-se a ele. Significa que nossa história humana é perpassada pelo sofrimento. Mas com Jesus, vimos se tornar cada vez mais concreta a proposta de bem e felicidade. Aqui, no hoje da história: bem e felicidade para todos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

1 Fonte

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2004.

2 Bibliografia de Edward Schillebeeckx

2.1 Principais

SCHILLEBEECKX, E. *Jesus: a história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. *Cristo y los cristianos: Gracia y Liberación*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1982.

_____. *História Humana: Revelação de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994.

2.2 Outras

SCHILLEBEECKX, E. *La questione cristologica: unbilancio*. Brescia: Queriniana, 1980.

_____. *Experience humaine et foi en Jésus-Christ*. Paris: Cerf, 1981.

_____. *En torno al problema de Jesús: claves de una cristologia*. Madrid: Cristiandad, 1983.

_____. *God among us: The Gospel Proclaimed*. London: SMC, 1983.

_____. *Jesus en nuestra cultura: mystica, ética y politica*. Salamanca: Sígueme, 1987

_____. Experiencia de fé. In: VELASCO, J. M. et al. *Fé Cristiana y sociedade moderna*. Madrid: Ediciones SM, 1990, p. 92-134.

_____. *Sono unteologo felice: colloqui com Francesco Strazzari*. Bologna: EDB, 1993.

_____. Crítica profana à obediência cristã e reação dos cristãos à mesma. In: *Concilium*, 1997, n. 9, p. 18-34.

_____. *Cerco iltuo volto: conversazionisu Dio*. Bologna: EDB, 2005.

_____. O “Deus de Jesus” e o “Jesus de Deus”. In: *Concilium*, 1974, n. 3, p. 381-396.

3 Bibliografia sobre Schillebeeckx

ANDREATA, C.M. *Experiência salvífica cristã e pluralismo religioso em Edward Schillebeeckx*. Rio de Janeiro: PUC, 2003. Tese de doutorado.

ANGELINI, G. Schillebeeckx. In: PACOMIOL (org). *Dizionario Teologico Interdisciplinare*. Torino: Marriet, 1977, v. 3, p. 609-612.

BRAMBILLA, F. G. *Teólogos do século XX: Edward Schillebeeckx*. São Paulo: Loyola, 2006.

BURGY, P. Edward Schillebeeckx. In: GUCHT, R.V; VORGRIMLER, H. (Dirs). *Bilancio della teologia del XX secolo*. Roma: Città Nuova Editrice, 1972, v. 4, p. 247-264.

GIBELLINI, Rosino. *Panorama de La théologie au XX^e siècle*. Paris: Cerf, 1994, p. 371-398.

GUIMARÃES, V. *A Ressurreição de Jesus a partir da experiência das primeiras comunidades cristãs segundo Edward Schillebeeckx*. BH: FAJE: 2007. Dissertação de mestrado.

VASCONCELOS, A.M. de. *Um caminho novo e vivo: uma leitura da humanidade de Jesus na reflexão cristológica recente de Edward Schillebeeckx*. BH: FAJE, 2009. Dissertação de mestrado.

3 Bibliografia Geral

GONZALES DE CARDEDAL, O. *Historia, hombres, Dios*. Madrid: Crisandad, 2005.

_____. *Cristología*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.

LADARIA, L. O homem criado à imagem de Deus. In: Sesbôué, B. (dir). *O homem e sua salvação*. São Paulo: Loyola, p. 86-132.

TORRES QUEIRUGA, A. *Repensar a cristologia: sondagens para um novo paradigma*. São Paulo: Paulinas, 1999.